DANTAS BARRETO
Da Academia Brasileira

CONSPIRAÇÕES

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
166, RUA DO OUVIDOR, 166 — RIO DE JANEIRO
S. PAULO — Rua Libero Badaró, 129 | BELLO HORIZONTE — Rua da Bahia, 1055
1917

CONSPIRAÇÕES

I

Governo do dr. Rodrigues Alves. — Indisciplina nacional. — Vaccinação e revaccinação. — Conspirações. — General Olympio da Silveira e o senador Lauro Sodré. — O general Travassos subleva a escola militar. — General Costallat. — Piragibe em actividade. — Combate nas ruas. — Os alumnos sem chefe. — Fracasso das forças legaes. — O ministerio no Cattete. — Escola do Realengo. — O general Hermes da Fonseca. — O marechal Argollo na escola militar. — Prisão e distribuição dos alumnos pelos corpos.

Quando em 1902 passou ao seu legitimo substituto os poderes que detinha desde 1898, o dr. Campos Salles deixou as antipathias que resultavam de actos administrativos e policiaes largamente commentados na imprensa da capital federal. Entre estes se destacavam o que se prendia ao chamado *caso das pedras*, em cujos blocos foi envolvido o ministro da fazenda, dr. Joaquim

Murtinho, e o do augmento de preço nos *bonds* de algumas linhas urbanas e suburbanas.

Já vinha desse tempo, no Rio de Janeiro, o trabalho despersivo dos agitadores impenitentes, o qual proseguiu activamente no governo do dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, que ainda não havia transposto o marco da primeira metade do seu prospero quadriennio presidencial.

Resumindo nessa gente turbulenta o espirito de indisciplina que lavrava no paiz inteiro, desde a transformação radical das instituições brasileiras, em cujo desdobramento nunca se fez sentir, de modo resoluto, a acção do governo senão durante o periodo do marechal Floriano Peixoto, esse elemento das ruas e dos clubs, não sabendo ainda o que pretendia da administração publica, de tudo falava com o desassombro da licenciosidade brasileira, em tudo via a ruina da patria, já fatigada, aliaz, de tanta perfidia e de tanta anarchia. O clamor desconforme de semelhante massa desordenada, que se apresentava a cada momento, ainda mais furiosa pela asfixia dos escombros poeirentos em que se transformaram

as zonas centraes do Rio de Janeiro, dava a medida exacta do odio com que essa turba insidiosa se desabafava dos homens que *desacreditavam* a republica, no dizer dos seus oradores destemerosos.

No entanto, de antiga aldeia quasi deforme que era, o Rio, sob o influxo violento desse *maldito* governo, se transformava numa cidade moderna, cujas primeiras construcções deixavam perceber estylos bizarros, severos: uma capital que se entregava a cuidados hygienicos, de tal sorte, que a puzeram em destaque entre as mais bellas e saneadas do mundo.

Por outro lado, emprehendia-se a construcção do cáes, a partir da ponta do Cajú, até o velho arsenal de guerra, no porto respectivo.

A cidade começava a revestir-se de um aspecto nobre, grandioso, mas ninguem queria saber de innovações que obedeciam a uma necessidade palpitante, de vida nova. O que então se via era o homem infernal que inventara o engenheiro Passos, para flagello dos proprietarios cariocas e de tudo que obedecia a um sentimento de conserva-

ção; era a ruina flagrante da cidade velha e eram as *concessões* as mais *escandalosas*, para execução de obras monumentaes, fantasticas.

No meio dessa irritação que se não justificava, decerto, contra os poderes publicos do paiz, surgiu a lei que autorizava o governo a regulamentar o serviço de vaccinação e revaccinação em todo o territorio do Brasil, a qual constituiu o rastilho que uma faisca inflammou de repente, para determinar a explosão dos animos prevenidos. Os interessados na perturbação da ordem agitaram-se, por fim; entraram no terreno da acção e, guiando os turbulentos que os acompanhavam, chocaram-se violentamente com a força policial, em combates singulares, durante os dias 12, 13 e 14 de novembro de 1904.

Officiaes do exercito que, por habito, se envolviam em todas as causas do povo, na convicção de servirem á republica em crise, conspiravam parallelamente pelas escolas militares e nos proprios quarteis das forças arregimentadas, onde já haviam conseguido abalar os animos menos prevenidos de alguns outros officiaes, para a re-

volta que tomava proporções de séria gravidade. Nestas condições, o movimento subversivo que devia irromper nos primeiros dias de 1905, precipitou-se desordenadamente, sem um plano ainda seguro, para ter o resultado fatal das combinações tumultuarias, intempestivas.

Nada, até então, se havia preparado para um lance decisivo, cujo desfecho fosse a desorganização do governo e a sua quéda no vasio que se lhe abria, entre os proprios elementos com que contava na tropa. Os mais exaltados, porém, justificavam um golpe de audacia immediato, com os successos felizes de 15 de novembro de 1889: *tudo iria de roldão, como naquelle dia afortunado.*

Tinha-se constituido uma liga para se opôr á execução da lei que estatuia a vaccinação; por sua vez a imprensa aconselhava, em termos violentos, a reacção *contra as immoralidades* e *tyrannias da situação,* doutrinando uma folha matutina que "nada dignificava tanto um povo como a coragem de chamar a contas os opressores, os traficantes e punil-os".

Um representante da camara alta, refe-

rindo-se á crise que alarmava o paiz inteiro, dizia:

«Isso que ahi temos como fórma de governo, é uma republica falsificada e que, sendo a lei da vaccinação um acto de força, deve haver a repulsa, a resistencia até á bala, porque á nação assiste o direito de repellir a força pela força».

No dia 14 de novembro os acontecimentos chegaram á maxima tensão: nas ruas e nas praças o povo atirava-se contra a policia, numa furia tigrina, para debelar um mal que se não fazia sentir. Foram então designados contingentes do exercito para auxiliarem o policiamento, afim de se dar algum descanço áquella força, quasi vencida na luta de muitos dias successivos. E, emquanto a policia era hostilisada pelo povo amotinado, que se utilisava de todas as armas na sua agressão insensata e brutal, a força de linha recebia aplausos calorosos e confraternisava com os elementos populares. Esta circumstancia que, decerto, não obedecia a um plano calculado nas trevas, animou singularmente aos conspiradores, que julgaram chegado o momento de precipitar a torrente, e concertaram o

lance decisivo para a noite desse mesmo dia.

No entanto, pelas escolas militares apenas raros alumnos, e estes graduados, estavam iniciados nos misterios da revolta incipiente. Os chefes guardavam o sigillo que o momento vago exigia, convencidos, como estavam, de arrastarem facilmente os estudantes militares, e mesmo conduziremnos á peleja, sem que elles soubessem para onde os dirigiam.

Dos officiaes compromettidos nos successos que se avolumavam na capital, reuniram-se os mais activos no *club militar* e decidiram enviar um *embaixador* ao Cattete, afim de intimar o presidente da republica a pôr termo ás lutas que se travavam a cada passo nas ruas da cidade.

Essa intimação, em fórma de conselho, divulgada immediatamente até pelos suburbios mais distantes, era o brado sinistro que chamava os amotinados a postos combinados para a investida definitiva, cujo arrastão devia levar os inimigos do povo, assim considerados os que se haviam collocado ao lado do governo.

Foi incumbido daquella audaciosa missão o austero general Antonio Olympio da Silveira, official muito considerado no exercito pelo seu valor, aliaz provado em mais de uma campanha e na defesa das instituições republicanas do paiz.

Esse general não fazia parte dos agitadores que impulsionavam a revolta, mas sangrando-lhe ainda a ferida que lhe haviam aberto no coração, ao retirar-se das longinquas regiões acreanas, por urdiduras e intrigas de que não pudera escapar, cedeu ás injuncções do momento e foi ao Cattete.

Os que o lançaram na corrente, já volumosa, dos rebeldes em acção, esperavam o resultado da sua entrevista com o presidente da republica, na ancia de uma victoria segura, tal era o valor que attribuiam ao destemido soldado.

Effectivamente, o general Silveira era um brasileiro digno de respeito pela sua conducta no exercito nacional, desde praça de pret, mas não conhecia a paixão das massas que se movem tangidas pela desordem, pelo prazer da destruição e pelo sentimento da anarchia. Tinha-se habituado á vida methodica da sua nobre profissão, á since-

ridade dos seus companheiros de todas as jornadas civicas ou militares, na paz como na guerra e, por isso, desconhecia o veneno que os homens destillam em sua linguagem perfida, quando é preciso fazer mais uma victima. Foram buscal-o no seu retiro do *Curato de Santa Cruz*, em cuja serenidade bucolica mal refazia as forças perdidas nas solidões do Acre, para lançal-o no desconhecido de uma aventura infernal, de onde voltara quasi humilhado: triste joguete do destino, objecto de curiosidade perversa.

Recebido friamente pelo presidente da republica, em plena reunião de ministros e alguns homens politicos, sem uma resposta significativa ás suas ponderações, aliaz impertinentes, o general Olympio da Silveira desceu a escadaria do Cattete, talvez inconsciente do seu terrivel desastre e, atordoado, vencido como um diplomata inhabil, foi, para maior tortura, referir a sua angustiosa historia — porque o dr. Rodrigues Alves apenas lhe dissera que se *fosse entender com o ministro da guerra*. E este nada lhe respondera.

Dahi, não podendo mais fugir ás tramas

de tão singular tecido, entregou-se discrecionariamente aos manejos da situação.

Depois, o que nelle se via era a sombra do antigo soldado valoroso, cujo prestigio compromettera numa arriscada insensata.

Naquella mesma reunião do club militar se havia definitivamente assentado, que o general *Sylvestre Rodrigues da Silva Travasos* e o senador Lauro Sodré se encarregariam de revoltar o pessoal da escola militar do Brasil, o qual devia montar por uns 700 alumnos, inclusive duzentos officiaes.

Na escola militar do Realengo ficaram encarregados de igual missão o major Gomes de Castro e o capitão Antonio Augusto Mendes de Moraes, que arrastariam em sua passagem, de regresso, o 20.º batalhão de infantaria e o 5.º regiemnto de artilharia estacionado no Campinho, bem como os contingentes que fossem apparecendo em seu trajecto.

Tudo assim organizado, sob o commando do general Olympio da Silveira, marcharia este sobre o Cattete, onde essa columna se devia encontrar com a escola militar da *Praia Vermelha*, ao mando do general Tra-

vassos e, reunidas as duas forças, deporiam o governo federal. Fôra tambem convencionado que, uma vez triumphante o movimento rebelde, o dr. Lauro Sodré assumiria a dictadura e o mais se passaria, dahi em diante, nos moldes da situação dominadora.

Viriam então as represalias brutaes, os desabafos rancorosos: Syla ou Mario num guerreiro theorico, se fosse possivel Sodré demorar-se um dia no Cattete.

E, comtudo, os organizadores de tão mal esboçada comedia politica, não comprehediam que o desfecho desta jamais seria o que ingenuamente architectaram, nos conciliabulos do *club militar* e nas palestras animadas dos botequins ruidosos.

O general Travassos não entregaria, decerto, o governo da republica ao seu companheiro de jornada. Não seria um segundo quando podia ser o primeiro.

Fizera campanhas gloriosas: no Paraguay e no Rio Grande do Sul; lutara contra os inimigos da patria e contra os inimigos da republica. Era um official valente, relativamente illustrado e attingira á posição de general de brigada com longos estadios de

um posto a outro. Não conheceu a vertigem dos accessos militares numa partilha de graças republicanas, em que a maior parte dos favorecidos apenas saiam dos arraiaes da monarchia, em cuja atmosphera podre se encontravam á vontade.

Não obedecia a um trabalho seguro, anterior, pelas corporações militares da guarnição, o golpe que nesse dia se preparava. Havia ali apenas alguns officiaes subalternos sympathicos ao movimento. Os chefes, em geral, eram estranhos á subversão da ordem, ou não acreditavam no exito de um levante contra o governo.

Desde alguns dias o povo ameaçava os edificios publicos federaes, aliaz disseminados pela cidade, sem um plano de defesa combinado, muito distantes entre si e, por isso, viu-se o ministro da guerra na contingencia de distrair todo o pessoal dos corpos por esses pontos, afim de guardal-os de assaltos, inevitaveis sem estas precauções, na furia dos elementos profundamente agitados. Os quarteis ficaram, assim, guardados por fracos destacamentos e nenhuma medida se havia tomado para concentração

das tropas, caso fosse necessario agir com fortes contingentes.

Chegou o momento da execução combinada e, ás cinco horas da tarde, viu-se passar, com destino á Praia Vermelha, resoluto e calmo, o general Silva Travassos com alguns officiaes alumnos, para o desempenho do seu delicado compromisso.

Antes, das quatro para as cinco horas da tarde, havia chegado áquelle estabelecimento de instrucção technica militar, o seu respectivo commandante, general de brigada José Alipio Macedo da Fontoura Costallat, que tinha sido advertido, pelo ministerio da guerra, do que se devia passar na escola.

O general Costallat não conhecia bem os segredos, as virtudes e os defeitos da vida militar. Não sabia que no meio da ordem, da attitude habitualmente respeitosa do soldado, uma ideia inflammada por palavra quente, resoluta, em que se lhe figure haver um pensamento patriotico, generoso, póde, muitas vezes, produzir revoltas cujos effeitos se não medem precisamente.

Faz lembrar o oceano calmo, que um

tufão raivoso agita de repente, para lançal-o, no desespero da sua revolta, contra os rochedos e penhascos que se erguem nos seus flancos.

Esse general assentou praça como alumno, na escola que então dirigia, e jamais soube o que fosse a vida militar, em estagio formal, nas casernas de um regimento.

Saiu daquelle antigo estabelecimento como tenente do estado maior, para a *burocracia* das repartições militares, sempre favorecido pela sorte, de modo que nunca sentiu os desalentos dos seus camaradas que soffreram as aperturas das *Forcas Caudinas*. Irritado, talvez, por não lhe proporcionarem trabalho na altura das suas habilitações theoricas, voltou como professor para uma escola do exercito e assim foi galgando postos, até que ascendeu á posição de director commandante do collegio militar do Rio de Janeiro, onde conquistou os bordados de general de brigada, sem nunca haver dirigido força arregimentada.

Era esse official que se tinha de haver com o general Travassos, na Praia Vermelha, onde o agitador fez a sua entrada uma hora depois do outro general.

Ao chegar á escola nenhuma alteração observou o general Costallat que lhe désse a perceber o menor deslise do seu pessoal para o levante que se tramava ali, tanto mais quanto, durante o expediente, tudo se havia passado como nos dias communs. E isto era ainda confirmado pelos trabalhos que executava uma turma de alumnos, em exercicios praticos.

Nenhum dos seus auxiliares presentes, a quem o general interrogou, lhe transmittiu qualquer informação que lhe causasse a mais leve estranheza.

O general Travassos apresentou-se fardado e armado e, desde logo, se viu cercado de muitos alumnos, aos quaes falou com firmeza, dizendo que estava nas ruas da cidade um movimento revolucionario semelhante ao de 1889 e que *ia buscar a escola para o centro dos acontecimentos. A patria exigia mais um sacrificio da mocidade militar:* era preciso consummal-o. Centena de vozes, no delirio do enthusiasmo, reboaram freneticas, victoriando o general rebelde. E essa explosão electrica, incendiaria, chegou até o gabinete do general Costallat, que desceu apressadamente do

pavimento superior onde se achava, para se informar do que occorria em baixo, na praça do estabelecimento. Dirigindo-se ás arrecadações de armamento, já em caminho foi encontrando alumnos armados e municiados, aos quaes debalde procurou conter.

Ao ver o general Costallat movimentar-se, Travasos comprehendeu que não havia tempo a perder e, dirigindo-se ao seu collega, intimou-o a não proseguir no seu empenho inutil. Então occorreu uma scena muito viva, emocionante e rapida. Os alumnos, em grande numero, já preparados e dispostos para a luta, reuniram-se em torno dos dois generaes e assistiram este episodio:

«General, disse Costallat a Travassos, o commandante desta escola sou eu. Foi a mim que o governo confiou a sua direcção.»

A essa advertencia respondeu Travassos:

«O commandante desta escola agora sou eu. V. ex. considere-se preso em nome da revolução.»

Sem ter mais como reagir, atraiçoado evidentemente por camaradas em cuja lealdade confiára até pouco antes, Costallat retrucou:

«Por falta de elementos de resistencia, abandonado, considero-me preso. Rogo a v. ex. não consentir que um general seja desacatado por homens da mesma profissão.»

E tirando a espada do talim, num gesto altivo e cavalheiresco, entregou-a ao general Travassos que, por sua vez, a entregou a um official.

Depois encaminharam-se todos para o estado maior da escola, onde ficou o general Costallat preso, com sentinella á vista. Só então appareceu o senador Lauro Sodré, que logo se entendeu com Travassos a respeito do ex-commandante da escola, a quem por fim deixaram em plena liberdade.

Retirando-se do estabelecimento foi Costallat acompanhado por varios officiaes da administração e pelo general Travassos. O general Costallat, dirigindo-se a seu collega em despedida, pronunciou as seguintes palavras que rapidamente passaram de boca em boca: «General, seja feliz». Era flagrante a ironia de Costallat.

Consummada a sublevação da escola mi-

litar, estava dado o primeiro passo para a victoria do movimento sedicioso.

E no entanto, grande parte dos alumnos ignorava do que se tratava e o que pretendiam delles.

Os principaes responsaveis pelo momento subversivo, não confiando bastante no exito da sua causa, guardaram cautelosamente o segredo das respectivas combinações, para que os estudantes militares fossem apanhados de surpreza e não pudessem reagir contra o facto consummado. O que á ultima hora souberam, por lhes haver communicado o general Travassos, é *que a revolução estava na rua, donde só triumphante poderia voltar*. Por esse motivo se armavam quasi indifferentes e porque lhes diziam, ameaçadoramente, que era preciso agir sem perda de tempo, *como na gloriosa jornada de 89*.

Mas, no meio de tudo isso, já em fórma os alumnos, verificou-se que não havia munição nem para um terço do pessoal!

Foi grande a contrariedade que resultou de semelhante nova, mas nem por isso desanimaram os officiaes já compromettidos: mandaram immediatamente á fortaleza de

S. João arrecadar, mesmo com violencia, a munição que houvesse em deposito para infantaria. E esperou-se com impaciencia nervosa o resultado de tão audaciosa expedição.

Quando, mais tarde, o general Travassos soube que não só se havia recusado a munição solicitada, como tinham fugido ou se detido os emissarios enviados para aquelle fim, começou a perceber que se havia illudido categoricamente e que os homens que o haviam lançado á semelhante aventura de fundos despeitos, não lhe tinham falado a linguagem da sinceridade, com que estava habituado na caserna, onde não se conheciam embustes nem deslealdades grosseiras. Tinham-lhe afiançado que as tropas estariam *preparadas á primeira voz; que a um signal combinado tudo correria ás armas para o desmoronamento do edificio governamental, arruinado pelos embates do despotismo impiedoso de um governo que nem respeitava o pudor das familias e que se apartava da constituição para assassinar o povo, que bradava pela reivindicação dos seus direitos abolidos, pela victoria da sua liberdade perdida!*

Tinham-lhe dito isso e elle acreditara-o sem relutancia.

Havia mais uma causa que determinara o general Travassos a tomar o partido do povo, nesse revolvimento de paixões candentes: era a preterição recente que soffrera no posto de general de divisão. Esse facto doera-lhe fundo, exasperara-lhe a vaidade militar, abraza-lhe o cerebro e, na primeira vaga do turbilhão sedicioso que o apanhara, foi-se para não mais voltar.

Tinha avançado de mais para as bordas do precipicio e já não podia retroceder: uma força estranha lançara-o no vulcão hiante. Entregou-se resoluto aos elementos desconhecidos e appellou para o destino.

Não teve tempo de medir as proporções do desastre que o esperava!

Conduzia-o a fatalidade!

Mas, então, era preciso agir sem desfallecimento. Mandou distribuir a munição que foi encontrada na escola e, em seguida, partiu á testa dos alumnos, sem a mais elementar disposição de combate. A revoltosa columna, já desanimada, tinha o aspecto lugubre de um prestito funerio, cujo desdobramento se tornava ainda mais si-

nistro, pela marcha lenta de um canhão Krupp que rolava na frente, ao triste cair da noite.

Já em meio á rua da Passagem a vagarosa columna fez alto, e desde logo se percebeu que alguma coisa de anormal se passava pelas immediações do populoso sitio, alegre nos dias de socego, e cujos palmeiraes, traçando linhas rectas no sombrio espaço, pareciam sentinellas gigantescas, velando pela sorte da republica, naquelle momento de duvidas e receios fundos.

A' mesma hora, do lado oposto, se approximavam a brigada policial e o 1.º batalhão de infantaria do exercito, tudo sob o commando do general de brigada Antonio Carlos da Silva Piragibe, cuja força devia montar em dois mil homens. Dado o encontro das tropas antagonicas numa aproximação lamentavel, emissarios de Piragibe partiram immediatamente, levando a Travassos formal intimação de se render em nome da legalidade.

A esse arrogante *ultimatum* o general Travasos respondeu por intermedio do alferes alumno C. Cavalcanti, que Piragibe se retirasse em tempo, porquanto elle com-

mandava forças superiores, disciplinadas e enthusiasticas, que não sabiam render-se com as armas na mão.

Diante de tal resposta energica e terminante Piragibe mandou romper fogo pela força de vanguarda, sendo logo attingidos pelos projectis lançados profusamente o general Travassos e diversos officiaes da columna rebelde. E, ainda assim, o commandante da escola mandou estender em atiradores e fazer fogo. Estabeleceu-se então violento tiroteio no qual os alumnos, já desordenados, no atordoamento de tão inesperado ataque, atiravam a esmo, desordenadamente, até mesmo contra os companheiros de luta.

No entanto as forças do governo, apavoradas por insistentes descargas da fuzilaria contraria que, na imaginação daquellas, crescia de momento a momento, numa proporção fantastica, abandonaram o terreno da peleja, ficando apenas em campo o general Piragibe, que não sabia fugir. E, até o estado maior deste official poz-se em fuga, precipitadamente, com receio dos alumnos que, entretanto, já não tinham direcção nem objectivo.

Sem tropas para dirigir, e até sem os seus auxiliares immediatos, o general Piragibe se retirou tambem, maldizendo a sorte que o conduzira ali. E o que observou em seu doloroso caminho, de regresso ao palacio do Cattete, produziu-lhe a mais desoladora tristeza e a mais viva indignação.

Armas atiradas á rua, quasi inutilizadas; soldados em marcha violenta, ainda assombrados; outros galgando atropelladamente os *bonds* que passavam para a cidade e outros, por fim, denunciados pelos garotos, immersos até o pescoço, nas aguas da enseada de Botafogo, eis o espectaculo que Piragibe foi observando em seu trajecto, á luz dos lampeões que ainda restavam, no prolongamento das ruas quasi desertas.

Por sua parte, os alumnos sem chefe, sem direcção, sem saberem que fazer; quebrada a cadeia que os prendia á disciplina; entregues a si mesmos, retrocederam para a escola, afim de organizarem resistencia no estabelecimento, visto não lhes occorrer medida mais rasoavel no momento.

Uma vez na Praia Vermelha, designaram o tenente Tertuliano Potyguara para os di-

rigir, de modo que tivessem um chefe com quem se pudessem haver em qualquer emergencia, dahi para diante, até onde os conduzisse a fortuna.

O tenente Potyguara, official ponderado e criterioso, aprehendeu com muita lucidez, toda a gravidade da situação e tratou de preparar o espirito dos seus companheiros de jornada para abandonarem a ideia de uma resistencia na escola militar. E agindo desde logo como chefe, para que fossem recolhidos, sem perda de tempo, os alumnos mortos e feridos, determinou aos que se apresentaram para execução de tão piedoso serviço, aliaz em grande numero, que iniciassem os seus penosos trabalhos. E dentro de poucas horas se achavam as victimas da sua propria inexperiencia no edificio da escola militar, onde os feridos começaram a ser tratados com interesse pelos respectivos medicos.

Conhecido o fracasso da força legal no encontro com os alumnos, em Botafogo, pelas informações do coronel Pedro Paulo, commandante do 1.º batalhão de infantaria e, depois, pelo general Piragibe, cuja pre-

sença inesperada no Cattete produziu o maior desapontamento aos membros do governo, cuidou-se de mandar alguns navios tomar posição nas proximidades da escola militar, que ainda inspirava sérios receios, não obstante se haver divulgado, com prodigiosa rapidez, a noticia dos ferimentos que puzeram o general Travassos fóra da acção.

No velho estabelecimento da *Praia Vermelha,* serviu-se uma ligeira refeição aos alumnos e, quando se achavam estes no auge das expansões que os acontecimentos do dia provocaram, ouviram-se os primeiros disparos dos canhões de bordo, cujos projectis, decerto por convenção, foram cair além ou aquem do edificio.

Os successos tomaram proporções inesperadas. O governo, pela boca dos seus canhões, pretendia fazer acreditar que estava preparado para esmagar os elementos rebeldes em actividade, mas que era tempo destes reflectirem sobre a sorte que lhes aguardava o futuro, para se não comprometterem ainda mais.

A' voz sinistra do canhão alguns dos estudantes estremeceram, perderam a calma

e foram procurar abrigo em lugares seguros. Os outros, conservaram-se indifferentes á essa demonstração da vigilancia naval, que agia no cumprimento do seu dever. Repetiram-se os disparos durante a noite, pausadamente, e esse facto irritante deu lugar a que os alumnos entrassem em preparativos de uma resposta categorica. Mas, intervindo com prudencia, o tenente Potyguara conseguiu acalmar os animos dos excitados.

No Cattete continuava o assombro das primeiras horas. O presidente da republica e o ministerio, reunidos, examinavam a situação do momento e não achavam em que apoiar a acção do governo, que precisava de um acto forte, capaz de tiral-o da angustiosa defensiva que o humilhava aos olhos do corpo diplomatico e do commercio estrangeiro.

Perguntado ao ministro da guerra com que elementos podia contar na guarnição da capital para antepol-os á desordem quasi victoriosa, respondeu o marechal Argollo que, no momento não podia informar com precisão qual a força em disponibilidade.

porque quasi toda fôra empregada em guarda dos estabelecimentos publicos ameaçados, em pontos distantes. O ministro da marinha, em face dessa informação pouco tranquilisadora, apressou-se em convidar o dr. Rodrigues Alves a se transportar para bordo de um navio de guerra, onde ficaria ao abrigo de um possivel golpe de audacia, mas o chefe do governo recusou terminantemente o conselho do seu leal ministro.

Em tal emergencia o titular da justiça, dr. José Joaquim Seabra, tomou a palavra e garantiu que organizaria, nas melhores condições, a resistencia do governo.

E, de facto, com os restos da força policial que havia ficado nos quarteis, o batalhão de infantaria de marinha e o pessoal da guarda de palacio, o activo ministro formou um grosso contingente, que ficou nas immediações do Cattete, dirigido em pessoa pelo chefe da casa militar, coronel Antonio Geraldo de Souza Aguiar e sob as ordens immediatas do governo.

O ministro da guerra consultou, mais tarde, a varios commandantes de corpos se, em caso de ser necessario um ataque á escola militar, poder-se-ia contar com força

sufficiente, nos quarteis respectivos, para aquelle fim, ao que responderam affirmativamente os chefes militares: era possivel a organização de um pequeno corpo de tropa das tres armas principaes.

Mas, a quem se entregaria a direcção dessa força, cujo commandante devia ser um official de absoluta confiança!

Então citaram-se diversos nomes de chefes capazes, até chegar-se ao do coronel José Caetano de Faria, por quem se responsabilisava o marechal Argollo, que affirmava tratar-se de um official competente, muito popular entre os seus camaradas da guarnição. E neste sentido decidindo-se o governo, expediram-se as ordens ao general chefe da região militar.

Tudo, porém, assentado para a investida sobre a Praia Vermelha, marchou a tropa da *praça da Republica* afim de aguardar ordens no Cattete e dahi continuar a sua derrota áquelle antigo estabelecimento, que apoiava as extremidades da sua frontaria nas encostas da Urca e da Babylonia. Informado, entretanto, de que os alumnos tinham voltado para a escola, mandou-se um official ao encontro da força em cami-

nho, para que esta fizesse alto, onde quer que fosse encontrada.

Então, sómente o coronel Faria devia apresentar-se no Cattete para receber as ordens, que seriam de avançar a columna sob seu commando ao clarear do dia sobre a escola militar, que devia ser tomada de assalto.

Nesse velho instituto a situação era ainda afflictiva e nem ao menos se sabia o que se passava com o senador Lauro Sodré, cujo desapparecimento ainda em começo da luta, deixara os alumnos na mais afflictiva posição. O tenente-coronel Sodré havia saido da Praia Vermelha em companhia dos estudantes, junto á bandeira, mas desde o choque das duas forças á rua da Passagem, poucos o viram na columna a que tinha ligado o seu destino, nessa audaciosa jornada. Só depois de tudo acabado se veiu a saber das peripecias que o envolveram no momento agudo dos successos.

Os alumnos, comtudo, passaram o resto da noite nas mais torturantes cogitações e ao romper do dia o tenente Potyguara, pesando criteriosamente a immensidade do desastre que os ameaçava, reuniu-os com

vivo interesse, declarando-lhes que o movimento estava por completo abafado e que os companheiros que tivessem familia na cidade, podiam desde logo se retirar: "elle ficava no estabelecimento para assumir a responsabilidade dos acontecimentos".

Era um acto que evidenciava esse official no sacrificio, mas a sua causa trazia os vicios da desordem, da indisciplina e por conseguinte os que o seguiram conscientemente, apaixonadamente, deviam ter o mais implacavel correctivo da lei.

Lauro Sodré fôra attingido por uma bala de fuzil, de cuja ferida rojava bastante sangue. Nessa occasião o alumno Luiz Carlos da Costa Netto e outros companheiros fizeram Sodré apear-se do cavallo que montava nesse dia e levaram-no para a casa de um medico, nas immediações do sitio em que se achavam e onde o deixaram aos cuidados daquelle profissional e de sua familia.

Sodré cumpriu o seu dever de honra.

Pelo Realengo os factos não se passaram com melhores auspicios.

No desempenho do plano combinado, o

major Gomes de Castro e o capitão Mendes de Moraes por sua vez, se dirigiram áquelle povoado com o fim de sublevarem a escola militar que ali existia. Foram, entretanto, observados pelo commandante do respectivo estabelecimento que, aliaz, já se retirava para a capital com o animo desprevenido, confiante na calma que acabava de observar no corpo de alumnos.

Esse commandante era o general de brigada Hermes Rodrigues da Fonseca, official ainda quasi desconhecido dos elementos cívis da nação.

Já no trem que o devia conduzir, o general Hermes foi avisado de que aquelles dois militares desciam de outro comboio, ainda em movimento na estação, procurando fugir á curiosidade das pessoas que os observavam.

Comprehendendo que Mendes de Moraes e Gomes de Castro não appareciam ali, em tal momento, senão com fins subversivos junto aos estudantes, o general saltou do vagão, tambem já em movimento e se dirigiu, resolutamente, para a escola. Por seu lado, Gomes de Castro, observando que o general voltava apressado áquelle instituto

de ensino militar, tomou para o 20.º batalhão de infantaria, onde foi bem recebido pelos officiaes e praças, então no quartel. E esperou.

Avaliando o momento em torno de si, o general Hermes, apezar de lhe faltarem elementos de resistencia e saber, além disso, o que se passava lá fóra, onde as paixões mais vivas se tornavam, manteve a linha das suas grandes responsabilidades, sereno, imperturbavel.

Quando julgou conveniente deixou o seu gabinete, mandou dar o toque de reunir e, uma vez formado, falou com firmeza ao pessoal, em columna cerrada de pelotões: "Que acabava de chegar ali o major Gomes de Castro, official decerto intelligente, republicano ardoroso, mas ainda sem a percepção nitida dos deveres que lhe pesavam como soldado. O major Gomes de Castro tinha por objectivo a sublevação da escola, mas que elle, consciente do que lhe impunha a honra militar no cargo que lhe confiara o governo da republica, commandaria em pessoa os seus camaradas, afim de guial-os na pratica do respeito e da ordem, quando fosse necessario fazel-o e terminou

perguntando se podia contar com elles nesse terreno, e se estavam á vontade sob a sua direcção".

A' esta consulta animada e habil responderam os estudantes por uma voz: "que estariam contentes ao lado de seu chefe, quaesquer que fossem as vicissitudes do momento".

E, já forte pelo apoio dos alumnos, orientados para as boas normas, o general sentiu rorejar-lhe a fronte o sopro de uma grande conquista e respirou desabafadamente. Em seguida mandou fechar o portão principal do edificio.

Então já tinham penetrado no estabelecimento o major Gomes de Castro e o capitão Mendes de Moraes, bem como o civil Pinto de Andrade, que bradava possesso: "prendam o general, prendam o general". Dahi se originou um pequeno conflicto, em que se envolveram os encarregados do levante, alguns alumnos e officiaes do corpo administrativo, o qual terminou com a prisão do major Gomes de Castro, que recebeu um ferimento, e do civil Pinto de Andrade. O capitão Mendes de Moraes apoz ter alvejado o secretario da escola, evadiu-

se precipitadamente, para se abrigar no quartel do 20.º batalhão, que se preparava para marchar com destino á capital.

A situação continuava incerta e o governo ainda via nuvens sinistras no mysterioso firmamento do Rio de Janeiro, porque não conhecia precisamente o espirito das tropas, em cujas fileiras havia elementos suspeitos, que se podiam ter manifestado em qualquer unidade, de fórma alarmante e communicativa.

Esperava-se com impaciencia o clarear do dia.

As forças do coronel Faria haviam seguido ao seu destino e ás 5 ½ horas da manhã já eram observadas da Praia Vermelha.

Os alumnos, trepados pelas muralhas da antiga fortaleza, observavam os movimentos da columna, aliaz muito cautelosa ainda, pela praia de Botafogo. Desde então tornou-se grande a impaciencia dos estudantes militares, principalmente porque não conheciam as intenções das autoridades que dirigiam a tropa, em marcha, decerto para hostilisal-os. E na cadencia em que se mo-

via, só ás 8 horas poude a força chegar á escola. Acompanhava o ministro da guerra, marechal Argollo, o ministro da viação, major Lauro Müller, a cavallo.

Não houve a menor demonstração de resistencia: a praça entregou-se á discreção dos seus *adversarios*.

A' entrada da força no estabelecimento apresentaram-se ao ministro da guerra os poucos officiaes que ainda ali se achavam, inclusive o tenente Potyguara.

Era completo o exito da expedição e, por isso, o marechal Argollo lançando um olhar victorioso em torno, mandou executar o toque de reunir; formaram os alumnos presentes, na praça interior do edificio e, uma vez divididos em pelotões, seguiram ladeados por fortes contingentes da força publica, a pé, na dura contingencia dos vencidos. Sensibilisado pela sorte adversa que acabava de attingir aos alumnos, o ministro das obras publicas propoz-se conseguir os bonds que fossem necessarios para transporte dos estudantes, alvitre que o ministro da guerra aceitou sem a menor contrariedade. Meia hora depois chegaram os bonds. Occupados rapidamente, partiram os

vehiculos cheios, com destino ao quartel general do exercito.

Nesse penoso trajecto, cuja distancia augmentava na proporção das contrariedades em que já se debatiam os moços militares, o que observaram os curiosos das ruas, eram rapazes quasi sem responsabilidades, arrastados ás miserias de uma revolta sem orientação e sem objectivo elevado.

Pelo bairro de Botafogo a consternação era geral: senhoras e cavalheiros, conhecidos ou não, todos tinham o coração dilacerado ante esse pungente espectaculo, que fazia recordar as levas de condemnados russos, em busca do desterro, nos gelos eternos da Siberia, onde deviam expiar o crime de pretenderem a liberdade de seu paiz.

E, afim de rematar-se esse quadro de estranha movimentação, determinou-se para ás dez horas dessa manhã sinistra o enterro dos que haviam perecido no encontro da noite passada. A essa hora o prestito vagaroso, solemne, seguiu o mesmo caminho do outro até a rua General Polydoro, e dahi para o cemiterio de S. João Baptista.

Os alumnos presos foram, no quartel ge-

neral, distribuidos pelos corpos do exercito, ficando incommunicaveis nas unidades que os receberam, na guarnição da capital, os que deviam responder a conselho de investigação e de guerra.

Os que não eram officiaes foram mais tarde excluidos do exercito, para voltarem, finalmente, envolvidos no manto protector de uma amnistia completa.

Tal foi o desfecho categorico desse movimento, que obedeceu mais a caprichos inconfessaveis de individuos sem responsabilidade politica do que a sentimentos de liberdade e justiça, que exigissem uma acção reivindicadora.

Convém accentuar, por ultimo, que outros generaes, alias muito conceituados nesse tempo, se conservaram disfarçados nas immediações do velho estabelecimento militar, afim de observarem o que ali se passava, para então se decidirem.

Era um meio commodo e seguro de aparecer no triumpho, sem compromissos para os cargos evidentes.

Tambem muitos civis e entre elles o dr. A. V., estiveram na escola com o tenente-coronel Lauro Sodré, os quaes sairam jun-

tamente com os alumnos até a debandada das forças, na rua da Passagem, no momento em que o general Sylvestre Travassos, mortalmente ferido, se retirava para uma casa particular, da qual foi retirado preso para o hospital central do exercito, onde veiu a fallecer dos ferimentos recebidos, poucos dias depois.

———

II

O general Hermes começa a chamar a attenção do paiz. — Manobras militares de 1905. — Promovido, o marechal Hermes deixa o commando do districto e em seguida é nomeado ministro da guerra do dr. Affonso Penna. — Reorganização do exercito. — Candidatura do marechal Hermes á presidencia da republica. — manobras do exercito allemão em 1908. — Politica militar do presidente da republica. — Partida do ministro da guerra e do general Luiz Mendes de Moraes para Allemanha.

Foi por entre manifestações de indisciplina militar e social que, em 1904, o general Hermes Rodrigues da Fonseca começou a chamar a attenção do paiz inteiro, com raro destaque.

Nomeado, logo depois de suffocado o movimento rebelde de novembro, commandante do 4.º districto militar, com séde no Rio de Janeiro, foi o general Hermes avultando de tal forma nas sympathias do povo, que parecia, francamente, o arbitro da si-

tuação nesse momento ainda perturbado da vida nacional.

Apaixonado pela carreira das armas, cuja profissão adoptara ao deixar a escola de humanidades; prestigiado pelo governo federal, que tudo lhe facilitava para o desempenho do seu alto cargo, bem cedo comprehendeu Hermes que tambem havia conquistado a confiança das tropas sob seu commando.

Era alguma coisa para um general que não queria muito.

O tedio da inercia miliar; o abandono da disciplina com os seus corollarios perniciosos, tal era então o estado predominante das forças federaes na capital da republica. O general Hermes comprehendeu a necessidade de restabelecer a confiança do povo na força da guarnição e começou a movimentar todas as unidades militares, em exercicios e paradas, a que assistia frequentemente, acompanhado do seu estado-maior.

Nos quarteis a vida tomava outro aspecto. O abandono dos habitos e costumes militares, cedeu a uma actividade systematica, em que officiaes e soldados se occupa-

vam, durante as horas do expediente, de trabalhos inherentes á sua profissão.

Dentro de poucos mezes o moral das tropas federaes se elevou ao ponto desejado e o abatimento que resultou da insurreição abafada, em que tomaram parte saliente as escolas da Praia Vermelha e do Realengo, transformou-se em communicativa satisfação, de individuo a individuo, na população do Rio de Janeiro.

O governo percebeu que Hermes tinha qualidades de organizador militar e, apezar dos resentimentos que a nomeação desse official causara no circulo dos seus competidores preteridos, o Dr. Rodrigues Alves cercara-o das maiores attenções e de recursos, comtanto que ao commandante do 4.º districto nada faltasse para o exito integral da sua delicada missão.

Algum tempo depois a guarnição do Rio de Janeiro havia passado por uma transformação victoriosa em sua estructura geral e, por isso, crescia ainda mais o prestigio daquelle official, que se fazia o mais popular dos generaes brasileiros. O ministro da guerra e o chefe do estado-maior bem sentiram os effeitos dessa corrente sympathica,

mas disfarçaram, para se não trairem. Todas as graças de uma instinctiva preferencia pareciam conspirar em favor desse homem modesto na aparencia e simples nos habitos e costumes.

Para movimentar a tropa e estimular-lhe qualidades que ella havia esquecido com os habitos de guarnição quieta, o general Hermes tratou de organizar grandes manobras em região distante da capital, onde se formasse um conjunto de tres a quatro mil homens, sob a sua direcção immediata, na primavera. Mais ou menos contrariado neste empenho por obstaculos de alguma ponderação, entendeu-se pessoalmente Hermes com o dr. Rodrigues Alves sobre o caso e o resultado foi o presidente da republica facilitar-lhe, já para esse anno, tudo que se fazia mister ás manobras do exercito.

Resolvidas as principaes difficuldades e, chegando a epoca da mobilização, em fins de agosto ou principios de setembro, partiram as forças da capital federal para os campos de *Santa Cruz*, onde bivacaram na terceira jornada. Hermes, já então elevado a general de divisão, mostrava-se radiante pelo exito dos primeiros movimentos estra-

tegicos da marcha e pela confiança que sentia avultar em torno da sua individualidade, entre soldados e officiaes.

Estava consolidado o seu prestigio militar e quem lançasse as suas vistas para além das fileiras, encontraria tambem, no sympathico general, o homem que seria elevado pela fatalidade ás mais altas posições politicas de seu paiz. Estavam com elle os segredos dos triumphos rapidos nos momentos agudos do Brasil, acreditava-se.

As manobras dessa formosa primaveira em Santa Cruz, não tanto pela execução, aliaz animada, como pela novidade dos dispositivos, impressionaram magnificamente o elemento official, e o povo que tudo vê, sentiu nos regimentos que evoluim em vastas planuras raramente accidentadas a alma nacional vibrar emocionada pela ideia de força.

Em maio de 1905, por occasião do seu anniversario natalicio, fizeram ao general Hermes manifestações das mais ruidosas que se viram até então no Rio de Janeiro a um militar, e a que toda a officialidade,

em transito ou residente na capital, compareceu, disputando, cada um, a primasia da maior cordialidade para com o chefe querido.

Seu prestigio cresceu ainda mais no ultimo anno do governo do dr. Rodrigues Alves, de modo que, entre os palpites de generaes para ministro da guerra, na presidencia do dr. Affonso Penna, cujo periodo começava em 15 de novembro de 1906, figurava elle com a insistencia das grandes probabilidades. De facto um politico mais ou menos habil, que examinasse a situação dos generaes brasileiros nesse momento, não vacilaria na escolha de Hermes, embora com preterição de antigas affeições pessoaes.

Promovido a marechal ainda pelo dr. Rodrigues Alves, deixou o commando do 4.° districto militar, visto continuar na chefia do estado-maior um divisionario a quem preterira e de quem deveria receber ordens. E nessa disponibilidade, em que os seus camaradas o cercaram das maiores distincções, foi o Dr. Affonso Penna buscal-o para ministro do seu governo, como significação exacta do ideal militar bra-

sileiro, nessa phase de esperanças reformadoras. As sympathias que conquistara das classes preponderantes do paiz não arrefeceram com a sua elevação ao ministerio da guerra, porque nessa posição, onde alguns se afastam do antigo convivio, elle manteve os mesmos habitos, a mesma linha democratica.

Nesse lugar culminante de administração foi o marechal Hermes encontrar fartos elementos para o emprego da sua prodigiosa actividade militar. E teve ensejo de realizar a maior das suas aspirações profissionaes: a reorganização do exercito. Era um emprehendimento audacioso, num paiz cujos governos jamais cogitaram da defesa nacional, mas o marechal Hermes enfrentou-o galhardamente. Um trabalho de tamanha responsabilidade, dependia de vastos conhecimentos technicos profissionaes, porque comprehendia todos os serviços essenciaes de paz e de guerra, a geographia do seu e dos paizes limitrophes, a historia destes, o homem e a terra, os seus habitos e as suas tradições, tudo que pudesse influir sobre o caracter e a natureza de cada povo com quem tivesse proba-

bilidade de cruzar as armas, numa pendencia de honra.

Uma organização militar que não se firmasse nestes modernos fundamentos, não teria decerto a consistencia e o valor que decidem hoje das victorias. Não é outra a base das principaes organizações do mundo, depois do desastre francez de 1870.

Desde logo o elemento militar do paiz ficou na expectativa de uma corporação que se ia refundir, na altura das legitimas exigencias da defesa nacional e, assim, o interesse de todos crescia á medida que se escoava o tempo. Dentro de um anno mais ou menos, aparecia o trabalho com os seus detalhes e combinações de unidades, em que se desdobravam as forças do exercito. A quem aproveitava, immediatamente, a reforma produziu justificada satisfação. Quem, entretanto, examinava o caso por um aspecto mais largo, sob ponto de vista technico, não encontrava motivos para o enthusiasmo que semelhante transformação produzia.

E comtudo, poucos se aventuravam a uma critica do conjunto, em que talvez encontrassem defeitos insanaveis, principal-

mente na execução da lei. Não obstante, era uma innovação no exercito; o prestigio do marechal mantinha-se em toda a plenitude e a sua reforma passou quasi despercebida da critica.

Por esse tempo alguns amigos do ministro da guerra começaram a trocar ideias, a principio vagas, ligeiras, depois mais accentuadas, francas, e por fim quasi vencedoras, sobre a possivel elevação do marechal á presidencia da republica, no periodo de 1910 a 1914.

Considerado pelo dr. Affonso Penna, que acabava de dar-lhe a reorganização do exercito como fôra projectada, cada vez mais evidenciado no exercito pelo interesse que este lhe merecia, a situação do marechal Hermes facilitava o trabalho de propaganda, cautelosamente iniciado, e os seus amigos se aproveitavam com vantagem desse momento afortunado. Nas reuniões communs, nos *bonds*, nos cafés, nas confeitarias, nas ruas, por toda a parte a propaganda tomava um desenvolvimento que excedia á expectativa dos seus iniciadores. Não se perdia occasião de um almoço ou de uma ceia, comtanto que se reunisse ahi

o maior numero de amigos para a expansão do movimento, que ia tomando proporções de grande animação.

Aos ouvidos do dr. Affonso Penna chegaram os ecos ainda confusos da voseria que lançava o nome do marechal Hermes ao exame do povo para a grande magistratura nacional, mas o presidente da republica fez que não percebia e calou-se.

Comtudo, o ruido que avolumava em torno do marechal Hermes, chegou mais nitido, mais claro aos salões do Cattete e isso irritou vivamente ao dr. Penna, porque o presidente da republica tinha o seu candidato no ministro da fazenda, o dr. *David Campista.*

Vaidoso de merecimentos que se presumia, sem bastante conhecimento dos homens e suas paixões, imaginou o presidente Penna que fóra do governo podia ainda influir nelle por quatro annos e se não conteve: lançou a candidatura do dr. Campista, seu compadre e amigo dedicado.

Fel-o, porém, com alguma reserva, para não melindrar as susceptibilidades dos grandes estados cujo apoio desde logo solicitou.

Tinham os acontecimentos chegado a este ponto quando, por intermedio do seu representante diplomatico no Brasil, Guilherme II da Allemanha, dirigiu convites ao marechal Hermes e ao general de divisão Luiz Mendes de Moraes, para assistirem ás manobras do exercito allemão, nesse outono de 1908.

Era a primeira vez que um paiz sul-americano recebia tamanha distincção de uma grande potencia européa; commentou-se o facto com particular desvanecimento; os amigos do marechal começaram a tirar, de tão significativo convite, excellente partido para a sua propaganda, mas no Cattete havia accentuada reserva. No primeiro momento o presidente da republica, os ministros da marinha e da fazenda, plenamente identificados na execução de uma guerra surda que já moviam ao marechal Hermes, sentiram o caustico do mais agudo despeito, pelo acontecimento que devia pôr o marechal em grande destaque no Brasil e na Allemanha, senão tambem na França e outros paizes do velho continente, mas, depois, aquelles personagens chegaram á conclusão de que o afastamento do ministro da

guerra, em tal momento politico, podia trazer o amortecimento do nome deste na propaganda presidencial e o avanço da candidatura Campista no paiz inteiro.

Era evidente que, no Cattete, se hostilisava o marechal e, por isso mesmo, houve ahi quem manifestasse receio de uma situação vexatoria para o Brasil, representado por esse official, mas o barão do Rio Branco opinou que o general Mendes de Moraes, a quem se attribuia certa competencia scientifica, saberia desempenhar-se com vantagens para o exercito e para a republica no imperio germanico. O brilho de um seria sufficiente para corrigir as sombras do outro, pensava o ministro das relações exteriores.

O general Luiz Mendes de Moraes era então o commandante do 4.º districto militar e percebia-se que o presidente da republica distinguia-o com as suas attenções, entre os demais generaes. Seria na organização do governo o ministro da guerra, se o dr. Affonso Penna houvesse obedecido aos seus impulsos pessoaes. Não o chamando logo, por conveniencias politicas e, comprehendendo que o marechal Hermes

ia alargando a esphera da sua influencia no exercito e na armada; calculando mais que no espirito desse official se podiam accender e desenvolver, ameaçadoramente, ambições até então occultas, o dr. Affonso Penna começou a manifestar mais francas e accentuadas as suas sympathias pelo general Luiz Mendes, premeditando um golpe apoiado pelo ministro da marinha, cujo mal estar junto ao seu collega da guerra era manifesto.

E nisso consistiu toda a politica militar do presidente Affonso Penna, homem de horizonte pouco dilatado como estadista e administrador.

O dr. Affonso Penna appareceu ainda moço, em posto culminante politico e administrativo, no regimen da monarchia, sem haver, entretanto, desse tempo documento algum em que elle deixasse vestigios de talento, ou sequer de uma abundante cultura intellectual.

Acreditou que, para neutralisar a popularidade do marechal Hermes no exercito, bastava prestigiar francamente o general Luiz Mendes, de quem se utilisaria, em tempo, para o lançar contra o outro, van-

tajosamente. O presidente da republica errou, porque se não inventa facilmente um general assim, em condições de abafar os ruidos em torno de outro general, cujo nome tenha ecoado nas fileiras como um grito de victoria.

De illustre familia do estado de S. Paulo, o general Luiz Mendes de Moraes saiu de um instituto de humanidades para a escola militar da Praia Vermelha, na capital da republica, onde verificou praça e fez o curso de engenharia militar com assignaladas vantagens. Ao deixar a escola era tenente do estado maior e, em vez de um estagio em corpo arregimentado, foi exercer commissões especiaes ou de administração, de sorte que nunca passou pelas fileiras de regimento algum, onde o contacto com a tropa gera a mais viva confiança e constitue a força principal de um chefe militar. Sendo coronel do corpo de engenheiros e servindo junto ao dr. Prudente de Moraes, presidente da republica, ahi foi promovido a general de brigada, depois de se haver portado com muito brio em defesa do seu chefe e parente. No entanto, a primeira vez

que se viu á testa de forças regulares, já era general de divisão.

Os seus amigos o tinham em boa conta como intellectual, mas o exercito ainda não o conhecia como soldado.

Dahi, as difficuldades do dr. Affonso Penna para a victoria da sua empreza politica.

Comtudo, o convite ao general Luiz Mendes para assistir ás manobras do exercito allemão no outono de 1908, parallelamente ao ministro da guerra, contra quem se pretendia atirar o outro, animou das melhores esperanças ao presidente da republica. O caso foi depois apreciado pelo ministerio, com singular regosijo, porque nenhum ministro do dr. Penna suportava a ascendencia do marechal Hermes na opinião nacional. A queda do ministro da guerra dependia, portanto, das proporções que tomasse o general Mendes de Moraes nas fileiras do exercito, principalmente na guarnição da capital federal, que Hermes havia empolgado desde a sua passagem pelo commando do districto. Os ecos que viessem da Allemanha em favor do divisionario brasileiro, seriam ouvidos com sym-

pathia pelas tropas dessa guarnição militar.

Esses dois generaes bem sabiam das urdiduras que se tramavam no Cattete, em torno das suas individualidades, porém, dissimulavam por conveniencias reciprocas: em vez de se afastarem para evitarem uma aproximação incommoda, cada vez se attraiam mais, afim de se observarem melhor.

E neste estado de cordiaes sentimentos ficticios politico-militares, partiram aquelles dois representantes da força nacional para a vigilante e soberba Allemanha.

III

Regresso do marechal Hermes da Allemanha. — Prevenções ridiculas. — O governo conspira. — Visita do presidente á fabrica de polvora do Piquete. — As oligarchias. — O senador Pinheiro Machado no governo Campos Salles. — Declinio de Pinheiro Machado com Affonso Penna. — Tendencias de Pinheiro Machado para se collocar ao lado do marechal Hermes no processo da candidatura presidencial.

Começou a mais viva anciedade entre officiaes do exercito e civis de notavel representação no Brasil, pelo exito dos generaes Hermes da Fonseca e Luiz Mendes, no paiz amigo.

A Europa atravessava uma phase de competições violentas em todos os ramos das artes mecanicas, da industria e do commercio e, para conquista de bons mercados nos povos menos productores, as nações mais adiantadas do velho continente se disputavam a primasia até pelas armas, se a

tanto as levavam as preferencias dos que procuravam melhores vantagens. A Allemanha estava nas avançadas dos paizes que mantinham essas disposições.

E, nobremente interessado na luta de que dependia o desenvolvimento cada vez mais accentuado de sua patria, o imperador Guilherme, calculando decerto, que um convite naquelles termos lisonjearia a vaidade brasileira, expediu o convite que foi acolhido com tanto enthusiasmo no paiz inteiro.

E, assim, conquistou a gratidão nacional e attraiu a concorrencia de vinte e cinco milhões de habitantes para os productos de confecção allemã, principalmente de utilidade militar.

Acolhidos com a maior distincção em Berlim, o imperador, para maior realce nas suas homenagens ao Brasil, recebeu o marechal Hermes e o general Mendes de Moraes, em audiencia especial, a que compareceram os ministros de estado e altos dignitarios da côrte. Por essa occasião Guilherme II apresentou o marechal Hermes á imperatriz, sua esposa e cercou-o de attenções que não eram vulgares nos paços imperiaes, de tradicional etiqueta, em se tratando de

officiaes estrangeiros. Nas manobras regulamentares, nas paradas dirigidas pelo soberano em pessoa, o marechal Hermes e seu companheiro de representação, tinham sempre lugar de destaque, mas o vigor e a actividade do ministro brasileiro impressionaram singularmente aos officiaes allemães, que começaram a distinguil-o entre os outros officiaes igualmente convidados para as manobras do exercito imperial.

E esses successos de bizarria militar depressa chegaram ao Brasil, onde se não fizeram tardar emocionantes descripções de maravilhosas jornadas, em que o ministro brasileiro figurava com vigoroso brilho, pela sua notavel correcção marcial.

E ainda no dia em que se esperava o paquete que trazia de regresso o marechal Hermes da Fonseca, o *Correio da Manhã*, vibrante de enthusiasmo patriotico, publicava um editorial que bem significava o sentimento da metropole brasileira, precisamente como adiante se lê: "Nas justas homenagens com que vae ser recebido hoje o marechal Hermes, não ha sómente a expressão do contentamento da sua classe, mas da alegria de todos os compatriotas por

vel-o regressar, com felicidade, da viagem que tão elevado intuito determinou. Os votos que a nação inteira formulou por occasião da sua partida, foram amplamente realizados. Acabou de ver o Brasil com orgulho nobre, o muito brilho com que foi representado no poderoso imperio, cujo illustre monarcha tão altamente o quiz distinguir". E, depois de se referir ás intrigas que em Paris e no Rio andaram tecendo pelo facto de não ter o marechal visitado a França, diz ainda o *Correio:* "Nada conseguiram, felizmente, os impulsos da irreflexão, de um lado, e da perversidade, de outro, contra a serena execução de um acto de tão grata significação internacional, como esse da visita do ministro da guerra e do general Luiz Mendes de Moraes á Allemanha. Não lhe diminuiram o valor nem lhe desmereceram o brilho".

Ainda no banquete que o imperador Guilherme offereceu ao director das manobras e aos officiaes estrangeiros que as assistiram, o marechal Hermes foi particularmente distinguido, sentando-se á mesa em frente ao monarcha. E ninguem duvidou mais da victoria do ministro nessa embai-

xada militar, junto ao soberano mais poderoso do mundo.

Terminada a sua missão na Allemanha, communicou o marechal Hermes o seu proximo retorno ao Rio de Janeiro, onde já se fazia decidida campanha contra a candidatura do dr. David Campista, ainda impertinentemente sustentada pelo dr. Affonso Penna. Para execução da sua obra o presidente da republica não mais se deteve diante de conveniencia alguma e falou-se até, que, ao deixar o transatlantico allemão o marechal seria preso e recolhido a um navio de guerra. E comquanto semelhante boato corresse apenas entre gente sem responsabilidade official, houve, apezar disso, sérias aprehensões sobre o caso, e no dia do desembarque do ministro, começou ainda muito cedo um accentuado movimento do povo alarmado, nas proximidades do arsenal de marinha e na praça *15 de Novembro*.

Os navios e corporações da armada se conservaram de promptidão, bem como a força policial federal que, para o mercado velho, onde se manteve occulto, destacou um esquadrão de cavallaria, para sair á primeira ordem.

O marechal Hermes teve conhecimento de todo esse aparato ridiculo; fez no primeiro momento que o não tinha percebido e, no mesmo dia, pelas 5 horas da tarde, ainda atordoado pelas reclamações da multidão que o esperava, foi levar as suas saudações ao chefe do governo.

O presidente da republica recebeu-o nos seus aposentos particulares, com expansões affectivas que, entretanto, não traduziam os sentimentos que lhe iam na alma, aliaz já aberta ás intrigas e miserias desse meio artificial. Dahi em diante, nos dias em que se reunia o ministerio para despacho no Cattete, diziam-se frases calculadas, ironicas, a cada momento, nas expansões indiscretas sobre os successos do dia, em cujos commentarios salientavam-se os ministros da viação e da marinha. O marechal Hermes sentiu as manifestações mais accentuadas desse ambiente traiçoeiro, cujo ar viciado e podre, dava a medida dos elementos que entravam na sua composição. mas não alterava a sua conducta, aliaz serena e vigilante.

E no entanto, as combinações em torno do seu nome, cada vez mais aclamado, tomavam o vulto dos ideaes vencedores.

O presidente da republica viu tudo isso apavorado e tratou de precipitar os acontecimentos. E, pretextando uma visita á fabrica de polvora do *Piquete,* combinou um encontro ali com o dr. Albuquerque Lins, presidente do estado de S. Paulo, de modo que, já em Lorena, esses dois personagens se cortejavam com a maior cordialidade, e continuaram a viagem para a fabrica. Tratava-se de um estabelecimento militar e o marechal, por esse motivo, acompanhou o dr. Affonso Penna, sem, comtudo, ignorar que o objecto dessa viagem era o concerto, entre os dois presidentes, da candidatura David Campista. Desde Lorena, por conseguinte, o marechal se manteve em delicada reserva, procurando o menos possivel aproximar-se de qualquer daquelles dois politicos.

A *entente* foi completa e assim tudo se passou á feição do dr. Affonso Penna, que se mostrava radiante. O dr. Albuquerque Lins, depois de ouvir attentamente o presidente da republica, aceitou o candidato

presidencial e por sua vez consentiu na sua candidatura á vice-presidencia.

Tal era o fim principal dessa viagem ao Piquete, cujo estabelecimento se achava á altura dos esforços empregados pela nação para a sua montagem e, portanto, depois de um rapido exame a varias dependencias da fabrica, o dr. Affonso Penna regressou á capital federal, certo de haver conquistado a dedicação de um grande estado, para a sua obra eleitoral.

E a imprensa registrou o facto segundo o criterio de cada folha.

A politica dos governadores, proclamada e seguida pelo dr. Campos Salles, deu em resultado a formação das oligarchias do norte e as pretenções á soberania de alguns estados do sul. A intenção do ex-presidente era boa, estava seguramente de acordo com a constituição de 24 de fevereiro, mas havia homens de alguma influencia naquellas unidades nacionaes, que não estavam no caso de comprehender uma politica larga, patirotica e justa. Dahi resultou o exclusivo dominio de alguns politicos espertos, ambiciosos, de estados aliaz florescentes,

para seu uso exclusivo, sem o menor protesto do povo a quem passaram a tratar como vencidos estrangeiros. Esta supremacia absurda, num paiz democrata, continuou vencedora nos estados cujos governos passaram de paes a filhos, de irmãos a irmãos, de amigos a amigos, dentro do agrupamento organizado para que tudo ficasse em suas mãos.

O senado e a camara dos deputados compunham-se grandemente de representantes que levavam para taes corporações os mesmos sentimentos e os mesmos vicios dos seus governos, decerto talhados em moldes estragados e podres. Encontravam-se, entretanto, nesse meio artificial e inconsistente, homens de accentuado valor pessoal, que reconheciam o vicio da situação dominante, mas faziam vista larga e deixavam-se arrastar á feição do tempo.

Era desta ultima classe o senador José Gomes Pinheiro Machado, politico de tradições republicanas, conceituado pela firmesa do seu caracter e temido pela segurança do golpe, na peleja em que terçava as armas partidarias.

Representante de um grande estado que

o prestigiava confiadamente; astuto e audaz, percebeu esse homem que podia formar em torno de si um grupamento capaz de influir nos destinos do paiz, e poz-se em actividade, sem dar a conhecer que fazia questão de tamanha conquista. Insinuou-se primeiro no senado, onde começou a ser ouvido com particular attenção; de modo que, no governo do dr. Campos Salles, já tinha seu grupo disciplinado, aliaz constituido de elementos sem valor proprio, *cangaceiros* politicos das oligarchias do norte. Ainda não bem firmado no prestigio de victorias que o consagrassem lutador consumado, no quadriennio do dr. Rodrigues Alves, que substituiu áquelle estadista, a sorte de Pinheiro não foi muito propicia. Rodrigues Alves governava com os seus ministros apenas.

Mas Pinheiro não era homem que se incompatibilisasse com os governos. Attribuindo-se um grande valimento, inflammado pela vaidade que o dominava, investia sobre aquelle a quem alvejava, até onde podia chegar. Se encontrava decidida resistencia, voltava ás suas proporções ainda restrictas e disfarçava a derrota. Não se

fazia, entretanto, indifferente áquelle que o detinha nas suas avançadas; dahi em diante não se expunha a novas decepções, mas tratava de levar á convicção de quem o observava, que era alvo de considerações distinctas.

Foi assim, no governo do dr. Affonso Penna, que preferiu ao dr. Carlos Peixoto a quem cumulou de prestigio na camara dos deputados, onde Pinheiro ficou reduzido aos representantes do Rio Grande do Sul e alguns do estado do Rio de Janeiro. Então, não era raro encontral-o só, pelas ruas mais frequentadas da capital, com o olhar perdido na multidão que se agitava indifferente, em busca de um conhecido com quem pudesse trocar ideias e recolher uma esperança de melhores tempos e melhor fortuna. Nesse declinio da sua vida politica o *Correio da Manhã* de 27 de dezembro de 1908 dizia: "No senado foi obrigado a capitanear a retirada, isto no caso do credito para occorrer ao pagamento dos vencimentos aos funccionarios da secretaria do *tribunal federal* e das despezas com a sua mudança para o novo edificio que elle tambem combatia. Reuniu apenas contra o

credito 12 votos no senado, que elle se ufanava, ainda ha bem pouco tempo, de ter em suas mãos!" Na camara, continuava o *Correio,* "andavam os senhores F. R. e Diogo Fortuna, em nome do sr. Pinheiro Machado, pedindo aos deputados que aprovassem a emenda ao orçamento do interior, aprovada pelo senado por dois torços. Como para ficar definitivamente regeitada na camara devia a emenda ter contra si dois terços dos votos presentes, ao sr. Pinheiro Machado figurou-se facil a victoria, que elle assegurou aos amigos do senado que alcançaria, com o que contava dar, no ultimo momento, uma prova de sua força na camara. Corre a votação e, em 109 deputados, a caballa em nome do sr. Pinheiro Machado, com toda a deputação do Rio Grande do Sul a postos, com um reforço de severinistas que havia muitos dias não compareciam á camara, apenas conseguiu 31 votos! A emenda foi regeitada por 88 votos!" O golpe definitivo, porém, não se faria tardar se o dr. Affonso Penna resistisse á tempestade que, de repente, o aniquilou. Homens sem habitos da luta, que jamais aceitariam, porque a obediencia ao poder

lhes garantiria o socego apetecido, esses ultimos dedicados abandonariam a seu antigo director, apenas fossem ameaçados de hostilidade pelo governo federal nos estados que representavam, aliaz já sem autonomia e sem outra vontade que não fosse a do presidente da republica.

O senador Pinheiro Machado sentia-se, portanto, vencido, mas não o confessava. Comprehendia que no governo Affonso Penna tinha que tomar lugar entre os indifferentes á situação e foi-se accommodando, quasi abandonado, nos recessos do seu despeito.

Na camara e no senado estava reduzido a uma insignificante patrulha que, de um instante para outro, podia render-se ao adversario. No ministerio só o marechal Hermes não o evitava acintosamente e mantinha a mesma linha de conducta na sua antiga amizade.

O ministro da marinha, com quem fizera as melhores relações depois da revolta de setembro e da pacificação do Rio Grande do Sul, cuja aproximação erá das mais estreitas no inicio do governo Penna, aban-

donou-o friamente, calculadamente, porque sabia que isso agradava ao presidente da republica.

Do antigo chefe politico, vaidoso e altivo no periodo Campos Salles, restava apenas o homem forte e perseverante que, afastado da atmosphera privada do governo, espreitava, da penumbra em que se collocara, o movimento propicio no qual devia surgir, illuminado pelo sol das batalhas tenazmente pelejadas, victoriosas.

O tecido de que envolviam o nome do ministro David Campista, sobre cujos trabalhos Pinheiro nunca se manifestava claramente, vinha trazendo grandes embaraços ao dr. Affonso Penna, que se impopularisava lamentavelmente no paiz inteiro e despertava a ideia de processos iniciaes para perturbações gravissimas.

Desde então se percebeu que o senador Pinheiro Machado teria, nessa manobra accidentada, um papel de orientador seguro para o lado em que lançavam o marechal Hermes com os seus companheiros de classe. Dessa espectativa sympathica resultou que, logo no seu regresso do Rio Grande do Sul, em abril do mesmo anno, Pinheiro

tivesse maior concorrencia no seu desembarque e mais animação em sua casa, á rua Haddock Lobo, onde já se ouviram vehementes discursos sobre os succesos do momento.

IV

Festas ao marechal Hermes. — Discurso de um official. — Revolta surda do dr. Affonso Penna. — O civilismo. — O marechal Hermes pede demissão de ministro. — Explicações e desistencia. — Severino Vieira no senado e Carlos Peixoto na camara. — Lauro Müller e Dantas Barreto conferenciam com Pinheiro Machado. — Nota do governo sobre o ministro da fazenda. — Angustias do presidente da republica. — Telegramma do dr. Campista ao dr. Wenceslau Braz. — Reuniões politicas. — Carta de Ruy Barbosa.

O anniversario natalicio do ministro da guerra, em maio de 1909, revelou ao presidente da republica a improficuidade do seu trabalho sobre a candidatura *Campista*, porque nunca o marechal Hermes fora tão aclamado pelo exercito, a cujas festas excepcionaes se reunira o povo da capital, dominado do mesmo sentimento de cordialidade.

Já muito accentuado o empenho de propaganda a favor do marechal Hermes para

presidente da republica, o facto tomou proporções mais solennes e positivas naquelle dia ruidoso. Verificou-se na mesma occasião que a armada nacional, por intermedio de uma grande commissão dos seus mais distinctos officiaes, com o capitão de mar e guerra Belfort Vieira á frente, fez pela palavra inflammada deste brilhante marinheiro, manifestações categoricas, que muito exaltaram o patriotismo dos partidarios do ministro militar. Era uma declaração formal de apoio á candidatura do marechal. Discursos vehementes, guindados de exaltada eloquencia, proferidos por civis e militares, tiveram os successos de assignalados momentos nacionaes. O enthusiasmo dominou a massa que enchia as salas, o jardim e as immediações da residencia encantadora do marechal. Desses discursos, dados á imprensa, alguns trechos foram suprimidos ou substituidos, porque excediam os limites da prudencia e podiam compromettter a causa popular. Entre outros, o do capitão Jorge Pinheiro que, além de tudo falava em nome da guarnição federal, se destacava pelo calor excessivo da linguagem, ás vezes fora das normas correntes.

"Marechal, dizia o orador, ouvi a historia da republica contada por um narrador sem arte e sem engenho; ouvi a epopéa da democracia contada por um bardo sem estro e sem inspiração. Um dia um homem houve que condensou em sua alma heroica e grandiosa, forte e magnanima, todas as energias despersas de um povo faminto de liberdade, e soffreu em seus nervos todas as convulsões febris de uma nacionalidade em crise. Esse homem, marechal, era um soldado e a sua historia não rompe a tradição que liga o nome de um soldado a todas as grandes conquistas liberaes de nossa patria.

Sua vida immortal pertence á historia, sua forma mortal ao bronse immorredouro e o nome que a posteridade ha de guardar ciosa, eternamente, eu sinto que tendes um justo orgulho em possuil-o.

Tempos depois essa mesma republica agonisava estertorando sob o guante de ferro da revolta e da revolução, desvairada pelo terror, desesperava e quasi se submettia, um homem houve que despertou do marasmo covarde em que se achava e com um gesto inespressivo, vago, incutiu-lhe coragem e

esperança ! A' sua voz surgiram legiões, batalhões patrioticos formaram-se, arregimentaram-se as hostes dispersas da democracia e o paiz inteiro se levantou num bello movimento viril de desaffronta!

Sua alma de quartzo reflectia todo o intenso sentir da alma brasileira e em seu pequeno coração mortal, pulsava o vasto coração da patria. Esse homem, marechal, era um soldado e a sua historia reforça a tradição que lega o nome de um soldado a todas as grandes conquistas liberaes de nossa patria. Consolidada a republica, garantida a paz, começou a nação de evoluir, cristalisando-se o progresso no ambiente da ordem. Augmentou-se o credito da nação e o seu territorio foi dilatado; saneou-se a capital, embellesando-a estreitaram-se as relações internacionaes; mas, egoista no seio da prosperidade, ella achou quem lhe proporcionava essa paz fecunda. O exercito fora de todo esquecido e despresado. O seu alto destino estava falseado, degradada a sua nobre missão!

Vasio de aspirações, baldo de estimulo, falho de esperanças, era um mendigo moral que procurava occultar as chagas núas, en-

feitando os molambos e farrapos com vistosos galões. Ou arrastava a gota rheumatica nas guarnições longinquas e fronteiriças, ou affectava um falso garbo militar em pomposas paradas, nas praças desta capital. Empavesado em papelorio, eivado de ridiculas frases administrativas, era um exercito de intendentes e de commissarios, annuladas as verdadeiras funcções do official, desde o primeiro posto até o ultimo.

Quasi sem instrucção e exercicio, sem disciplina e sem recursos, sobrava-lhe, no entanto, o patriotismo preciso para ser paciente e resignado. Pois bem, marechal, fizestes brotar a confiança, onde apenas grassava o desalento, e, agora, onde a calmaria podre da descrença e do septicismo reinava, sopra a brisa alviçareira da esperança.

Mas não basta esse talento que insuflastes ao moribundo; a vossa obra ingente e portentosa não está, por certo, terminada ainda. E' mister realisar as esperanças que nos deixastes entrever; cumpre organizar a organização. Certo não é essa obra ligeira e de pouca monta; mas alenta-nos a certesa de que haveis de reter por largo tempo a autoridade necessaria para concluil-a.

Apezar dos doestos, dos apôdos e a lama que vos atiram — os sem patria — vencestes convencendo o povo da necessidade de se aguerrir e preparar para a luta provavel pela integridade da nossa grande patria. A vossa inquebrantavel energia e prodigiosa actividade, conquistaram-lhe o affecto e a admiração e eil-o que ao exercito se une para vos saudar. Della ouvireis que o vosso esforço completa a obra de Rio Branco, porque a força é necessaria, não só para garantir as conquistas da intelligencia, como para sublinhar a acção efficaz da diplomacia. Della ouvireis que o povo está cançado de uma politica sem ideiaes e sem partidos; que a nação está forte. Della ouvireis, emfim, que o exercito põe em vós a esperança e confia de vós o seu destino. Aceitae, marechal, o mimo singelo que vos offertamos como um augurio feliz: o nosso pensamento vol-o offerecendo é que o chefe do exercito é quem deve velar as armas da republica."

De tudo que se passou durante esse formoso dia, teve detalhado conhecimento, á noite, o dr. Affonso Penna, cuja revolta

surda contra o ministro da guerra, que, aliaz, não poude evitar as expansões dos seus camaradas e admiradores, crescia a cada momento. O movimento tomava corpo; homens de responsabilidade na politica do paiz já não duvidavam do exito de semelhante iniciativa, mas a maioria dos estados, conhecendo as tendencias do presidente da republica, mantinham as reservas que a situação aconselhava, principalmente pelo habito de não se incommodarem. Os presidentes e governadores, obedecendo ás conveniencias partidarias das respectivas circumscripções administrativas, dependentes de favores e concessões ministeriaes para manterem integral o seu prestigio terrtiorial, embora vissem no dr. Campista um candidato sem a linha que a funcção presidencial exigia, silenciavam no caso, para não ficarem expostos ás represalias do presidente, que não suportaria as contrariedades de uma repulsa á sua vontade soberana, como até então succedia.

Comtudo, a imprensa independente e os elementos mais representativos de todas as classes do paiz, começaram a ver nesse movimento caprichoso do dr. Affonso Penna,

um desastre para a nação, que já não suportaria a injuria de um candidato sem raizes da opinião, imposto pelo presidente da republica.

Os escavadores de reputações desconhecidas, revolveram então a vida particular do dr. David Campista, desde o seu estagio academico na faculdade de direito de São Paulo, em cujo desdobramento encontraram-lhe falhas que avultavam no momento com proporções escandalosas, até ás suas *toilettes* e os seus habitos recentes. Era preciso um candidato capaz de se opôr com vantagem ao favorito do presidente da republica, mas dentre os indicados pelos grupos politicos, nenhum queria recuar das avançadas. O povo da capital girava em torno desse acontecimento, que a todos apaixonava vivamente. Nas duas casas da representação nacional, nas ruas, nos cafés, nos theatros e nos cinemas, era o assumpto obrigado do dia e da noite.

Discutia-se a questão do civilismo, que a candidatura de um general viria fatalmente suplantar. Mas só os obsecados, não encontravam razão que justificasse uma candida-

tura militar pelo facto de ser um representante do exercito o candidato.

O senador Ruy Barbosa aparecia em certos grupos como o homem a quem a nação devia confiar os seus destinos, mas os estudantes, em grande maioria, indicavam o barão do Rio Branco.

Até então nunca o successor do presidente da republica interessara tanto a opinião do paiz! Era uma nova manifestação da vida com que o Brasil chamava a attenção do mundo. E isso lisonjeava decerto a vaidade nacional.

A agitação crescia a cada instante, por toda a parte. Dos estados começavam a chegar as primeiras manifestações de apoio ao marechal Hermes, cuja situação já era difficil no governo de que fazia parte.

O mal estar do presidente da republica e do ministerio, desde que chegava o ministro da guerra ao Cattete, era flagrante e o marechal sentia-o. O presidente Penna, já não podendo occultar a sua irritação, inqueriu francamente o ministro militar sobre a questão do dia, cada vez mais acalorada. A essa explosão de colera, respondeu o marechal garantindo que nenhuma parte tinha

em semelhante movimento, para o qual não havia concorrido e nem sequer autorisara. O presidente, porém, não se conformou com essa declaração e exigiu um compromisso formal, *de que o marechal não era e jamais seria candidato á presidencia da republica.* O marechal cedeu no momento ás sugestões do dr. Affonso Penna e empenhou a sua palavra, de accordo com as solicitações do presidente. *Não era nem seria candidato á presidencia da republica!* Referindo depois o caso a pessoas da sua intimidade, com as quaes se expandira largamente, e, percebendo então que o caso tocava ás raias da mais irritante impertinencia, dirigiu no dia seguinte uma carta que, segundo o *Jornal do Commercio,* dizia: "Satisfazendo aos desejos por v. ex. tantas vezes manifestados, tenho a honra de declarar que não sou absolutamente candidato á presidencia da republica". E accrescentava, refere o *Jornal,* que não podia ter semelhante aspiração em contraposição á de um distincto collega, mas achava que a candidatura do dr. David Campista não encontrava apoio na opinião nacional, julgando inconveniente que se continuasse

a sustental-a. Contrario por principio ás candidaturas officiaes, avançava o *Jornal*, o marechal Hermes manifestava tambem a opinião de que o militar, como qualquer cidadão, podia legitimamente aspirar a investidura de chefe da nação.

E terminava pedindo ao presidente da republica a sua demissão.

A noticia desse pedido, conta ainda o *Jornal do Commercio*, espalhou-se rapidamente pela cidade, dando ensejo a commentarios e boatos de todo genero. A' uma hora da tarde o ministro da guerra foi ao palacio do Cattete e conferenciou demoradamente com o presidente da republica. Achavam-se então ali os ministros do interior, da viação e da marinha. Nessa conferencia deliberou o marechal Hermes retirar o seu pedido de demissão. A's duas e meia o ministro saiu de palacio, seguindo de carro para sua residencia, onde recebeu, á noite, numerosas visitas.

Dessa conferencia nada transpirou, mas constara que o presidente repetira a declaração, aliaz já conhecida, de que não tinha candidato á successão presidencial, devendo

essa escolha ser feita normalmente, com a mais ampla liberdade pela nação, representada pelos elementos politicos autorisados. Uma nota official, continúa o *Jornal*, fornecida á noite pela secretaria de palacio, dizia:

"Na conferencia que teve hontem com o presidente, expoz o marechal ministro da guerra a s. ex. os motivos que o levaram a solicitar a sua exoneração. Em vista das observações do presidente, o marechal Hermes desistiu do seu pedido, por verificar que continuava a merecer a inteira confiança do chefe do estado."

A residencia do marechal Hermes vivia, dahi em diante, cheia de officiaes do exercito e de civis de todas as classes, que iam saber do que se passava a respeito da situação do ministro no governo, e das combinações politicas que se architectavam sobre as candidaturas presidenciaes. O interesse por tudo isso crescia dia a dia na capital federal e nos estados mais proximos. Parecia que a nação saia da sua vida normal e que a esperava um desses cataclysmos que abalam os povos em seus fundamentos politicos e sociaes.

O senador Severino Vieira, no dia 18 de maio, alludindo, no senado, aos ultimos successos do Cattete, exclamava: "Consta que o sr. presidente da republica não retirara a candidatura que havia lançado e limitara-se a dizer ao sr. ministro da guerra que essa candidatura não era sua, mas apresentada por politicos que apoiavam o governo e que apenas lhe era sympathica! Por mais que o sr. presidente da republica pretenda que essa candidatura surgira no seu estado natal, o que é facto é que ainda não encontrou para ella editor responsavel, nem no estado de Minas nem alhures".

E, depois de outras considerações, o senador bahiano ajuntava: "A candidatura Campista, proclamada em todos os estados, como apregoava o sr. presidente da republica, não encontrava um estado só que carregasse o tigre official". E concluia o seu vehemente discurso, exigindo declarações de quem tinha o direito de falar sobre a gravidade do momento, no paiz.

Por seu turno o deputado Carlos Peixoto, presidente da Camara popular, declarou que não sendo um accommodaticio e, diante dos acontecimentos que se desdobravam

na grande tela politica do paiz, renunciava as respectivas funcções.

Natural do estado de Minas Geraes, servido por uma ponderada e viva intelligencia; amigo do presidente Affonso Penna, que o cumulava de prestigio para lançal-o contra Pinheiro Machado, Carlos Peixoto esposava a candidatura do dr. David Campista, já aceita pelo dr. Wenceslau Braz e, por conseguinte, manifestava o seu desgosto pelo fracasso dessa candidatura malsinada, renunciando a investidura essencialmente politica da camara, para assim ficar á vontade.

Aproveitando as justas susceptibilidades do seu collega e querendo vibrar um golpe de mestre sobre o politico que se contrapunha ás pretenções do senador Pinheiro Machado, a quem, entretanto, só obedecia para não desagradar á politica do Rio Grande do Sul, o deputado Cassiano do Nascimento, *leader* da maioria, tomando a palavra, aconselhou a camara a se conformar com o acto do seu alto representante.

Isto lisonjeava a vaidade profundamente melindrada do senador riograndense, e era agradavel ao seu estado. Comtudo, em face

das medidas que se dizia o governo ia tomar, por intermedio do ministro da marinha, para um golpe que abafasse a voz do exercito e dos partidarios de Hermes, e de que resultou a exarcebação destes até os receios de uma explosão violenta, que puzesse em risco a integridade do governo, o dr. David Campista dirigiu ao dr. Wenceslau Braz, presidente do estado de Minas, o telegramma seguinte: "Rio, 17. Dada a divisão da bancada mineira, não convém continue meu nome envolvido na questão de candidaturas á presidencia da republica. A todos os amigos tenho declarado que não serei candidato, em caso algum, como nunca o fui expontaneamente".

De regresso á capital da republica, o senador Pinheiro Machado ainda não se tinha decidido por nenhum candidato. Inquerindo-o sobre o caso, á sua chegada, depois do almoço, o general Dantas Barreto percebeu que Pinheiro evitava uma declaração, por menos compromettedora que fosse, a respeito de tão delicado assumpto.

O senador Lauro Müller e o deputado Alcindo Guanabara, tinham a impaciencia que tambem empolgara Dantas Barreto,

mas este lhes communicara já haver combinado uma conferencia com Pinheiro, para as primeiras horas do dia seguinte. Aquelles dois homens politicos estavam bem inteirados dos successos que a todos apaixonavam então, dominando por completo o espirito das forças federaes da capital e, assim, inquietavam-se da mesma sorte, pela solução já esboçada tambem pela quasi totalidade dos officiaes na guarnição do Rio.

No outro dia, como estava assentado, Dantas Barreto partiu de Botafogo para a rua Haddock Lobo, mas em caminho encontrou Lauro Müller que já voltava da residencia de Pinheiro Machado, com quem se havia entendido sobre a questão em foco, sem, entretanto, haver conseguido o terreno em que pretendia assentar as suas baterias politicas, aliaz sempre assestadas de modo que nunca se descobria, no ataque ou na defesa.

A entrevista de Dantas Barreto com o seu antigo companheiro de jornadas republicanas no Rio Grande do Sul, onde ambos tinham o culto do patriotismo, ao lado de Julio de Castilhos, foi rapida. Pinheiro Ma-

chado entendia que era preciso consultar elementos ainda não pronunciados, indecisos, para se firmar definitivamente. A isto Dantas Barreto respondeu decerto contrariado: "Se vacilaes na solução immediata do problema, Rosa e Silva que já abandonou a candidatura Campista, iniciará o movimento em torno do Hermes e ficareis na penumbra".

Pinheiro, visivelmente magoado em sua vaidade politica, baixando a vista, acudiu sob a impressão de uma duvida: "E acreditaes que contariamos com a maior parte dos generaes, em caso de difficuldades a respeito do Hermes?" "Sim: com os mais resolutos em contacto com a tropa" respondeu Dantas Barreto.

"Bem..." disse Pinheiro Machado, erguendo-se da cadeira.

E á porta da saleta appareceu a virtuosa e energica esposa do senador, que ia pessoalmente convidar aquelles dois conspiradores para o almoço, á cuja mesa se sentaram outras pessoas das relações de Pinheiro.

Pinheiro Machado, reflectindo a respeito da marcha que tomava a campanha politica do dia, convocou para a noite desse

mesmo dia uma reunião em sua casa, a que compareceram representantes de differentes estados.

A' hora convencionada Pinheiro expoz o que sentia da situação politica e ficaram todos de acordo sobre a gravidade da crise, cuja manifestação envolvia o paiz de serias difficuldades. E terminaram, apoz forte discussão, indicando o candidato que deviam adoptar á presidencia da republica.

No dia 18 a imprensa publicava, fornecida pela secretaria do Cattete, a seguinte nota: "Em longa conferencia que teve hoje o presidente da republica, o dr. David Campista fez ver a s. ex. a conveniencia de conceder-lhe a exoneração do corgo de ministro da fazenda. No momento agudo da recente crise politica, o sr. ministro, ainda que isso lhe pudesse custar quaesquer sacrificios, não quiz levar ao seu eminente amigo mais um desgosto, que sabia ser o sentimento que lhe causaria o seu pedido de demissão. Por isso declarara sempre, de publico, que não solicitaria exoneração, para não criar novas difficuldades ao chefe do estado. Actualmente, porém, quando a situação politica apresenta mais calma e

os proprios chefes divergentes affirmam o seu proposito de prestigiarem o sr. presidente, pedia s. ex. que o houvesse de dispensal-o do seu cargo, agradecendo-lhe a confiança e amisade com que o honrara. O sr. presidente declarou ao ministro da fazenda que recusava terminantemente o attender ao pedido, affirmando que o cargo de ministro é da confiança pessoal do presidente e esta se mantém integral e absoluta em relação a s. ex. Não via rasões de milindres que pudessem justificar o pedido de demissão, tanto mais quanto o sr. ministro da fazenda jamais se envolvera na questão de candidaturas á presidencia e sómente soubera que se tratava do seu nome quando era publico tal facto. Era tambem como amigo pessoal que pedia ao sr. dr. Campista a continuação dos seus valiosos serviços, que reputava indispensaveis ao seu governo, certo como estava que não concorreria de modo algum para collocal-o em posição difficil, porque uma tal situação não podia existir. Apezar da insistencia do sr. ministro, o sr. presidente não accedeu ao seu pedido".

Isso que ahi se vê era apenas uma inge-

nua manifestação de vida, porque o governo continuava assombrado em suas posições cujos fundamentos seriamente abalados pelas tempestades politicas, cada vez mais desencadeiadas, ameaçavam proximo desmoronamento. Os homens de accentuada responsabilidade, agiam a seu modo no meio das pretenções que avolumavam. Dahi tambem uma reunião politica em casa do senador Alfredo Ellis, a que compareceram quasi todos os representantes de S. Paulo, no congresso nacional.

Expostos os fins dessa reunião, convocada, aliaz, para se tratar do candidato á presidencia da republica, foi o assumpto largamente discutido, mas ficou assentado que se não pronunciariam a respeito, nesse dia.

Por outro lado, a bancada bahiana resolveu seguir essa mesma orientação, até que se pudesse manifestar com segurança.

Os elementos partidarios, no primeiro instante confusos, iam então se desdobrando para se condensarem fortemente, de acordo com os seus principios e a sua orientação politica. O presidente da republica sentia

as angustias das situações prementes e vinham-lhe desfallecimentos agudos, que lhe iam, pouco a pouco, aniquilando as forças. Sem os habitos da luta á que muitas vezes arrastam paixões desencadeiadas nas phases agudas de povos que se desenvolvem, fazia lembrar Carlos I, da Inglaterra, em White-Hall, nas proximidades do seu sinistro julgamento. O aspecto do Cattete era de tristesa e de abandono.

O dr. Affonso Penna era vaidoso da sua posição, mas já tinha capitulado com o marechal Hermes, sem a resistencia dos fortes. De que lhe servia, pois, esse cubiçado poder em cujo exercicio começava a sentir todas as fraquezas da sua organização, refractaria ás violencias que geram inesperadas crises!

E comtudo, foi elle que provocou a reacção que dominou rapidamente os espiritos independentes, ciosos da sua liberdade de acção.

Não era homem que tivesse vindo para a republica com um nome victorioso pelo talento ou por acções de valor assignalado. O seu prestigio occasional provinha do alto

cargo que desempenhava. O exercito tinha-lhe apenas as deferencias que resultavam das suas obrigações para com o chefe do estado. Nenhuma dedicação valiosa, nenhum desejo de aproximação desinteressada se manifestou. Os representantes do exercito viam-no friamente, mas elle não dava por isso. Passara pelo ministerio da guerra no tempo em que todas as classes civis do Brasil evitavam o contacto dos officiaes do exercito e apenas toleravam os de corpos especiaes. Não tinha outra noção do exercito que não fosse a da obediencia passiva, em cujo regimen formara o seu espirito, nas faculdades de direito por onde passara e no meio social em que desenvolvera a sua intelligencia.

Não o impressionara decerto a grande parcella de actividade moral e intellectual com que entrara o exercito na formação da republica e, assim parece que lhe merecia tanto um general consagrado por serviços excepcionaes á patria, como um aspirante em inicio da carreira. Comprehendia que o ministro da guerra teria de renunciar este cargo dentro de poucos dias, em meio da tempestade que já se aproximava ameaça-

dora, e sentia que profunda agitação teria de envolver o paiz inteiro. Sabia que ser-lhe-ia impossivel reprimir os impetos de elementos ao seu serviço, feridos pelo despeito que a elle causava a popularidade do marechal Hermes e de que se não poderia livrar, taes eram as ligações que o prendiam no trabalho de propaganda politica para victoria da candidatura Campista, porque esse trabalho seria recomeçado debaixo de tremenda reacção, apenas se effectivasse a retirada do marechal Hermes do governo; sabia que o tufão podia arrebatal-o no seu impeto sinistro e estremecia de horror a cada instante. Por mais que o dr. Affonso Penna quizesse deter a corrente de sentimentos vingativos affagados pelos ministros, era impossivel: seria fatalmente levado ás ultimas consequencias.

Parecia que, por toda a parte, se conspirava sem mais reservas, porque o chefe do poder executivo acabava de ter conhecimento da renuncia presidencial da camara dos deputados. Esse facto consternara-o dolorosamente, mas não era tudo ainda, porque o deputado Cassiano do Nascimento se apresentara no Cattete para communicar

ao Dr. Penna a sua renuncia de *leader* da maioria, naquella casa do congresso.

Em outro qualquer momento o presidente da republica receberia com particular satisfação esse gesto do representante do Rio Grande do Sul; nesse instante, porém, o caso tomava proporções alarmantes. E onde apenas se manifestava um movimento natural, de susceptibilidade parlamentar, o dr. Affonso Penna começava a sentir os effeitos de uma conjuração tramada contra o seu governo.

No dia 20 o senador Severino Vieira voltou á tribuna e, estranhando que o chefe do governo ainda se conservasse indifferente ás informações que solicitara, disse que o presidente retirara a candidatura do doutor Campista porque se sentia fraco, incapaz para um movimento de coragem ante a situação que o envolvia e ajuntou, que lhe não restava senão tomar um "trem na central e seguir caminho de Santa Barbara".

No entanto, uma das *varias* do *Jornal do Commercio,* desse mesmo dia, affirmava que já estava resolvido por diversos e im-

portantes politicos, que representavam o pensamento da maioria dos estados, que o nome a ser indicado para a candidatura presidencial seria o do marechal Hermes da Fonseca, ainda ministro da guerra. E depois, referia o *Jornal*, que as combinações para a escolha do vice-presidente, estavam sendo feitas em torno do nome do dr. Wenceslau Braz, governador de Minas Geraes.

Desde logo, porém, estudantes de todas as escolas superiores da capital federal, impressionados com os factos do dia, lançaram um manifesto apresentando a candidatura do marechal Hermes.

E, alludindo ao valor que attribuiam ao marechal, diziam:

"Chegou-nos no momento em que o seu braço pode levantar-se como um anathema contra os que mentiram á republica."

Sentia-se no agitado aspecto da capital a manifestação vibrante de um sentimento forte, a confiança de uma ideia vencedora, que dominava á maioria da população carioca, quasi na posse dos seus direitos politicos, de cuja conquista queria fazer o uso que lhe inspirasse o patriotismo. Não

suportaria um candidato imposto pelo presidente da republica: e achava que dessa humilhação estava livre.

Na camara, falou o deputado Barbosa Lima que, examinando a anarchia dos poderes publicos, concitava os representantes do povo a cumprirem o seu dever.

Comtudo, a nota culminante desse mesmo dia fora a seguinte carta do senador Ruy Barbosa sobre a conducta do marechal Hermes e definindo o seu modo de pensar, aliaz contrario a corrente que pendia para o marechal:

"Rio, 19 de maio de 1909. Srs. senadores Francisco Glycerio e A. Azeredo. Meus caros amigos. — Considerei toda esta noite no assumpto que hontem de tarde me vieram submetter, e sobre o qual lhes requeri essas horas de reflexão. Um grupo dos nossos mais eminentes chefes politicos, depois de uma deliberação celebrada ante-hontem, offerecera ao illustre marechal Hermes da Fonseca a presidencia da republica, e s. ex. respondera declarando que aceitaria, sob a condição de anuirem o barão do

Rio Branco e eu. Sobremodo me honram os termos, em que o honrado marechal poz a questão. Mas a naturesa della exige que eu lhe responda sobrepondo-me ás impressões do meu desvanecimento. Nem de outro modo guardaria a confiança com que fui distinguido, a lealdade que lhe devo. Bem antigas são as relações de mutuo affecto entre mim e o marechal Hermes; datam ellas da fundação da republica do Brasil. Naquella epoca, naturalmente assignalada pelo desequilibrio e pelas ambições, vi sempre destacar-se entre os parentes e amigos de Deodoro, um typo que me chamava a attenção e me captivava a sympathia pela sua discreção, pela sua modestia, pelo seu desinteresse, pela sua severidade precoce, pela correcção da sua attitude civil e do seu porte militar. Era jovem o a quem não conheci nunca uma pretenção, nem soube jamais envolvido numa intriga. Dir-se-ia que da sua consanguinidade proxima com o chefe do estado se não lembrava elle, senão para ser o typo de virtudes não communs. Ellas attrairam e fixaram até hoje a minha estima que as suas manifestações de apoio em momentos de grave perigo meu, durante

periodos tumultuarios do regimen, elevaram ao gráo de amisade verdadeira e reconhecida.

Muito me presava e preso de a cultivar. A alta consideração com que agora mesmo, me obsequia, dá-me um signal mais da sua benevolencia para comigo, augmenta para com elle o deleite da minha gratidão.

A' luz, pois, dos meus sentimentos pessoaes, a sua presidencia seria o governo do paiz por um amigo meu de provada affeição e inquebrantavel firmesa. A farda, que elle veste não constitue objecção ao exercicio dessa magistratura suprema. Nada exclue, entre nós, o militar em servir ao paiz nesse posto, uma vez que elle não se confira ao militar, mas ao cidadão. Ha, e tem havido, nas duas camaras do congresso, officiaes do nosso exercito que professam activamente a politica de um modo mais ou menos brilhante. Habituado, assim, com o tirocinio e a experiencia de homem de estado, nada se oporia que occupassem a direcção do governo, onde entrariam até, a certos respeitos, com vantagens sobre nós outros pelo conhecimento mais directo de um serviço a cuja perfeição está ligado um dos maiores

interesses da nação: o da sua responsabilidade da defesa militar.

Assim que, se o honrado marechal saisse do congresso, do seio de um partido, ou de um partido, ou de um passado politico para a situação de chefe do poder executivo, e a sua candidatura teria sido acolhida com o meu immediato assentimento. Mas bem diversas me parecem, que a caracterisam; e eu não posso apreciar sem rememorial-os.

A situação actual onde essa candidatura tem origem, resulta do afinco do sr. presidente da republica no seu erro de dezembro do anno passado. Eu lh'o demonstrei então em minha carta de 16 desse mez, que s. ex. agradeceu com expressões captivantes; mostrei-lh'o com palavras e predicações que os successos de agora acabam de confirmar ponto por ponto. Excluindo-me do numero dos pretendentes e discutindo assim a materia com a maior isenção, supliquei, áquelle a quem dera sobejas provas de minha amisade, que deixasse livre ao paiz a escolha do chefe da nação, observando-lhe não faltarem á republica homens idoneos para o succeder na cadeira presidencial. Terminava eu esse documento, as-

segurando que de tal erro os seus autores colheriam contratempos e decepções incalculaveis. Aconselhando, emfim, a s. ex. que se abstivesse dessa responsabilidade inutil e funesta, acabava eu dizendo-lhe: *Ella lhe amargará os seus dois ultimos annos de administração, reservados ao seu successor dias ainda peiores, depois de semear nos costumes do regimen um exemplo cujas consequencias desacreditarão e arruinarão irremediavelmente o nosso systema de governo.*

Se o dr. Affonso Penna reler hoje a minha carta de 16 de dezembro, e comparar as suas prophecias e os seus conselhos ou as bases dos que o acoroçoaram a não ceder, verá onde estava a sinceridade, a lealdade, a amisade. Aferrenhando-se, porém, s. ex. na sua resolução conhecida, como para logo ficar a sua lamentavel irreductibilidade, que então cumpria aos responsaveis pela direcção das coisas politicas?

Claro está que organizar logo e logo a resistencia em torno de uma candidatura capaz de contrastar á official. Quando não, ao governo, tenaz no seu abuso, iriamos deixar a vantagem irrecusavel de todo o

tempo que perdessemos. Ora, foi justamente o que se fez.

Decorreram folgadamente cinco mezes, aproveitados em organizar a cabala entre os estados, a beneficio dessa pretenção.

Quando, afinal, acordámos, viu-se que a candidatura official estava morta, não direi nas entranhas maternas, mas na cabeça olympica de seu progenitor, donde lança mais de meia gestação que se guarda para o surto da nova divindade victoriosa, que as rivalidades, os interesses, os enredos politicos haviam consumado, entretanto, com as suas devotações habituaes; e quando os chefes se congregam, agora, afim de concertarem todos sobre um nome, que se indique aos votos da nação, para lhe tomar o leme do governo daqui a anno e meio, não encontram *ninguem* a cujo respeito possa estabelecer, ao menos, uma decidida maioria. Ninguem...

Pois Matto-Grosso não tem o sr. Joaquim Murtinho? O Rio Grande do Sul, o sr. Pinheiro Machado, o sr. Borges de Medeiros, o sr. Carlos Barbosa? Santa Catharina, o Sr. Lauro Müller? S. Paulo, o sr. Rodrigues Alves, o sr. campos Salles, o sr. Bernardi-

no de Campos, o sr. Francisco Glycerio, o sr. Albuquerque Lins e o sr. Antonio Prado? Minas o sr. Bias Fortes, o sr. Francisco Salles? o Rio de Janeiro, o sr. Quintino Bocayuva, o sr. Nilo Peçanha? A Bahia, o sr. José Marcellino, o sr. Severino Vieira, o sr. Araujo Pinho, o sr. Seabra? Pernambuco, o sr. Rosa e Silva? o Brasil, o sr. barão do Rio Branco?

Este nome apresentei-o eu, ultimamente, como a solução nacional. E era. Um universal; uma reputação immaculada, uma gloria brasileira; serviços incomparaveis; popularidade sem rival; qualidades raras; o habito de ver os interesses nacionaes do alto, acima do horizonte visual, dos partidos, extremoso patriotismo; ambição de grandes acções; imune a resentimentos politicos, dos quaes tem a fortuna de se preservar; uma entidade summa, a todos os respeitos singular á situação providencial do problema. Era uma candidatura que seria recebida nos braços da nação e levada por ella em triumpho á presidencia. Depois, além de ter por si a união nacional, de a ter manifesta e indubitavelmente, era natural que merecesse deveras o beneplacito

do presidente, visto que se não ia procurar nem entre adversarios seus, nem sequer entre parcialidades.

Ia-se buscar no proprio seio do governo, com o pensamento especial de se lhe não magoar o melindre e a particularidade, estimavel no momento, de não sair da politica militante. Seria, portanto, no mais eminente gráo, uma candidatura de conciliação. Não logrou, porém, obter acquiescencia do presidente, e obvio é que sem ella tambem não poderia alcançar a do barão do Rio Branco.

E posto este do lado, não se descobriu nem um homem com as condições necessarias para satisfazer ao sentimento politico dos arbitros da situação.

Tiveram então que recorrer, como chave da insoluvel difficuldade, ao nome do honrado marechal. Eu comprehendo a extremidade em que se viram os nossos amigos.

Faço justiça aos seus moveis e aos seus propositos. Aquelles certamente vinham do bem publico. Estes não miram senão a nos desafogar de uma crise terrivel. Crise surda, mas fatal como a das molestias que matam por colapso.

A autoridade central está neste momento abolida pelas circumstancias de uma conjuntura sem exemplo, a meu ver, na historia do regimen. E é nestas circumstancias que o elemento civil delibera, por sua vez, abolir-se, tomando por unico expediente possivel de salvação a candidatura do ministro da guerra. Se na escolha não entra como rasão determinante a consideração da classe, a que elle pertence, escapa ao meu entendimento o motivo da preferencia, que a fez recahir sobre o séu nome. Se, ao contrario, entrou, acho que laboram em engano os meus amigos. E neste terreno me não seria dado acompanhal-os.

Supôr que uma crise politica dessa natureza, puramente domestica, sem mescla de ligação com as relações internacionaes, que presentemente nos asseguram toda a tranquilidade, não se possa resolver senão com o nome do chefe do exercito, seria fazer a este grave injustiça e não menor a condição do nosso regimen, a indole dos nossos costumes, aos sentimentos do nosso povo. Comecei pelo exercito, porque este é o elemento nacional representado plo ministro da guerra.

Qualificar a sua candidatura como a unica efficaz para desmanchar o encalhe actual, seria attribuir a força de que esse elemento é expressão, o privilegio de remediar um caso civil do governo. O exercito não aceitaria essa funcção, que lhe não cabe.

Grande é o seu poder. Mas, se lhe confrontarmos o peso material com o de uma população de vinte a vinte e cinco milhões de almas, claro se verá que esse poder não pode consistir senão na harmonia entre o exercito e a Nação, no prestigio em que a confiança desta envolve a classe especialmente organizada para a defesa do paiz. Nenhum brasileiro quer mais estremecidamente do que eu aos nossos soldados e aos nossos marinheiros. Já me batia pelos seus direitos sob o antigo regimen.

Feita a republica, servi sob o marechal Deodoro e tive um lugar não pequeno no seu coração. Sua affeição não me queria deixar.

Ainda nas vesperas de nos separarmos, fazia elle questão de que eu o não abandonasse, quando se viesse a dissolver o seu primeiro gabinete.

Desde ahi tive occasião de dar á classe

armada, especialmente ao exercito, signaes duradoiros até hoje, da minha devoção aos seus interesses. Nunca difficultei meios ao desenvolvimento do nosso poder militar, em terra como no oceano. Adversario, em 1874, do alistamento militar, acabei por me render á sua necessidade. A conferencia de Haya me deu a vez o espectaculo vivo da importancia das armas entre as potencias reunidas para celebrar a paz. Achei ao voltar dali o trabalho de nossa reorganização militar em plena actividade nas mãos do marechal Hermes, e lhe dei todo o concurso da minha adhesão, do meu aplauso, do meu enthusiasmo.

Já tinha um filho na marinha. O outro foi dos primeiros voluntarios alistados no ensaio inicial do novo systema. Mas por isso mesmo que quero o exercito grande, forte, exemplar, não o quereria pesando sobre o governo do paiz. A nação governa. O exercito, como os demais orgãos do paiz, obedece.

Nesses limites é necessario, é inestimavel o seu papel; e na observancia delles reside o segredo, a condição de sua popularidade. O exercito certamente o sabe. Não quererá

outra funcção. A aclamação da candidatura do ministro da guerra seria, porém, a meu ver, um passo em sentido oposto. Deodoro saiu de uma revolução, obra sua. Cabia-lhe necessariamente presidir a fundação do regimen, de cujo advento a sua espada foi a garantia. Floriano Peixoto encontrou ainda a republica numa crise de organização.

Mas elle mesmo já não pode alongar os seus poderes, nem indicar o seu successor. Dahi para cá o governo civil parecia definitivamente estabelecido. Já lá vão quatorze annos de sua existencia. Por que regressarmos? A França conta hoje 38 annos de republica. E' um paiz de glorias militares. Dispõe de uma constellação de capacidades militares.

Suas necessidades militares avultam dia a dia com a imminencia constante do perigo internacional. E, não obstante, salvo o septenato de Mac-Mahon, justificado pela urgencia da reconstituição militar do paiz, esmagado então pelas victorias prussianas, nunca se interrompeu ali até hoje, a ordem civil.

Não descubro, pois, motivo para nos resignarmos á solução que os nossos amigos

representam inevitavel. Primeiramente, ninguem lhe poderia dissimular o caracter. No Brasil e no exterior todo o mundo a olharia como a inauguração militar. Nunca as nossas finanças precisaram tanto do credito no estrangeiro, e este, convencido estou, de que não resistiria ao abalo de tão grave recuo.

Bem depressa, com a facilidade com que nos julgam no ultramar, estariamos inscriptos pela opinião européa e norte-americana entre as republicas hespanholas de má nota.

No interior não seria menor a desconfiança, a retracção das sympathias geraes. O paiz soffreria ao mesmo tempo, interna e externamente. O carinho com que a nação hoje estremece os orgãos da sua defesa armada, rapidamente degeneraria em prevenção e hostilidade.

São consequencias certas com as quaes não é o exercito que poderia lucrar. Depois nem ha tal a necessidade, que os nossos amigos figuram, de passarmos de medicação normal á medicação heroica. Ainda quando a candidatura official continuasse a nos sair em desafio, não faltariam meios de a rebater com altivez.

Quanto mais estando hoje livre o campo desse formidavel poder. Vivemos habituados os politicos, nesta terra, a supor que o Brasil se resume no circulo estreito onde nós nos movemos. São effeitos do costume vicioso. Seria mister que começassemos a contar com a opinião publica, o povo, a vontade nacional.

Dessemos nós rebate de uma campanha séria, no intuito de manter no paiz o direito de eleger o chefe da nação e, ainda que os governadores dos estados se achassem todos contra nós, uma candidatura veradeiramente popular, uma candidatura realmente nacional, a candidatura de um nome sério, digno, bemquisto, reunindo, nos estados, todos os elementos dissidentes, e no paiz, todos os da opinião, havia de se impor e prevalecer. Teriamos, talvez, então, pela primeira vez, o espectaculo do povo brasileiro concorrendo effectivamente ás urnas, para nomear o seu primeiro magistrado. Mas, quando não o tivessemos, ao menos, vencidos, teriamos a consolação de o ter com honra, o que muito mais é do que vencer sem ella, e de salvar os principios, que se devem salvar sempre, ainda quando

se perca tudo o mais. A elles se acha ligada, aqui, a minha consciencia e a minha tradição. Tudo o mais, com prazer, eu sacrificaria aos meus amigos. Isso não; visto como é o que delles me torna digno; delles e de mim mesmo. Porque este cá do meu intimo é o juiz que mais respeito, abaixo daquelle que lá do alto nos ha de julgar a todos nós. São compromissos que representam a minha vida inteira.

Se eu os quebrasse, reduzir-me-ia aos meus proprios, a um trapo. Caso a vida publica me não deixasse a liberdade para os honrar de bom grado renunciaria eu a vida publica.

Nunca me envolvi na operação da escolha dos candidatos presidenciaes, senão até hoje, uma só vez, para levantar a do presidente actual.

O resultado não me anima a me envolver noutra.

Mas o nome do marechal Hermes é, para mim, um nome verdadeiramente caro. Se para subscrever a sua apresentação houvesse eu de attentar somente nos seus predicados e nas nossas relações, muito grato me seria firmal-a.

Um dever de ordem impessoal, porém, não m'o permitte. E eu me submetto a esse dever, abstendo-me de tomar parte nessa deliberação dos meus amigos.

Nada me dóe mais do que não estar com elles em acto de tamanha gravidade.

Mas de outra maneira me não poderia eu haver, ainda quando, para me desempenhar dessa obrigação, me fosse necessario voltar a ser, na politica republicana, o solitario, que fui até ha seis annos.

Oxalá que me engane, que os meus illustres amigos tenham rasão, que o mal ante-visto por mim seja imaginario, e que, se o governo do paiz couber, com efeito, ao honrado marechal, não tenhamos senão de que nos congratular. Eu então lhe não recusaria justiça, e terei satisfação de confessar o meu erro. Oxalá!

Creiam, meus caros amigos, na sinceridade e no reconhecimento de seu velho e verdadeiro amigo."

Os que não viam senão a candidatura do marechal Hermes, disseram então que, se Rio Branco fosse candidato, Ruy Barbosa descobriria um pretexto qualquer para não aceitar o nome do chanceller brasileiro,

porque a unica candidatura que elle via digna do momento, era a sua.

No entanto o grande pensador falava com toda a sua alma de brasileiro.

V

O marechal Hermes pede demissão de ministro da guerra. — Em convenção de 22 de maio é apresentada a candidatura do marechal Hermes. — Attitude de Ruy Barbosa. — Pinheiro Machado fala no senado sobre o momento politico. — Estudantes de varias faculdades lançam um manifesto apresentando a candidatura de Rio Branco. — Seabra, na camara, aceita a defesa da candidatura Hermes.—Este communica ao presidente da republica a sua indicação á candidatura presidencial e solicita demissão. — Os ministros da marinha, da viação e do interior. — O general Luiz Mendes de Moraes é nomeado ministro da guerra. — Resentimentos do dr. Affonso Penna. — Candidaturas civis: Ruy Barbosa, Rio Branco e Assis Brasil. — A situação politica. — Morte do dr. Affonso Penna.

Tudo se encaminhava para um desfecho imprevisto. A 20 de maio noticiavam as folhas da capital que, no dia anterior, á noite, fora Hermes ao palacio do governo, onde conferenciara demoradamente com o presidente da republica, retirando-se ás 8 ½. E para melhor se inteirar o publico do que

occorria no momento, sobre a candidatura presidencial, ainda de palacio foi mandada fornecer uma nota nos seguintes termos:

"O sr. marechal Hermes da Fonseca, ministro da guerra, visitou hoje, á noite, o sr. presidente da republica, dando-lhe a communicação de que, apoz repetidas recusas, aceitara o convite que lhe fora dirigido por eminentes chefes politicos, para ser candidato á presidencia da republica, no futuro quadriennio, deixando ao alto criterio do chefe do estado a escolha da oportunidade para conceder-lhe a exoneração do seu elevado cargo".

Este facto, em oposição formal ás declarações anteriores do marechal Hermes, deu lugar a que, na camara dos deputados, alguns dias depois, o dr. Alberto Sarmento, representante de S. Paulo, em tom de causticante ironia, dissesse:

"S. ex. julgou ouvir a alma nacional convidal-o a salvar a republica, quando ouvia a voz de *Iago,* arrastando-o para o mal."

O marechal havia faltado á sua palavra e dahi em deante faltara a tudo e a todos, menos ao senador Pinheiro Machado, a quem dois annos depois de haver assumido

o governo do paiz, se entregara inteiramente para lançar a republica na mais desoladora situação economica, politica e social.

Não havia exemplo de maior interesse em torno de uma candidatura presidencial no Brasil! Era a consciencia do grande facto, que então aparecia evidente, nitida, na altura das responsabilidades que envolviam o primeiro magistrado da republica.

Sentia-se nesse embate da opinião agitada a explosão de um sentimento forte, novo, que a todos dominava e que imprimia no povo brasileiro um cunho de independencia altiva, que enchia de justo orgulho os homens publicos da nação.

O thema obrigado em toda a parte era a candidatura presidencial. Attribuindo-se ao dr. Affonso Penna formal impugnação ao nome do barão do Rio Branco para candidato áquelle cargo, o presidente declarou não ser rigorosamente exacto semelhante boato. Em vez disso, o dr. Penna salientou ao marechal Hermes, que só podia sentir-se lisonjeado com a escolha de um dos seus auxiliares para o succeder.

Na verdade, dizia o presidente, alludindo a affirmativas do senador Ruy Barbosa em

sua carta profetica, *seria absurdo que alguem no Brasil se lembrasse de contrariar tão formalmente a candidatura do barão do Rio Branco.*

Começavam a aparecer nomes illustres nas listas dos que procuravam candidatos em elementos civis, mas o nome do marechal Hermes já tinha sido aceito pelos chefes de maior relevo politico e, portanto, convinha sagral-o com todas as honras de um grande acontecimento nacional. Com esse fim, convocou-se uma reunião para a noite de 22 ainda de maio, no edificio do senado, cujos convites foram dirigidos aos representantes e não aos estados respectivos. Deste modo poderiam comparecer os deputados e senadores que aceitassem a candidatura Hermes, divergindo assim dos seus governos.

S. Paulo manifestou-se desde logo contrario a essa candidatura, que não estava dentro dos principios traçados pelo senador Ruy Barbosa, cuja attitude decisiva o dr. Albuquerque Lins apoiava, incumbindo o senador Glycerio e o deputado Galeão Carvalhal de scientifical-o ao senador bahiano. Essa missão foi desempenhada ape-

nas pelo segundo mensageiro do presidente paulista.

Depois da votação na alta camara, o senador Francisco Salles, tomando a palavra, declarou solemnemente que a convenção aclamara os nomes do marechal Hermes da Fonseca e dr. Wenceslau Braz candidatos á presidencia e vice-presidencia da republica. Aplausos calorosos irromperam, nesse momento, dos espectadores e convencionaes. O senador Pires Ferreira se não podendo conter, foi ao telephone e, radiante, emocionado, transmittiu ao seu antigo camarada o resultado de tão significativa reunião politica. Suspensa, entretanto, por alguns minutos a sessão, lavrou-se immediatamente uma acta do que occorrera nos trabalhos da respectiva assembléa e redigiu-se um boletim, que acompanhou aquelle documento, apresentando a candidatura á presidencia da republica dos dois indicados politicos. E, submettidas á votação, foram todas as resoluções aprovadas sem discrepancia.

O boletim referia: "A mesa da assembléa politica, reunida hoje no edificio do senado, sobre a escolha dos nomes dos illustres

cidadãos que devem ser apresentados á nação como candidatos aos cargos de presidente e vice-presidente da republica, no quadriennio de 1910 a 1914, cumpre o dever que lhe foi commettido pela mesma assembléa, de publicar a acta dos seus trabalhos. Como desta se verá, o nome do marechal Hermes Rodrigues da Fonseca reuniu a unanimidade dos sufragios para o cargo de presidente e o dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes para o de vice-presidente da republica. Escolhendo-os, attendeu esta assembléa ás indicações inequivocas da opinião, de que é orgão legitimo e obedeceu ao pensamento de entregar os destinos do paiz a cidadãos que se impuzeram á confiança pela sua dedicação aos interesses publicos, pelo seu respeito á lei e ao direito, pela sua inalteravel submissão e comprovada fidelidade aos principios republicanos, certa de que, homologada pelo eleitorado a meditada escolha, elles saberão honrar no governo a sua tradição e o seu passado, garantias bastante da liberdade, da ordem e do progresso". Este documento foi assignado pela mesa, cuja presidencia era occupada pelo dr. Francisco Salles, senador federal por

Minas Geraes. Então, expediram-se telegrammas communicando aos governadores e presidentes dos estados, o desfecho de tão importantes trabalhos.

Terminada a sessão, dirigiram-se á residencia do marechal Hermes, onde chegaram ás 11 horas, os senadores Francisco Salles, Francisco Sá, Alencar Guimarães e mais dois deputados, afim de communicarem o resultado da convenção. Apezar de adiantada a noite a casa do marechal estava repleta de amigos e admiradores, que ali aguardavam a communicação official do grande facto. Depois dos cumprimentos do estylo, o senador Francisco Salles disse "que a convenção esperava que o marechal Hermes, cujos grandes serviços á patria e á republica eram notorios, aceitasse a indicação feita livremente, pelos elementos politicos do paiz". O marechal respondeu "que se confessava penhorado e submisso á vontade nacional, representada pelos proceres republicanos". E terminou esta cerimonia mandando o marechal servir *champagne* ás pessoas presentes, aliaz muito interessadas nesta victoria, que foi o prenuncio dos maiores desastres financei-

ros, administrativos e politicos por que tem passado o Brasil em toda a sua existencia.

Por seu lado, o senador Ruy Barbosa, francamente em oposição á candidatura do marechal, recebia calorosas manifestações da representação bahiana incorporada; bem como de numerosos cidadãos de todos os estados, pela sua franca attitude em face dos successos que se desenrolavam no paiz.

Foi posta em duvida, pelo senador bahiano, pelos oradores populares e pela imprensa independente a capacidade intellectual do marechal, para o cargo de supremo magistrado da nação. Seus amigos bem percebiam essa falha, irremediavel num homem de avançada idade, sem habitos de estudo; conheciam-lhe as fragilidades do coração, mas acreditavam que as responsabilidades do cargo lhe dessem a energia sufficiente para se guiar e resistir os embates da administração e da politica. O marechal não estava, effectivamente, apparelhado para os misteres do governo civil: faltavam-lhe predicados essenciaes, como o demostraram os successos que se registraram no paiz durante a sua accidentada

gestão e faltava-lhe o conhecimento dos homens com a sua perversidade e o seu egoismo.

Alma aberta a todas as sugestões fortuitas; espirito despreoccupado das torpezas humanas, era quasi sempre arrastado pelos impulsos do seu coração magnifico e eis o perigo das suas preferencias no julgamento de interesses opostos. A sua indicação para candidato á presidencia da republica, veiu trazer o exame das suas qualidades moraes e intellectuaes, que só pelo dr. Alfredo Varella haviam sido postas em duvida, numa contenda pessoal das mais irritantes.

A questão das candidaturas continuava a ser o assumpto de todas as preoccupações nos centros mais elevados da capital, mas a corrente das opiniões começava a dirigir-se para o barão do Rio Branco e o senador Ruy Barbosa: principalmente para este.

Na alta camara do congresso legislativo o senador Pinheiro Machado explicou o que se havia passado a respeito das combinações sobre a candidatura de conciliação do barão do Rio Branco e o que, a respeito,

expuzera ao dr. Affonso Penna. Fez o elogio do ministro das relações exteriores; alludiu á acção benefica de Rio Branco nos negocios do paiz, mas garantiu ao presidente que a aceitação dos seus amigos politicos do nome do laureado diplomata para o candidato que se buscava, não era unanime.

Depois, quando já se não tratava de uma formula de paz, examinara a questão por outra face e concluira que a maioria e mesmo a unanimidade das vontades se congregava em torno do marechal Hermes. Já então sabia que homens de reconhecido prestigio politico, apoiavam essa candidatura. Confessou que não interviera nesse trabalho lento, penoso, de procurar a corrente da opinião nacional. Não tivera da sua parte, nem da parte dos seus amigos, nenhum acto de compressão nem de interdicção *deste ou daquelle nome,* concluiu Pinheiro no senado.

Mas o senador Pinheiro Machado exagerava, quando alludia á *unanimidade das vontades* que se congregavam em torno do marechal Hermes, porquanto na mesma occasião os estudantes admiradores do barão

do Rio Branco, lançavam um manifesto apresentando a candidatura daquelle ministro diplomata á presidencia da republica.

Num dos topicos desse documento se dizia: "Já de ha muito tempo representa, inquestionavelmente, uma aspiração nacional a indicação do nome grandioso e immaculado do barão do Rio Branco, para o alto posto de chefe supremo na republica brasileira". Lembravam-se, naquelle manifesto, os serviços do ministro das relações exteriores e appellava-se para a justiça dos homens reconhecidos.

Na camara popular, a 26 de maio, o deputado J. J. Seabra refere-se á crise politica em que se debate a nação e agradece a investidura de *leader* a que o elevaram seus pares, naquella casa do congresso nacional. Depois affirma que se formara impetuosa corrente no paiz inteiro para prestigiar a candidatura Hermes e que, chamado para dirigil-a, declara aceital-a. Sente que na bancada bahiana, continúa Seabra, divergem seus collegas daquella corrente, mas que se não julga fora da sua represen-

tação, porquanto esta ainda se acha em manifesta espectativa sympathica, pelo menos sem hostilisar a candidatura do marechal. Declara-se francamente partidario dessa candidatura, aliaz já recommendada ao sufragio popular, tanto mais quanto semelhante manifestação apenas confirma a sua conducta anterior de ardoroso propagandista do marechal Hermes á presidencia da republica.

As difficuldades politicas do paiz continuavam sob o aspecto alarmante de uma calamidade prestes a se manifestar sinistramente, apezar de lançada a candidatura do nome preferido, na reunião de 22 de maio, por homens de grandes responsabilidades na republica. Nuvens prenhes de tormentas se accumulavam na immensidão do espaço e as suas pavorosas descargas não tardariam sobre a terra indefesa. E, então, se olhava mais attentamente para os movimentos do Cattete, cuja situação, no meio da borrasca ameaçadora, não se conhecia bem.

Ninguem duvidava, entretanto, que o dr. Affonso Penna conservaria a magoa da

sua primeira derrota politica e que iniciaria uma reacção, decerto, no paiz, de norte a sul, desde que o marechal Hermes fosse substituido no ministerio da guerra. Para esse fim, aliaz justificado, porque a vingança tem as suas exigencias legitimas, o presidente da republica contava com todos os seus ministros, inclusive o que fosse nomeado na vaga deixada pelo marechal e que os partidarios do governo já indicavam com a segurança de uma necessidade politica e de força.

Effectivamente, o ministro da marinha, homem valente, ambicioso e audaz, contrario por sentimento de inveja á candidatura do seu collega da guerra, cuja capacidade profissional conhecia, não trepidaria em fazer-lhe o mal que pudesse, para, depois, sorrir diabolicamente ante o fracasso que imaginava ás pretenções do marechal.

O ministro do interior e justiça era um jurista ponderado, apenas com o prestigio que lhe resultava do cargo, mas tinha na policia da capital um general que cumpriria as suas ordens, tanto mais quanto esse

official sabia que o ministro nada resolvia, em casos de responsabilidade, sem o assentimento do presidente da republica.

O ministro das obras publicas, engenheiro Miguel Calmon, vaidoso da sua posição aos 27 annos de idade, preferido na intimidade do dr. Affonso Penna, seria um dos mais fervorosos na campanha de despeitos que se iniciaria, ao lado do almirante Alexandrino, que dirigiria o movimento reaccionario, como chefe.

O concerto seria pleno com o ministro da guerra que viesse, mas a nação, fatigada de tantos golpes na sua vida constitucional, já não suportaria um candidato á presidencia da republica imposto por semelhante processo. E, triumphante, ao dr. Affonso Penna substituiria, decerto, o marechal Hermes, como dictador. Esta solução seria, talvez, a melhor para os destinos da republica, uma vez conflagrada a nação naquella hypothese, porquanto, conhecida a incompetencia do marechal para tão alta investidura, como se evidenciara no quadriennio em que elle desacreditara a nação, teria a sorte dos que pretendem governar os povos livres pela volencia e pelo terror.

Os desregramentos que praticou esse homem como presidente constitucional, não os tentaria, sequer, numa dictadura mesmo apoiada em grandes elementos de força.

O destino, porém, tem a sua estrada natural, por onde se precipitam fatalmente os acontecimentos que envolvem os individuos e as suas acções e, dahi, o rumo que, de repente, tomaram os successos em torno da politica nacional, como em tempo se verá.

No dia 27, tambem de maio, informavam ainda os jornaes que, depois de uma conferencia realisada com o presidente da republica, o marechal Hermes insistira pela sua demissão e que, aceita esta pelo chefe do poder executivo, fora convidado para occupar a pasta da guerra o general Luiz Mendes de Moraes, que aceitara igualmente o cargo, sendo na mesma data assignados os decretos respectivos.

No outro dia o general Luiz Mendes assumiu o exercicio das suas novas funcções e o marechal Hermes ficou reduzido á sua condição puramente militar.

Estava, emfim, modificado o ministerio com a entrada do novo ministro da guerra,

para gaudio do dr. Affonso Penna que, desde muito, afagava a ideia de semelhante alteração e, ainda, para contentamento dos partidarios do marechal, os quaes nesta occorrencia viam o enfraquecimento, cada vez mais accentuado, do presidente Penna, cujas raras sympathias no exercito estavam fortemente abaladas, se é que as tivera na primeira phase do seu governo. E, apezar da calma que parecia voltar aos animos menos irritadiços, sentia-se o mal estar das ultimas combinações no Cattete, das intrigas e dos rumores no congresso nacional, contra a candidatura do ex-ministro da guerra. E até entre os que defendiam essa candidatura, já havia quem tramasse por uma nova formula em que figurasse o barão do Rio Branco para presidente.

No meio desses recentes conciliabulos, partidarios da candidatura Hermes da Fonseca se alarmaram com legitimos fundamentos, porquanto se cogitava de um competidor como o ministro das relações exteriores, que, aliaz, silenciava diante de manifestações significativas. Portanto, officiaes da guarnição, em grande numero, capitaneados por alguns generaes, effectua-

ram varias reuniões, em que se tomaram compromissos positivos para o exito completo do candidato militar, que já vinha sendo hostilisado, com a maior violencia, por elementos de grande valor.

Na camara alta do congresso legislativo, o senador Alfredo Ellis, em discurso incisivo, de uma vivacidade que indicava o estado de sua alma patriotica, ferido por esse movimento estranho do paiz, considerava a candidatura Hermes um absurdo e assumia a responsabilidade dos que a viam como um golpe de audacia, cuja realidade seria a morte das liberdades nacionaes.

Os estudantes de S. Paulo dirigiam manifesto de adhesão á politica larga de Ruy Barbosa e Albuquerque Lins e afiançaram que empregariam os melhores dos seus esforços para a victoria dos principios republicanos, *então ameaçados por uma candidatura antipathica aos elementos independentes do paiz,* cujo candidato, *sem a cultura* que o cargo exigia, *nunca havia transposto as fronteiras que limitam a vida militar da vida civil.*

E, comtudo, os que se não conformavam com o candidato militar ainda não haviam

assentado na escolha do seu candidato, porquanto uns queriam o senador Ruy Barbosa, outros o barão do Rio Branco e outros ainda, como os estudantes da capital federal, o dr. Assis Brasil.

Diante dessa instabilidade da opinião nacional, os homens mais interessados pela sorte da republica lançavam as vistas para o governo, mas o governo acabava de soffrer um golpe terrivel no seu prestigio e os que precisavam da sua orientação para agir confiadamente, não encontravam senão o vasio de uma situação indefinida.

Foi nesse instante de pesado ambiente moral, que adoeceu o dr. Affonso Penna. O seu estado, apezar de afiançarem os medicos que era deveras lisonjeiro, agravava-se a cada momento, já pelos effeitos da molestia incidiosa e já pelas attribulações do seu espirito fortemente trabalhado nos ultimos dias politicos. O que dependia das suas deliberações e da sua immediata acção administrativa, estava paralysado. E, emquanto no Cattete se fazia um discreto silencio em torno do presidente enfermo, no Rio de Janeiro e nos estados da união o povo se agitava, interessado no facto cul-

minante de que estava dependendo a paz e a ordem do paiz.

No estado do Rio, o respectivo presidente, dr. Alfredo Backer, protestava contra o modo porque se fizera a indicação dos candidatos á presidencia e vice-presidencia da republica, pois entendia que a assembléa de 22 de maio não tinha competencia para deliberar, em nome da maioria da nação, sobre assumpto de tamanho vulto. Esse presidente, ferido em sua vaidade por não o terem consultado no caso das candidaturas, desde logo assumiu uma posição de commoda espectativa, em que se foi deixando ficar, apezar das suas responsabilidades no momento. Levou de maio de 1909 a fevereiro do anno seguinte, fazendo acreditar que sympathisava com os nomes lançados na convenção já realisada, mas que não tinha candidato preferido. Por fim, nas proximidades do pleito, aconselhou e dispoz tudo para que a votação dos seus partidarios recaisse no dr. Ruy Barbosa, candidato civilista.

No mais renhido dessa campanha já fatigante, quando se procuravam definir os

homens no seio das proprias representações, entre outros, de varias bancadas, declarou o deputado pelo Rio Grande do Sul, dr. Homero Baptista, que aceitava a candidatura do marechal Hermes para vice-presidente, numa combinação em que figurasse o senador Pinheiro Machado como candidato á presidencia. Este facto causou estranhesa no meio da propria bancada, mas como lisonjeava o senador riograndense, o deputado Homero Baptista voltou á camara federal no triennio immediato, em cuja assembléa continuou os trabalhos de finanças, que desde algum tempo o absorviam, com reconhecida competencia.

Na imprensa e no congresso federal continuava o exame da situação politica nacional.

Medeiros e Albuquerque, aliaz muito extremado na sua critica dos homens e dos factos, considerava, pela *Gazeta de Noticias,* o movimento em torno das candidaturas, uma questão de salvação publica, em que estavam empenhados a honra e os brios da nação. O *Economist* de Londres

publicava: "O marechal Hermes, guerreiro nativista, será na direcção suprema da republica um perigo para a paiz.

Os capitalistas que tiverem dinheiro no Brasil devem precaver-se para as maiores calamidades, levada que seja a effeito a eleição do marechal Hermes, pois que elle representará não sómente o peior dos governos militares, mas ainda fará desencadearem-se sobre o paiz os horrores da revolução".

O deputado Seabra, partidario intransigente da candidatura Hermes, analysando na camara topicos desse artigo, achava extravagante a logica do escriptor, que extravasava o veneno do seu odio contra o marechal, cuja capacidade defendia energicamente.

Antes, Ruy Barbosa pronunciando notavel discurso numa ruidosa manifestação que lhe faziam estudantes tambem da capital federal e de S. Paulo, declarava-se contrario á intervenção do exercito nas intrigas da politica e perguntava: "Que é, senhores, o exercito na paz e na guerra? Na paz o exercito é uma escola de ordem, legalidade, fortaleza e obediencia. São as virtudes so-

bre cujo fundo se estabelece a liberdade e se desenvolve o progresso. Que mais altos destinos poderiam reservar a um corpo constituido no seio de uma sociedade civilisada?"

Fora desses limites o exercito era uma calamidade para Ruy Barbosa, que tudo via em seu paiz pelo prysma das suas justas ambições. Homem incontestavelmente de grande talento; intellectual educado nas lições dos maiores vultos de todos os tempos; philosopho e pensador que illustra a raça latina, entendia, porém, que todos se deviam guiar pela sua orientação, obedecendo os seus principios politicos e sociaes como revelações de uma religião victoriosa.

E quando não era assim, vinham-lhe as revoltas dos seus sentimentos contrariados até ás maiores crises nervosas.

Esse demolidor terrivel nunca suportaria um homem que lhe ferisse o amor proprio, ainda que tal homem tivesse as proporções de *Olivier Cromwell.* Foi por isso que se tornou o maior inimigo de Floriano Peixoto.

A diversidade de candidatos pelos seus partidarios, fez sentir a necessidade de uma

convenção immediata, para deliberar sobre a escolha do que devia ser recommendado aos sufragios nacionaes, em oposição ao candidato militar. Diversos congressistas, portanto, se reuniram a 12 de junho, em casa do senador Alfredo Ellis, para tratarem do assumpto, ficando desde logo resolvido que a convenção teria lugar no correr do proximo mez de agosto, com os delegados estaduaes que comparecessem á reunião.

Dessa primeira assembléa se concluiu que não compareceriam á convenção de agosto o Pará, o Piauhy, o Maranhão, o Ceará, Pernambuco e Sergipe.

Os civilistas, porém, não se impressionaram com esse facto de nulla significação, no momento, e ficaram na espectativa dos successos politicos.

No dia 13 a população da capital sentiu-se vivamente alarmada com a noticia de que se havia agravado a enfermidade do presidente da republica e ninguem, durante o resto desse dia, se preoccupou de outro facto. No outro dia os jornaes noticiavam que o estado do presidente inspirava cui-

dado, tal era o parecer dos medicos assistentes, os quaes ás 10 horas da noite fizeram baixar o seguinte boletim: "O estado do exmo. sr. presidente da republica não se modificou de modo sensivel, tendo, entretanto, s. ex. passado mais tranquilamente a tarde e a noite".

Continuava o piedoso interesse pela saude do presidente da republica, mas a doença tinha tomado proporções cada vez mais sinistras em s. ex.

Pelas immediações do Cattete parava muita gente com essa curiosidade solicita de quem deseja conjurar um desastre imminente. A todo instante se pedia informação das condições morbidas do illustre enfermo, até que ás 2 ½ horas da tarde do dia 15, correu a triste noticia do desfecho fatal do dr. Affonso Penna.

O lutuoso acontecimento tomou as proporções de uma calamidade nacional.

Por toda a parte se perguntava que seria do paiz ante as dissenções politicas do momento, com esse inesperado e rude golpe. E ninguem aventurava uma ideia sequer sobre o dia seguinte.

Os salões do palacio presidencial ficaram

dentro de poucos minutos repletos de pessoas da mais alta representação politica e social do paiz. Ninguem se podia mover ali senão com difficuldade, constrangidamente.

Não era, porém, o sentimento de admiração, por actos que praticasse o dr. Affonso Penna como estadista, na sua passagem pelo governo, ou como um vulto de grande relevo nos fastos da vida nacional; era o sentimento de piedade que o povo manifestava, solemnemente, pelos seus soffrimentos moraes dos ultimos dias, a cujos successos vertiginosamente precipitados, muitos attribuiam o desenlace fatal do honrado presidente da republica.

Os seus funeraes, no dia seguinte, se revestiram da mais consternadora manifestação popular. O desdobramento do prestito funebre fazia-se com as difficuldades da grande massa que se comprimia e se chocava, muda, ao peso do luto que a todos envolvia.

Ao cemiterio de S. João Baptista chegaram mais de vinte mil pessoas, acompanhando o corpo inanimado do eminente brasileiro á derradeira morada.

O dr. Affonso Penna nasceu a 30 de novembro de 1847, na cidade de Santa Barbara, em Minas Geraes. Era filho do negociante portuguez Domingos José Teixeira Penna e de mme. Anna Moreira dos Santos Penna, a quem nunca faltaram recursos para completa felicidade do seu lar. Cursou humanidades até 1865 e em 1866 matriculou-se na faculdade de direito de São Paulo, onde se bacharelou em 1870.

Foi deputado á assembléa provincial de sua terra, depois deputado geral, ministro de estado tres vezes na monarchia e fez parte da constituinte republicana, para organização definitiva das instituições que regem o paiz actualmente. Foi vice-presidente e por fim presidente da republica de novembro de 1906 a junho de 1909.

A familia do dr. Affonso Penna, pouco depois do fallecimento do seu desditoso chefe, seguiu para Bello-Horizonte, levando as impressões da mais afflictiva saudade e, decerto, ainda ali se encontra sob o luto que a envolvera para sempre.

VI

O dr. Nilo Peçanha assume a presidencia da republica. — Viagens do marechal Hermes ao Rio Grande do Sul e á Europa. — Concessões e despesas nos ministerios. — O congresso elabora leis absurdas. — Despesas imponderadas. — Fim do governo Nilo Peçanha.

No dia 16 de junho foi pelo 1.º secretario do senado, dr. Ferreira Chaves, lida a seguinte mensagem do vice-presidente da republica em exercicio:

"Senhores presidente e membros do senado federal. Cumprindo o doloroso dever de communicar a lamentavel perda por que acaba de passar a republica, com o fallecimento do venerando presidente dr. Affonso Augusto Moreira Penna, levo ao vosso conhecimento que, de acordo com o artigo 41, paragrapho 1.º da constituição, assumi hontem o exercicio daquelle cargo. Rio de Janeiro, 15 de junho de 1909. — Nilo Peçanha."

Todos os ministros do presidente Penna, a excepção do almirante Alexandrino de Alencar e do barão do Rio Branco, pediram e obtiveram a sua exoneração dos respectivos cargos, cujos lugares foram preenchidos da seguinte forma: *guerra,* general de divisão Carlos Eugenio de Andrade Guimarães; *interior e justiça,* dr. Esmeraldino Bandeira; *viação e obras publicas,* senador Francisco Sá; *fazenda,* dr. Leopoldo de Bulhões. Do ministerio da *agricultura e commercio,* então organizado, foi incumbido o engenheiro Candido Rodrigues.

E o governo, assim constituido, começou a agir dentro da constituição, com as regularidades das boas normas administrativas.

A tempestade que, por um desencadeamento de paixões, parecia imminente no paiz inteiro, foi pouco a pouco se dissipando e o povo começou tambem a mostrar-se mais calmo, confiado na acção patriotica do dr. Nilo Peçanha.

Acreditava-se que a attitude politica do vice-presidente da republica seria de conciliação, embora se percebesse, por suas antigas ligações partidarias, qual o rumo pessoal que elle tomaria na questão das can-

didaturas cuja intensidade, de alguma sorte amortecida, a morte do dr. Affonso Penna reanimava então mais acalorada, mais viva. Sentia-se que se tinha na suprema direcção do paiz um homem de vontade propria, cauteloso e conhecedor dos segredos que assignalam estadistas capazes de dominarem situações compromettidas, estragadas por máos governos. O que fez elle nesse posto da mais alta responsabilidade; as forças que desenvolveu em todos os ramos da administração, registram as suas mensagens e os relatorios dos seus ministros, cujos documentos lhe attestam os grandes serviços que prestou ao paiz.

E, comtudo, essa revelação de competencia no governo federal, não era uma surpreza para quem havia acompanhado os passos do dr. Nilo na administração do estado do Rio, que elle encontrou na maior penuria. Eram de tal sorte as condições financeiras dessa unidade nacional que, havia muitos mezes, não se pagavam os respectivos magistrados, os funccionarios publicos de todas as categorias, á força arregimentada de policia e a todos com

quem o governo anterior havia contraido dividas.

Uma vez na administração desse rico estado brasileiro, o dr. Nilo foi logo restabelecendo as alegrias perdidas ao peso de tantas desditas nessa terra fecunda, onde a natureza opulenta contrastava flagrantemente com a miseria desse povo, que definhava e succumbia pelos desregramentos de governos que não viam os desastres de cada dia na vida da grande unidade nacional.

A transição, porém, foi rapida, exemplar, tal a firmesa com que agiu o dr. Nilo Peçanha para o revibramento da actividade regional, em toda a plenitude do trabalho e da riqueza. E quando deixou o governo, diz o *Jornal do Commercio*, "tinha restabelecido as finanças, valorisado os respectivos titulos da divida fundada, ficando um saldo superior a mil contos de réis".

Foi com semelhantes provas de capacidade politica e administrativa que, sendo vice-presidente da republica, o dr. Nilo assumiu o governo de seu paiz, por morte do dr. Affonso Penna, contando então 43 annos mais ou menos de idade.

Dahi em diante os horizontes da republica começaram a clarear e a nação, mais desafogada e confiante, foi seguindo o rumo seguro do seu destino social. Dissiparam-se os temores de um movimento geral, impulsionado por agentes directos do proprio governo, para arredar do scenario politico brasileiro o marechal Hermes da Fonseca, ou, por um deleite cruel, e premeditada vingança, sujeitarem este a uma estrondosa derrota nas urnas, conflagrado o paiz.

E comtudo, ás treguas em que se mantiveram os politicos intransigentes dos candidatos em acção, durante a enfermidade do presidente Penna, succederam vehementes manifestações de lutas, ainda mais apaixonadas. Se estava afastado o receio de uma agitação politica cujas consequencias seria o descredito do paiz e a manifestação da sua incapacidade para as normas regulares do systema governamental que decorre da constituição de 24 de fevereiro, nem por isso o choque de interesses pessoaes, em torno dos candidatos, seria menos intenso.

S. Paulo fremia de enthusiasmo civilista; grande parte de Minas se manifestava fran-

camente pela candidatura Ruy Barbosa e, assim, a Bahia e os federalistas do Rio Grande do Sul. Os ecos da palavra inflammada e vibrante de Ruy Barbosa, onde porventura chegavam, levavam irremediavel desanimo ás fileiras adversas, que não recuavam desmanteladas porque eram defendidas por chefes habituados á victoria, cujos segredos estavam na resistencia e no caracter inflexivel de cada um.

Em uma excursão que fez a Minas Geraes, o marechal Hermes foi desconsiderado em diversas estações da estrada de ferro, com manifestações acintosas, premeditadas.

Na cidade de Barbacena, onde residia o velho republicano dr. Bias Forte, ainda o marechal teve o desgosto de saltar do vagão sob ruidosas provocações de hostilidades que se avolumaram, desde a estação da ferro-via, até a casa daquelle respeitavel brasileiro, onde houve forte tiroteio, de que resultaram ferimentos graves num estudante dos que dirigiam o movimento aggressivo e em populares empenhados na mesma causa, atacados pela policia.

Ao almoço correu o alarmante boato que,

de Juiz de Fóra, havia partido um trem conduzindo estudantes para um encontro com o marechal Hermes, a quem desacatariam, uma vez aproximados os dois comboios em caminho e, desde logo, se resolveu continuar a viagem para evitar desgostos ao dr. Bias Forte em Barbacena, onde podiam chegar os estudantes. Não se perdeu tempo, e depois do banquete, cujos convivas começaram a sentir as emoções de um conflicto proximo, partiu a comitiva do marechal para a Barra do Pirahy, onde ficou o illustre viajante á noite, sem o menor incidente. Se os estudantes pretenderam, effectivamente, agredir o comboio em viagem, mudaram certamente de resolução, porque a via-ferrea foi encontrada sem o menor embaraço até Juiz de Fóra, onde parou o trem para tomar agua.

Estas occorrencias davam a medida da revolta que já lavrava no animo das classes mais ou menos em contacto com o povo, contra esse homem, que se fizera uma esperança do Brasil.

Fóra dos seus habitos de actividade, o marechal, por desfastio, começou a passar

dias e dias, fora da capital, em propriedades agricolas de amigos, no interior do estado do Rio de Janeiro até que, de repente seguiu para o Rio Grande do Sul, com seu irmão, o dr. Fonseca Hermes, e mais um amigo que, desde então, o acompanhou por toda a parte, até o fim do seu malsinado governo. Voltou do Rio Grande e, já eleito presidente da republica, partiu para a Europa, onde se conservou até outubro de 1910.

De regresso ao Rio de Janeiro, no couraçado S. Paulo, da marinha nacional, receberam-no ali com festas excepcionaes, a que se associou o dr. Nilo Peçanha, que lhe mandou prestar honras de presidente da republica.

A residencia do marechal continuou a ser frequentada por camaradas de todas as graduações e civis de todas as classes sociaes. Para essa gente desenhava-se uma situação de vida nova no Brasil, onde tudo aparecia côr de rosa e ouro.

Tinham passado os dias burrascosos e o presidente Nilo Peçanha, no curto periodo de junho de 1909 a novembro de 1910, dava

ao paiz, ainda fatigado pelas dissenções violentas em que se extremaram homens da maior responsabilidade politica, as melhores provas do seu empenho pela prosperidade da republica, pelo respeito á lei e pelo desenvolvimento da instrucção profissional. Para este fim criaram-se escolas em diversas capitaes dos estados, as quaes foram dotadas de todos os elementos essenciaes para o respectivo funccionamento. Sentia-se que nesse orientado administrador as miserias da politica jamais o desviaram do seu objectivo principal, desviando-o das responsabilidades que lhe pesavam para equilibrio da ordem, das finanças e do conceito nacional perante o mundo.

O paiz saia de um ambiente pesado, ameaçador, carregado de impuresas que pairavam no meio apodrecido da politica pessoal e respirava cheio de confiança, num desafogo restaurador das suas energias estragadas. As attenções desviadas do trabalho pelos receios de um movimento revolucionario, que envolvesse todas as classes productoras da republica, voltavam confiantes ás grandes lides do commercio, da industria, da agricultura, das artes mecani-

cas e tudo retomou a feição de alegria que traz a esperança da vida satisfeita.

Activo e resoluto, o dr. Nilo Peçanha desenvolveu as forças vivas da nação e, ao mesmo tempo, regulou as despesas publicas pelas rendas bem cuidadas do paiz num equilibrio estavel, de constructor seguro. Dahi o impulso que tomou o paiz em todas as manifestações da sua vida laboriosa, e a orientação dos homens mais interessados pela paz nacional.

E comtudo, nem todos os ministerios mantiveram a linha traçada pelo presidente na administração geral do paiz. Para isso concorreram exigencias partidarias de caracter essencialmente pessoal, que nem mesmo o presidente poude obstar, dado o seu pendor para uma das partes interessadas na campanha eleitoral presidencial. Concessões imponderadas, com prejuiso de interesses geraes, logo em começo do seu governo se fizeram; nomeações em larga escala de auditores de guerra, veterinarios, picadores e dentistas para o exercito, sem justificação alguma, tudo isso constituiu uma falha sensivel no concerto moralisador do governo cujas normas republicanas con-

stituiram a nota systematica do dr. Nilo Peçanha.

E no entanto, esse deslise para a liberalidade de uma administração que promettia a mais severa economia, pouco avultava em relação ás despesas que se combinavam no congresso, para gaudio daquelles a quem aproveitavam directamente. Havia a preoccupação doentia de popularidade nas classes médias e inferiores do paiz e, portanto, sem o exame que o caso requeria, augmentavam-se os vencimentos dos funccionarios publicos e elevavam-se á categoria de empregados do quadro os trabalhadores de estabelecimentos publicos, com acrescimo de ordenados. E como essa orgia de esbanjamentos podia chamar a attenção das classes armadas, modificaram-se os vencimentos do exercito, da marinha e da policia federal de modo reparador. Uma lei regulava isso de tal sorte, que os officiaes reformados, dadas certas condições de tempo, ficavam com vantagens superiores ás dos que continuavam no serviço activo. Estava, portanto, a porta aberta para o mais revoltante dos abusos, porquanto os que nunca fizeram questão de escrupulos,

achavam que era melhor levar a vida independente, sem preoccupações de deveres e compromissos, e dentro em pouco tudo se aposentava e tudo se reformava, para se ir viver nas grandes capitaes da Europa, gastando fartamente e dizendo mal do Brasil, *paiz selvagem, aonde não voltariam mais.*

Isto foi obra de 1909 e 1910, de sorte que em 1911 começou o trabalho de abundantes recursos, cujo andamento, cada vez mais aperfeiçoado, levou o paiz á ruina, ao descredito e á desordem, sob a acção sinistra de um governo sem responsabilidade.

O dr. Nilo Peçanha bem percebia os desastres que ameaçavam a republica, num futuro proximo, mas não se atrevera a dar outro rumo ao corpo legislativo, em delirio megalomaniaco, tanto mais quanto a propaganda dos interessados immediatamente, pela victoria dos congressistas, era de uma actividade feroz. Realisado esse sonho oriental de tanta gente que, assim, requintaria os seus habitos elegantes, as suas fantasias de luxo e viagens a paizes longinquos, fal-

tava apenas a execução da lei e esta veiu em seguida.

No fim de tudo, avisinhava-se do seu termo o governo do dr. Nilo Peçanha, não sem grandes tempestades politicas, por vezes, mas prestigiado pela nação cujo bem estar sentia e manifestava.

Tinham-se realisado serviços que ahi ficavam traçando uma epoca de prosperidade, de abundancia e de paz. Os trabalhos dos portos do Rio de Janeiro, da Bahia, de Pernambuco e do Rio Grande do Sul, desenvolviam-se com a firmeza dos grandes recursos que lhes assegurava o governo. Estradas de ferro do Rio Grande, do estado do Rio de Janeiro ao Espirito Santo, de penetração no Ceará e em Minas Geraes, eram concluidas ou caminhavam para o seu fim. E, ainda para cumulo da fortuna, o thesouro federal ficava abarrotado com mais de 178 mil contos, que passavam á administração cujo inicio ahi vinha. E, se nos primeiros dias do seu governo sentiu, por vezes, a influencia de elementos estranhos na solução de casos importantes, nem por isso, depois, o dr. Nilo deixou de exercer a sua autori-

dade com independencia e plena autonomia.

No dia em que deixou o Cattete para voltar á sua bella propriedade de Icarahy, seguiram-no as aclamações ruidosas do povo em grandes massas e o olhar attento, illuminado da patria agradecida.

VII

Organização do governo. — Levante de marinheiros em dois couraçados. — Generalisação do levante. — Luta entre officiaes e marinheiros a bordo. — Morte do capitão de mar e guerra João Baptista das Neves. — Reunião do ministerio no palacio do Cattete. — Apathia do governo. — Projecto de amnistia. — Senado e camara. — Manifesto dos marinheiros. — O congresso vota amnistia e o presidente da republica a sancciona. — Novos commandantes para as unidades restituidas á ordem. — Proposta de conciliação aos marinheiros. — Considerações.

Nos ultimos dias de outubro, pouco depois de haver regressado ao Rio de Janeiro, o marechal Hermes da Fonseca designou os homens que deviam fazer parte do seu governo, como ministros de estado. E desde logo se divulgou a seguinte composição:

Fazenda, senador Francisco Salles; *interior,* deputado Rivadavia Corrêa; *agricultura,* dr. Pedro de Toledo; *marinha,* almirante Marques de Leão; *guerra,* general

Dantas Barreto; *exterior,* barão do Rio Branco, em continuação ; *viação e obras publicas,* engenheiro Amarilio de Vasconcellos.

Monarchista dos mais intransigentes, por gratidão ao ex-imperador Pedro II, ou por principios que não queria abandonar, o dr. Amarilio vivia em Londres, quasi estranho ao movimento politico de seu paiz, cuja sorte parecia interessar-lhe pouco, desde a queda da monarchia brasileira, em 1889, falando sempre com exaltado pessimismo dos homens e das coisas de sua terra. Tudo elle via pelo prysma das suas paixões e do seu criterio politico. Capitão de artilharia do exercito brasileiro, que o tinha em boa conta, um bello dia pediu demissão do serviço militar respectivo, para se entregar a trabalhos de outra especialidade, como engenheiro civil e onde deu exuberantes provas de competencia technica.

Dentro do regimen politico brasileiro esse facto não tinha importancia capital, uma vez convencido o presidente da republica das suas responsabilidades, mas tudo ia depender desta circumstancia essencial e os proprios amigos do marechal foram os

primeiros a protestar contra a inclusão de Amarilio no seu futuro ministerio.

Tratava-se, além disso, de um cidadão que fora cunhado do marechal Hermes, sobre quem exercia decidida influencia, segundo informavam os intimos do presidente eleito, que teve de ceder ás exigencias dos seus partidarios. E, assim, deu o marechal a primeira prova publica de fraquesa, tanto mais quanto se não havia cogitado de semelhante incompatibilidade para o barão do Rio Branco, monarchista de origem e de habitos.

Afastado o engenheiro Amarilio da combinação que se fasia, foi convidado para a pasta da viação e obras publicas o dr. José Joaquim Seabra e eis o ministerio com que o presidente Hermes da Fonseca iniciou a sua administração, tristemente condusida de 1913 em diante.

No dia 15 de novembro de 1910, a uma hora da tarde, acompanhado dos seus ministros, de senadores, deputados e altos funccionarios da nação, seguiu o marechal de sua residencia á rua Guanabara n. 60, para a casa do senado onde, em sessão solenne, assumiu o cargo de presidente da

republica. Finda a ceremonia da posse, dirigiu-se o presidente para o palacio do Cattete, onde ainda se achava o dr. Nilo Peçanha, que mais tarde se retirou, acompanhado de muitos amigos, inclusive o marechal, para a sua residencia provisoria na rua das Larangeiras.

E começou a funcção do novo governo.

Politicamente considerada, a situação do Brasil era, nos primeiros dias do novo periodo governamental, de espectativa sympathica e confiante, apezar da attitude contraria ao marechal dos estados de S. Paulo, Bahia e de fortes elementos civilistas de Minas Geraes, do Rio Grande do Sul, estado do Rio de Janeiro, districto federal e de outras unidades regionaes menos importantes do paiz. Obedecendo a attitude dessa corrente oposta, na camara dos deputados, uma falange de politicos intransigentes, dirigida pelos deputados Cincinato Braga, Galeão Carvalhal e Irineu Machado, reaffirmava a tremenda guerra que vinha fazendo ao marechal Hermes, desde que se proclamara, officialmente, a candidatura victoriosa do presidente da republica.

Em todos os ministerios se ia, adminis-

trativamente, imprimindo o cunho pessoal de cada ministro, dentro das normas escrupulosamente republicanas. Não se tinham, entretanto, apercebido inteiramente dos encargos pelos quaes deviam aquelles auxiliares do governo responder, quando irrompeu de um couraçado da marinha nacional, ancorado na bahia do Rio de Janeiro, um serio levante de marinheiros, sem motivo claro que justificasse tão alarmante attitude.

No primeiro momento o golpe assim, ex-abrupto, impressionou vivamente a população da capital, mas ninguem atinou com os autores principaes de tão violenta explosão. Depois que se reflectiu sobre a enormidade do attentado, tudo se attribuiu a homens audazes, ambiciosos, que se haviam habituado a exigir pela força o que não lhes era dado conseguir pela confiança, dentro da ordem. Esses individuos tinham a nevrose das posições officiaes e para conseguil-as iam ás ultimas consequencias, commentavam. Seriam capazes de incendiar a mais bella e original cidade do mundo, comtanto que, das suas ruinas ainda quentes, pudessem arrancar o segredo que, rapido, os con-

duzisse ás alturas mais cubiçadas da sociedade.

No dia 22 de novembro achava-se o presidente da republica em casa de seu irmão, dr. Fonseca Hermes, á rua barão do Amazonas, em cujo lar se festejava o anniversario natalicio desse modesto serventuario de justiça, quando ao chefe do governo foram levar a noticia da sublevação da grande unidade naval. Tambem o ministro da guerra, general Dantas Barreto, se achava presente e a noite já avançava para ás 11 horas, quando uma pessoa que inesperadamente se aproximou do ministro, lhe disse com visivel interesse: «o presidente vae sair e pediu-me que lhe avisasse da sua retirada, porque lhe quer falar. Dantas foi ter immediatamente com o marechal e este lhe referiu, em poucas palavras, que se haviam rebellado os marinheiros do *Minas Geraes*, a bordo. e que se ignoravam ainda os effeitos de tamanha affronta á disciplina e á ordem. E, combinando com o ministro sobre as providencias em terra, retiraram-se os dois generaes, o presidente para a sua residencia á rua Guanabara e o

ministro para o quartel general do exercito, onde não se encontravam, nesse momento, senão o official de serviço e seus auxiliares, ainda ignorantes do que se passava na bahia do Rio de Janeiro. O ministro da guerra, sem perda de tempo, expediu as suas ordens para a movimentação das tropas aquarteladas na capital, designando-lhes posições vantajosas, e dentro de meia hora desfilavam batalhões de infantaria com as respectivas metralhadoras; baterias de tiro rapido providas de munições regulamentares para o litoral, cujos terrenos apropriados iam occupando á proporção que chegavam. A's duas horas da madrugada todas as posições dominantes da bahia estavam occupadas por artilharia moderna, inclusive obuzes de calibre dez.

Depois o ministro foi communicar ao marechal as providencias que tomara para defesa da cidade, cuja população já tinha conhecimento do que se passava em terra e no mar.

O presidente estava calmo e tornou-se radiante quando o ministro lhe referiu que o moral das tropas era magnifico e que a sua attitude serena dava a medida exacta

dos sentimentos de disciplina que as animavam.

Tinha-se a impressão nitida de que se estava diante de um homem capaz de conjurar a furia das tormentas em acção tenebrosa, na atmosphera das paixões candentes que explodiam de improviso, num choque violento.

O acto sedicioso se manifestou, exactamente, ás 10 horas e 40 minutos da noite, quando se ouviram os primeiros tiros de artilharia, lançados do *Minas Geraes* para terra. Então o povo, cedendo a justificado movimento de curiosidade, se dirigiu aos jornaes e a outros pontos de informações, afim de indagar o que se passava de anormal ante o canhoneio que feria o silencio da noite, na capital. Não tendo a explicação que procurava, conta o *Jornal do Commercio* de 23, «o povo se dirigiu para o litoral e as balaustradas do caes *Pharoux* se encheram rapidamente de curiosos. Já o *S. Paulo* e o scout *Bahia* haviam adherido á causa ingrata dos marinheiros e se mantinham em attitude agressiva».

O que occorria de positivo ninguem o sabia até então. Não desanimaram, entretanto, os interessados, até que chegaram algumas informações.

O capitão de mar e guerra João Baptista das Neves, que voltava de um banquete a bordo da fragata *Duguay Trouin,* acompanhado de um tenente, transportou-se para o *Minas Geraes,* ao passo que o outro official se fez á terra. Em meia distancia o tenente percebeu que de bordo do Minas davam tiros de carabina e que a guarnição se agitava numa confusão alarmante. Uma vez em terra, esse official se dirigiu presto á residencia do almirante Marques de Leão, ministro da marinha e referiu o que se passava a bordo. O ministro partiu immediatamente para o quartel general da armada, afim de tomar as providencias que o caso pedia, e pouco depois começaram a chegar os auxiliares do ministerio, bem assim os commandantes de divisões e navios soltos. Impressionados com a falta de pormenores a respeito do commandante Baptista das Neves esses officiaes augura-

ram um triste fim ao seu bravo companheiro.

Ao clarear do dia o aspecto da gente que se conservava nas immediações do cáes *Pharoux*, era ainda de espanto e de angustia. Que seria da republica, assim, mais uma vez inopinadamente ameaçada pelos proprios elementos da sua defesa?

Tiros insistentes sobre a praça 15 de Novembro, produziam o effeito que o pavor incute nas massas sem objectivo ante as situações agudas, e o trecho que vae do mercado velho á estação das barcas de Nictheroy, bem como a área daquella praça, ficaram quasi abandonados durante alguns minutos.

Os curiosos corriam assombrados, sem saberem para onde.

Os mais indifferentes ao perigo, comtudo, se mantiveram junto á estatua do general Osorio, que parecia protestar contra tamanha brutalidade.

Só depois começaram a circular noticias mais ou menos detalhadas dos successos que se desenrolavam na bahia, cujas consequencias ninguem podia então calcular,

porquanto muitas das mais importantes unidades de guerra se achavam compromettidas no movimento sedicioso, inclusive os couraçados *Deodoro* e *Floriano*.

Quasi todos os navios tinham insignia vermelha içada no mastro de prôa e a bandeira nacional á popa. Diversos, manobravam sem atropello, tranquillamente: ancoravam e pouco depois levantavam ferro. No bombardeio que fizeram de manhã, referem os jornaes do dia, "os projectis de preferencia empregados eram granadas". Uma destas foi cair no jardim do Cattete e outras em casas particulares de Botafogo e outros bairros da cidade, produzindo intenso panico em senhoras e crianças, que, espavoridas, quasi loucas de medo, se refugiavam nos porões das proprias casas de residencia ou nos esconderijos onde se julgavam ao abrigo daquellas machinas de morte.

Nas praças, nas ruas e nos vehiculos de todos os systemas, as balas faziam estragos de material e de vidas preciosas.

A mais illustre victima do dia, cujo trucidamento causara profunda e dolorosa impressão, foi o commandante Neves.

Eis a tragica situação em que se encontrara o destemido official, que deixara aos seus companheiros de profissão um exemplo typico de heroismo e da mais nitida comprehensão do dever profissional:

Chegando ao couraçado *Minas Geraes* em companhia do seu ajudante de pessoa, 2.º tenente Trompowsky, deixou este official immediatamente o commandante Neves, como já se viu, e partiu para terra, no desempenho de ordens de seu chefe, que, a bordo, ficou palestrando a respeito de serviços com o tambem 2.º tenente Alvaro Alberto. Este, ao despedir-se do commandante para attender a serviços que estavam a seu cargo, recebeu um golpe de baioneta, vibrado por audacioso marinheiro que o espreitava enfurecido. O tenente Alvaro, apezar de haver tropeçado quando buscava escapar á sanha do marinheiro, puchou da espada com que se achava armado e cravou-a no estomago do seu desvairado agressor. Aos gritos do marujo que, ferido de morte, foi cair pesadamente a alguns degráos da escada, toda a guarnição subiu precipitadamente ao convez do navio, para onde subiram igualmente o 2.º tenente Al-

varo, o capitão-tenente Lamaignère, o 1.º tenente Melciades Alves e o tambem capitão-tenente José Claudio, os quaes se empenharam em tremenda luta para conter a guarnição sublevada. O combate que então se travou entre esses homens que já se odeiavam ferozmente, tomou proporções sinistras e, de parte a parte, cada vez mais se acendia o sentimento de vingança, a raiva tigrina, cuja manifestação fazia ver ali tudo estranhamente rubro. Uns rolavam no proprio sangue em jorro, sobre o convez alagado da grande nave; outros, com a physionomia desconcertada, olhares de hyena mal ferida, cravados na victima da sua preferencia, blasfemavam com rugidos quasi abafados de colera, na furia da vindicta terrivel, e officiaes e marinheiros se equivaliam na indifferença pela vida.

No meio desse chaos infernal o commandante Baptista Neves, que tambem havia subido para o convez do Minas, foi attingido por um pedaço de ferro em pleno rosto e muitas coronhadas pelo corpo, ao lado do 2.º tenente já morto, na luta corpo a corpo. Tão valente como generoso, tambem já se debatendo nas agonias derradei-

ras, o commandante Neves, com um gesto solenne, intimou o tenente Alvaro Alberto a deixar, immediatamente, o *Minas Geraes* e, sem um gemido e sem um gesto de dor, altivo ante os scelerados que ainda o coronhavam furiosos, morreu como um heroe, fanatisado pela religião do dever.

A noticia de tão emocionante tragedia, correu celere no circulo dos officiaes da armada que, sem meios de acção vigorosa, impotentes para um movimento de repressão a bordo, porque nessa violenta surpresa lhes haviam arrebatado as armas com que deviam lutar, ficaram na espectativa dos acontecimentos, á espera de ordens do governo.

Tal foi a triste situação a que redusiram os valentes officiaes dos navios de guerra, então surtos na bahia do Rio de Janeiro, os homens cuja vaidade pairava acima das mais nobres aspirações da patria.

Nessa mesma sinistra manhã de novembro, reuniu-se o ministerio no palacio do Cattete, onde já se achava o presidente Hermes da Fonseca e tratou-se do momento afflictivo no mar, cujos successos apanha-

ram inopinadamente a capital da republica. O ultimo a chegar foi o ministro da guerra, que havia passado grande parte da noite em combinações de ordens e serviços, indispensaveis á tranquilidade publica.

Depois de saudar o presidente e aos seus companheiros de governo, o general Dantas Barreto informou ao marechal das suas ultimas disposições a respeito da força, já collocada no litoral e manifestou a sua desconfiança sobre os elementos que lhe pareciam animar os acontecimentos que se desdobravam a bordo dos navios de guerra sediciosos.

De olhos quasi cerrados, physionomia concentrada e animo visivelmente contrariado, o senador Pinheiro Machado, tambem presente, por iniciativa propria, entendia que era preciso moderação nos processos de repressão que se deviam empregar nesse momento terrivel, porque a ofensiva exagerada, podia provocar uma reacção violenta contra a cidade, pensava o senador.

Devia correr pelo ministerio da marinha a acção principal, immediata, nas aguas da bahia, para castigo da maruja insubordi-

nada, mas o almirante Marques de Leão pouco havia feito até áquella hora e não tinha uma ideia sequer na altura da situação. Era, talvez, um marinheiro brioso, impassivel ás iras do oceano, mas um vencido do seu proprio temperamento nas revoltas dos homens contra os homens.

Estivera ausente do serviço naval militar durante alguns annos consecutivos e esse afastamento dos camaradas activos, gerou-lhe a indifferença que o acompanhou nas funcções de destaque em que então se mantinha. E dahi em diante, quasi abandonado dos companheiros de classe, os quaes lhe perceberam o succumbimento que se agravava cada vez mais, o almirante Marques de Leão parecia um vencido nas proprias responsabilidades.

E, assim, passou-se o dia inteiro na atmosphera affrontosa daquelles navios rebeldes, a cuja frente se achava o marinheiro de 1.ª classe João Candido, a bordo do *Minas Geraes*, que acabava de sair á barra, sem a menor hostilidade das fortalesas. Esse couraçado, voltando mais tarde, tornou a sair á noite com outros navios. Divertiam-se.

O povo aglomerado nos pontos do litoral onde havia tropa de vigilancia, indagava de soldados e officiaes o que pretendiam os marinheiros, mas ninguem sabia responder a tão significativa curiosidade.

Os officiaes da armada, em sua grande maioria, concentrados no arsenal de marinha, aguardavam ordens do ministerio, mas o ministerio se conservava quasi estranho a tudo, no primeiro momento da situação dominante na bahia. Esta inactividade exasperava os officiaes, certamente diminuidos no seu prestigio perante a nação, mas como fugir á fatalidade dos acontecimentos?

E veiu a noite com o seu cortejo sinistro, trazendo nas densas trevas indefiniveis o aspecto do medo, a forma da traição em cada objecto, em cada vulto estranho.

Como o presidente da republica ainda se achava com a familia na sua casa da rua Guanabara, o ministro da guerra pernoitou no palacio do Cattete, afim de attender á qualquer solicitação dos commandantes das forças, mas a noite correu calma, como se nada houvesse de anormal nas cercanias da cidade.

Pela manhã, cêdo, os navios que haviam deixado a bahia ás primeiras horas da noite (23), voltaram áquellas aguas, mas só raramente se ouvia um tiro de canhão ou fuzil.

Tambem a artilharia de terra, pelos visos dos morros, ao longo da costa, raramente dava um signal de actividade. E semelhante situação, cada vez mais enigmatica, impressionava a civis e militares pelo ridiculo que parecia envolver. Era preciso que os poderes constituidos da nação agissem resolutamente, positivamente, afim de sair-se dessa apathia intoleravel, e agitou-se, no senado, a questão de uma amnistia ampla e sem delongas.

O senador Ruy Barbosa, no meio do silencio que se fizera ao tomar a palavra, proferiu um notavel discurso para justificar a necessidade da medida politica, immediata, sem restricções e referiu ás seguintes declarações do deputado José Carlos de Carvalho, que fôra a bordo do *Minas Geraes*:

«Vi como esses homens lhe mostraram com orgulho os seus navios.» E continuava Ruy Barbosa: "Senhores, isto é uma re-

volta honesta. Elles (marinheiros) tinham lançado ao mar toda a aguardente existente a bordo para se não embriagarem; tinham feito guardar com sentinellas as caixas onde se achavam depositados os valores; tinham mandado atalaiar com sentinellas os camarotes dos officiaes para que não fossem violados; tinham guardado na organização do movimento um sigillo prodigioso entre os costumes brasileiros; tinham sido leaes uns com os outros, desinteressados na luta e, porque não dizer, em vez de se entregarem aos impulsos dos instinctos tão desenvolvidos e tão naturaes em homens da sua condição, servindo-se mediata e reflectidamente dos meios destruidores de que dispunham contra a cidade, fizeram concessões e estabeleceram a luta como se fossem forças regulares contra inimigos regularmente constituidos.

. . . .

As reclamações capitaes existentes na base desse movimento, correspondem a duas necessidades irrecusaveis. No programma com que me apresentei na luta eleitoral, na ultima eleição de presidente da republica, reclamei, sr. presidente, para o marinheiro

e para o soldado o augmento do soldo e a extincção dos castigos servis a que o marinheiro e o soldado continuam sujeitos do exercito e na armada.

. . . .

Estas, sr. presidente, eram as exigencias capitaes da reclamação que os tripulantes do *S. Paulo* e do *Minas Geraes,* entenderam fazer com as armas em punho. Um governo sensato, prudente e digno, não se deshonra rendendo-se a necessidade da situação de que não foi causador e, se a situação é essa, de que todos nós estamos convencidos, o governo não hesitará mais tarde em cumprir com absoluta e indefectivel lealdade as suas promessas. Eu espero que o governo acual do paiz procederá desse modo». (Annaes do senado: sessão de 24 de novembro de 1910).

E depois de outros conceitos vigorosos sob o ponto de vista em que se collocara, o senador Ruy Barbosa apresentou o seguinte projecto de lei:

Artigo 1.º E' concedida amnistia aos insurrectos de posse dos navios da armada nacional, se os mesmos dentro do praso

que lhes for concedido pelo governo, se submetterem ás autoridades constituidas.

Artigo 2.º Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das sessões, 24 de novembro de 1910. — *Severino Vieira.* — *José Maria Metello.* — *J. L. Coelho e Campos.* — *Campos Salles.* — *Ruy Barbosa.* — *Alfredo Ellis.* — *Francisco Glycerio.* — *Generoso Marques.* — *Alvaro Machado.* — *Walfredo Leal.* — *Oliveira Figueiredo.* — *Bernardino Monteiro.* — *F. Mendes de Almeida.* — *Urbano Santos.* — *José Eusebio.* — *Sá Freire.*

Annunciada a discussão foi dada a palavra ao senador Pinheiro Machado, que declarou aceitar a amnistia nos termos do projecto em debate, mas achava que a mesma só devia ser concedida depois que os insurrectos depuzessem as armas. Fora sua e de outros senadores, inclusive Ruy Barbosa, a ideia dessa concessão, mas desejava-a em termos dignos.

«Eu sou, sr. presidente, affirmo-o ao illustre collega, diz Pinheiro, pela reparação de todos esses agravos que, como bem disse s. ex., aviltam mais a quem os pratica do que aos que os soffrem; mas precisamos

reflectir na situação em que podem ficar os poderes publicos, tomando a deliberação de attender á cessação desses gravames, não por um acto expontaneo e livre, mas sob a pressão do panico e da ameaça do bombardeio desta capital.»

O senador riograndense tinha, porém, certesa de que dentro de poucas horas o projecto seria lei do congresso e, portanto, era de boa politica manifestar escrupulos que decerto não lhe occorriam então.

Estava seguro de que a amnistia seria concedida, incondicionalmente ou com as restricções que sugerira, e sentia-se bem.

E, comtudo, estava com elle a boa causa, porque a amnistia dos rebeldes, mesmo solicitada por elles, com as armas na mão, incondicionalmente, significava a impotencia do governo para reprimir o levante militar, o que não era exacto.

O governo dispunha de elementos para reduzir os marinheiros ás normas regulares da disciplina, mas quando o ministro da guerra tratava de empregal-os efficazmente o presidente da republica, cedendo a considerações do barão do Rio Branco e do proprio senador Pinheiro, mandou suspen-

der o trabalho já iniciado nas fortalezas de S. João e Santa Cruz.

A victoria começava a manifestar-se para o lado de Ruy Barbosa, que se achava plenamente á vontade na explanação do caso em effervescencia. Dilacerava-se-lhe o coração constringido pelo desastre que dizia imminente com a elevação do marechal Hermes á presidencia da republica e, assim, pouco se importava que em tão singular emergencia o governo se humilhasse perante a nação, até o risco de uma hecatombe social.

Conhecia o homem a quem a fortuna havia guindado á primeira magistratura do paiz; tinha-o dissecado moralmente numa critica feroz, de alguns mezes, dia a dia, na tribuna ou na imprensa, mas ainda não estava completa a sua obra: era preciso que o marechal fosse olhado pela nação inteira com pena! E o momento não lhe podia ser mais propicio. Queria uma vingança completa, solenne, porque nunca se conformaria com a derrota politica que lhe haviam infligido os amigos do marechal. E, tomando ainda uma vez a palavra para rebater as objecções do senador Pinheiro Machado, o

eminente pensador disse: «A amnistia, senhores, surge no momento verdadeiro. Se os senhores senadores entenderem que devem adiar a medida proposta, eu os convido a reflectirem um pouco e apoz esta relexão estou certo que concordarão commigo, isto é, que ou a oportunidade dessa medida é agora decretada e produzirá seus effeitos beneficos, ou ella será adiada e resurgirá tarde, quando as posições se acharem invertidas e os males que, mediante ella, desejo obviar, se acharem inteiramente consummados».

Aprovado em 3.ª discussão no senado, foi o projecto immediatamente remettido á camara dos deputados, onde o esperavam com todas as facilidades.

O ardoroso deputado Irineu Machado, porém, indignado com o que se pretendia fazer para innocentar os marinheiros revoltados, pronunciou um discurso contra a amnistia, que impressionou vivamente a camara. Era a voz do patriotismo que então falava pela boca do valente orador, num dos momentos mais felizes da sua vida parlamentar.

A sua notavel oração foi uma apostro-

phe cruel, de principio a fim, ao governo do paiz cuja acção não correspondia ás esperanças da republica, no seu entender de oposicionista irreductivel. E numa das suas ultimas imprecações elle concluia: «Eu não quero que se dê aos actos dos poderes publicos da republica a feição de uma covardia. Condemnando essa covardia eis a imagem que se desenha em meu espirito. Os nossos *dreadnoughts* que deviam ser os formidaveis instrumentos de nossa civilisação e de nossa força, hão de fluctuar, de agora em diante, oceano em fora, como esquifes da disciplina militar, da pusilanimidade governativa, da covardia parlamentar, da honra nacional».

O governo, porém, não tinha receio que uma sublevação a cuja frente se achava um marinheiro ignorante, pudesse comprometter o seu prestigio e as instituições da republica. Mas, agindo de acordo com o senado e a camara, que se não conformavam com a ideia de um bombardeio sobre a capital; que via triumphante no senado um projecto de amnistia incondicional, o governo aguardava as ultimas resoluções do congresso, calmo, convencido da sua vi-

ctoria quaesquer que fossem os meios a empregar para isso. No entanto, essa contemporisação doentia e essa demora no emprego dos elementos de reacção contra os navios revoltados, eis os factos que impopularisaram, de alguma sorte, ainda em começo, o governo do marechal Hermes da Fonseca.

Por essa occasião appareceu o seguinte manifesto:

«Ao povo e ao chefe da nação. Os marinheiros do *Minas Geraes*, do *S. Paulo*, scout *Bahia*, *Deodoro* e mais navios de guerra vistos no porto com a bandeira encarnada, não têm outro intuito que não seja o de ver abolido das nossas corporações armadas o uso infamante da chibata, que avilta o cidadão e abate os caracteres.

A resolução de içarem no mastro dos navios a bandeira encarnada e de se revoltarem contra o procedimento de alguns commandantes e officiaes, só foi levado a effeito depois de terem reclamado, por vezes insistentemente, contra esses máos tratos, contra os excessos de trabalho a bordo e

pela mais absoluta desconsideração com que sempre foram tratados.

Do chefe da nação, o illustre marechal Hermes da Fonseca, cujo governo os marinheiros desejam seja coroado pela paz e pelo mais inexcedivel brilho, só pretendem os reclamantes a amnistia geral, a abolição completa dos castigos corporaes, para engrandecimento moral das nossas classes armadas. Os marinheiros lamentam que este acontecimento se houvesse dado no começo da presidencia de s. ex. o sr. marechal Hermes da Fonseca a quem a guarnição do *São Paulo* é especialmente sympathica. Ao povo brasileiro os marinheiros pedem que olhem a sua causa com a sympathia que merecem, pois nunca foi seu intuito tentar contra as vidas da população laboriosa do Rio de Janeiro. Só em ultima emergencia, quando atacados ou de todo perdidos, os marinheiros agirão em sua defesa.

Esperam, entretanto, que o governo da republica se resolva a agir com humanidade e justiça. — *Os Marinheiros da Armada Brasileira.*»

Mas, ao passo que terminavam o seu manifesto contando com a protecção da jus-

tiça, diziam, categoricamente, que não deporiam as armas emquanto não tivessem plena certesa da ambicionada conquista.

Os inspiradores desse manifesto conheciam decerto *O Principe* de Machiavel.

Ainda no dia 25, depois de vivo debate iniciado pelo deputado Irineu Machado, a camara apoiou o projecto de amnistia, como fora do senado, por 115 contra 19 votos.

No entanto os navios continuavam de fogos acesos, em attitude ameaçadora!

O presidente daquella assembléa legislativa, terminada a votação, declarou que o projecto ia á sancção presidencial. E as ultimas palavras do presidente foram abafadas por *vivas á camara dos deputados e ao congressista José Carlos de Carvalho. (Jornal do Commercio).*

A's 5 horas da tarde chegou ao palacio do governo o dr. Rivadavia Correia, ministro do interior e justiça, conduzindo o autographo com a seguinte resolução, afim de ser sanccionada pelo presidente da republica:

«O congresso nacional decreta:

Artigo 1.º E' concedida aos insurrectos de posse dos navios da armada nacional, se os mesmos, dentro do praso que lhes for concedido pelo governo, se submetterem ás autoridades constituidas.

Artigo 2.º Revogam-se as disposições em contrario.»

O presidente da republica, informa o *Jornal do Commercio*, mandou chamar a palacio os ministros, que se achavam em suas secretarias. Pouco antes das 7 horas da noite reuniu-se o ministerio e só então o presidente sanccionou a resolução que foi referendada pelo ministro da justiça. Os marinheiros, em radiogramma que chegou ao conhecimento do governo, agradeceram ao congresso nacional o acto que os restituia á vida normal, de que se haviam criminosamente afastado. Por esse motivo, diziam «temos a affirmar que, uma vez satisfeitas as nossas reclamações, o illustre marechal Hermes da Fonseca e a nação brasileira não encontrarão, dentro dos limites da patria, homens mais patriotas e mais submissos ás leis do nosso paiz, do que estes que ora propugnam pelos seus mais

justos interesses. (As guarnições do *Minas Geraes, S. Paulo, Bahia* e *Deodoro*.»

Novos commandantes foram então nomeados para os navios rebeldes. Do commando do *Minas Geraes* foi incumbido o capitão de mar e guerra João Pereira Leite. Para o *S. Paulo*, de cujo commando ainda não havia sido retirado o capitão de mar e guerra Pereira e Souza, mandaram o capitão de fragata Silvinato de Moura; para o *Deodoro* e o scout *Bahia* foram respectivamente os capitães de fragata Altino Correia e Raymundo do Valle.

O commandante Pereira Leite, depois de se haver entendido com o presidente da republica e o ministro da marinha, seguiu para bordo do *Minas*. Ahi recebeu delegações dos outros navios revoltados, a cujos emissarios falou sobre os deveres das forças armadas, com o fim de despertar-lhes os sentimentos de ordem e disciplina, no que foi ouvido attenciosamente pelos marinheiros que enchiam a sala do commandante.

Só então assumiu o commando da marinhagem submettida.

Os navios salvaram e dos mastros onde foram içadas, desde o começo da revolta, desapareceram as bandeiras vermelhas.

Voltou á tranquilidade habitual, havia cinco dias perdida, a população da grande cidade. Mas a tristesa que a rebellião trouxera, como se a capital fosse surprehendida pela invasão de exterminadora peste levantina, essa perdurou por muito tempo ainda. E foram os officiaes da marinha nacional que mais fundo a suportaram. O golpe tinha sido penetrante, attingira-lhes o coração e o cerebro, mas pareciam voltar á vida que de novo se manifestava na metropole brasileira. Viam o convez dos navios, que elles tanto queriam, rubros do sangue generoso de companheiros valentes, que lutaram corpo a corpo pela honra da sua classe; sentiam em tudo isso o empenho maldito de uma vingança longamente premeditada nas revoltas de vaidades insaciaveis.

Antes da iniciativa do congresso para uma solução que tirasse o povo da situação premente em que se encontrava, surgiu a ideia extravagante, aliaz, prestigiada pelo

presidente da republica, de se mandar guarnecer um transporte qualquer de pessoal disposto, para uma abordagem ao *Minas Geraes,* á noite. Dominado este navio, retirada a guarnição revoltada, guarnecido por marinehiros fieis, sob a direcção de um commando forte, seria facil dominar o *S. Paulo* e as outras unidades, diziam sentenciosamente. E ia-se executar esse absurdo plano quando se fizeram ponderações que o marechal aceitou, sobre a impraticabilidade de semelhante operação.

Sabia-se tambem que o deputado José Carlos de Carvalho na sua segunda visita ao *Minas Geraes,* havia sido encarregado pelo senador Pinheiro Machado de propor desejada conciliação aos marinheiros rebeldes e esperava-se.

Havia então a maior anciedade pelo exito completo do negociador enviado á poderosa nave, tanto mais quanto já se tinham passado longos dias de incertesas irritantes, de espectaculos deprimentes dos brios nacionaes. E nem o grotesco faltou nas situações que se figuravam mais agudas!

A sala dos despachos presidenciaes, no palacio do Cattete, se mantinha cheia de

senadores, deputados e outras pessoas que buscavam informações dos successos em effervescencia. De repente corria algum boato alarmante, de bombardeio e arrasamento do palacio presidencial!

Divulgada a triste nova com as emoções aterradoras do panico, a maior parte dessa gente evacuava rapidamente, cautelosamente, o recinto dos despachos e apenas ficavam os ministros e seus auxiliares de gabinete, ao lado do presidente da republica que sempre se manteve calmo.

Passavam as horas na ancia dos acontecimentos em perspectiva; não se verificavam os successos imaginados contra o governo e a sala de novo se enchia da mesma gente, com o mesmo objectivo, ainda desconfiada, cautelosa, para se não deixar surprehender em palacio.

Por fim, regressou o deputado José Carlos, trazendo as condições que lhes ditaram os marinheiros para deposição das armas.

O presidente da republica não parecia disposto a tomar em consideração a insolente proposta dos rebeldes, mas depois de se haver entendido com o senador Pinheiro Machado, silenciou por completo e deixou

que o congresso agisse no caso, sob a sua inteira responsabilidade. Radiogrammas expedidos do *Minas* para os outros navios envolvidos na revolta, narravam o apparecimento do deputado José Carlos a bordo daquelle couraçado e as negociações já iniciadas para o desfecho da situação que se haviam criado.

Nesses recados insistentes os marujos se manifestavam com arrogancia atrevida e ameaçavam a capital de horrorosos bombardeios, se o governo não estivesse pelas suas condições, aliaz já conhecidas dos poderes publicos.

O effeito de tudo isso era doloroso para o amor proprio do Brasil, cuja humilhação no estrangeiro não se podia dissimular. Mas os partidarios da amnistia, com o fim de desmoralisarem o governo, não viam senão as consequencias calculadas das suas machinações diabolicas. Venceram e ficaram satisfeitos.

VIII

Insurreição do batalhão naval aquartelado na ilha das Cobras. — O movimento repercute na guarnição do scout Rio Grande do Sul. — Luta a bordo. — Os officiaes dominam a rebellião. — E' ferido o general Menna Barreto. — Mensagem do presidente da republica. — Estado da ilha depois de dominada. — Impressões do ministro da guerra.

Passada a refrega de uma insurreição em cuja voracidade assassina desappareceram muitos officiaes illustres da marinha brasileira, entrava a republica na sua vida normal, de actividade e trabalho, quando a 9 de dezembro do mesmo anno de 1910, pelas dez horas da noite, foi o presidente avisado de que um novo levante se havia manifestado na *ilha das Cobras*, onde se achava aquartelado um batalhão naval.

Referem as partes officiaes que, depois de haver a banda de musica daquella corporação feito retreta, á noite, os musicos se recolheram ao respectivo alojamento e que,

ao prepararem as macas para se agasalharem, foram surprehendidos com os toques de reunir e avançar em accelerado. Esses toques produziram estranhesa, por não ser commum ouvil-os a taes horas e, tomando as armas, aquelle pessoal saiu para entrar em forma. No pateo já estavam formadas as companhias 1.ª, 2.ª e 5.ª, as quaes atiravam sem objectivo, erguendo vivas á liberdade. Foi então que se percebeu a gravidade do momento, na ilha.

Os officiaes da guarnição, no meio da desordem que reinava naquelle sitio infernal, eram caçados á bala. O capitão de fragata Marques da Rocha, commandante da praça, tinha chegado pouco antes dessa manifestação de rebeldia. Quando ouviu tiros de fuzil, o arrojado official vestiu de novo a roupa que havia mudado e, investindo pela rampa que ia ter aos alojamentos, foi detido por uma sentinella que lhe disse: «Vossa senhoria não suba porque o batalhão se revoltou».

Official brioso e valente, o commandante Marques da Rocha insistiu, mas a sentinella e outras praças que se haviam conservado fieis, abraçaram-se com elle e assim o con-

duziram até o cáes, onde o commandante tomou um bote para a terra proxima em cujo arsenal de marinha o viram muito agitado.

Não ficou sómente na ilha das Cobras o movimento sedicioso desse dia: repercutiu na guarnição do *scout Rio Grande do Sul,* a qual pretextou, para sublevar-se, a noticia rapidamente divulgada, de que batalhões do exercito iam guarnecer os navios de guerra nacionaes, fundeados na bahia do Rio de Janeiro.

No ardor da luta que se feriu a bordo do *scout* revoltado, houve mortes de officiaes e praças, ainda no primeiro momento da refrega, mas, por fim, os que não quizeram adherir ao movimento, conseguiram, depois de encarniçada porfia, dominar os outros.

Era commandante desse navio o capitão de fragata Pedro Max Frontin que, percebendo os intuitos agressivos da marinhagem, mandou formar a guarnição do *Rio Grande* sendo desobedecido. Comprehenderam, então, todos os officiaes que se achavam a bordo, o perigo do momento, e, armando-se de carabina, fizeram fogo con-

tra os marinheiros que, por fim, cederam, deixando algumas victimas dos seus instinctos sanguinarios. Radiogrammas apanhados, quando dirigidos de uns para outros navios da esquadra, e tambem da *ilha das Cobras* para essas unidades, deixavam perceber que as guarnições dos *dreadnoughts Minas Geraes* e *S. Paulo,* se manifestavam contra a revolta, para a qual eram chamados a cada momento, como refere o *Jornal do Commercio,* sob pretextos varios, inclusive o de hostilisar o governo á marinha de guerra.

Os grandes couraçados e outros navios que tomaram parte no primeiro movimento sedicioso, ficaram ao lado das autoridades, apezar dos radiogrammas insistentes que eram transmittidos, principalmente, da ilha das Cobras, nos quaes se affirmava que o exercito «estava contra a marinha, pretendendo abordar os couraçados».

No entanto, a situação continuava delicada, porque de um momento para outro a rebellião podia tomar proporções mais vastas. Bastava para isso que a esquadra, então obediente ao governo, seguisse outra orientação, aliaz possivel, em face dos agita-

dores que ainda exploravam as dissenções da propaganda politica que elevara o marechal Hermes ao poder supremo da republica.

Não era difficil um desvio da ordem pois, desde que ainda não se podia contar com a lealdade de homens que, não havia muito, sem obedecerem a um sentimento elevado, traíam os seus compromissos de fidelidade e de respeito á nação, manchando os navios, que eram para defesa da patria, com o sangue generoso de tantos officiaes illustres.

O ministro da guerra, ao ter conhecimento do novo levante, seguiu para o seu gabinete, no quartel general e dahi providenciou a respeito das tropas cujos pontos de occupação lhes foram designados no litoral.

No caes *Pharoux* ficara o general Menna Barreto, chefe da guarnição militar da capital; ali se conservou toda a noite, na direcção do contingente destinado á defesa desse ponto, muito alvejado pela guarnição da ilha desde a madrugada em começo.

O presidente da republica tinha dado ordem para uma acção vigorosa contra os rebeldes e, do morro de S. Bento e do caes

Pharoux, entraram as baterias em plena actividade, de modo que, antes de clarear o dia, já os canhões troavam com bastante vivacidade, principalmente para responder aos fogos dos Krups que varriam a praça 15 de Novembro.

Em volta das 6 horas da manhã, deixando o ministro da guerra o seu gabinete para ir em visita ás forças distribuidas no litoral e, não se achando o general Menna Barreto no caes por se ter, havia pouco, dirigido ao seu quartel general, ali ficou o general Dantas Barreto assistindo o combate de artilharia entre as forças legaes e os soldados do batalhão naval. Não obstante os projectis que arrebentavam na zona mais castigada, produzindo estragos nos edificios e nos populares impertinentes, a praça se mantinha repleta de espectadores, que continuavam a assistir áquelle sinistro espectaculo, em cujo desdobramento, a cada instante, tombavam soldados da guarnição e particulares curiosos. Dali se observavam os estragos que as granadas causavam nos quarteis e enfermarias, assim como nos canhões collocados em pontos differentes da ilha, mas o fogo continuava activo de parte

a parte, num desafogo terrivel, como se se odeiassem de muito tempo. O odio crescia na proporção das hostilidades! Fazia pena ver aquelles homens valentes, capazes de acções heroicas pela patria, se destruindo assim, já certamente convencidos de que não podiam contar com auxilio dos navios de guerra fundeados na bahia.

Insistiam ainda e na maior intensidade da acção regressou o general Menna Barreto ao seu posto de honra. Foi immediatamente ter com o ministro da guerra que o recebeu como se recebem os chefes de quem tudo se confia nos momentos agudos da patria, e conversaram os dois generaes sobre os desconcertos que iam pela marinha nacional, quando um Sharpnel arrebentou a poucos metros sobre as cabeças desses officiaes, sendo Menna Barreto attingido por agudo estilhaço num pé, de cuja ferida começou a sair muito sangue. O ministro convidou seu camarada a retirar-se do combate, mas o general insistiu e ficou. Continuando, porém, a perder muito sangue e já se sentindo mal, Menna Barreto communicou ao ministro que se retirava e, toman-

do o seu automovel que estava ao lado, seguiu para a sua residencia.

Era preciso dar outro commandante áquella posição de destaque e o general Dantas Barreto mandou seu ajudante de ordens, tenente Castilho, chamar pelo telephone da estação central dos telegraphos ao general Pedro Bittencourt, para aquelle fim.

Pouco depois se apresentou um ajudante de ordens do presidente da republica, dizendo ao ministro que o marechal mandava chamal-o com urgencia ao Cattete e, nestas condições, deixou o ministro a posição no litoral, que devia o general Pedro Bittencourt occupar, antes mesmo de se haver este apresentado.

Apenas avistou o general Dantas Barreto o presidente da republica destacando-se do grupo com quem conversava em palacio, dirigiu-se visivelmente interessado para o seu companheiro de governo: «Que fazieis no *Pharoux* a esta hora!» «Visitava aquelle ponto e me dispunha aos outros onde havia força», respondeu o ministro com um sorriso amigo. «Não era ali o vosso lugar neste momento», replicou o marechal Hermes

abraçando seu camarada, quasi enternecido.

«Disseram-me que estaveis demasiadamente exposto e por isso vos mandei chamar». E ambos se dirigiram á mesa dos despachos.

Então o marechal, tomando de um papel que ainda estava sobre aquella mesa, disse: «Eis a mensagem que vou dirigir ao congresso nacional, expondo os successos que desde hontem occorrem nesta capital e solicitando meios proficuos de repressão para esses casos de indisciplina, que se vão repetindo».

E o ministro da guerra leu o seguinte documento:

«Senhores membros do congresso nacional. — Cumpre-me levar ao vosso conhecimento que á noite passada, ás 11 horas mais ou menos, manifestou-se a bordo do *scout Rio Grande do Sul* e do batalhão naval, aquartellado na *ilha das Cobras,* um movimento subversivo dos marinheiros e de praças daquelle batalhão. Devido ao grande valor e decidida e abnegada energia da officialidade daquelle navio de guerra a rebellião que a seu bordo irrompeu, pou-

de ser inteiramente dominada, com o sacrificio da vida do heroico capitão-tenente Carneiro da Cunha. Outro tanto não aconteceu com o batalhão naval, cuja officialidade, não obstante a sua bravura, não conseguiu reprimir o movimento de indisciplina que, de grande numero de praças, se estendeu aos presos que na ilha existem. O governo tomou as mais energicas e promptas providencias para suffocar a insubordinação que, felizmente, está circumscripta á *ilha das Cobras*, mantendo-se fieis todos os mais navios da esquadra.

Não é possivel, entretanto, esconder que esse facto, seguindo-se tão de perto aos acontecimentos de 22 de novembro, é o resultado de um trabalho constante e impatriotico, que tem lançado a anarchia e a indisciplina nos espiritos, especialmente nos elementos menos cultos e, por isso, mais susceptiveis de faceis sugestões. Esta é a grave situação que o governo cumpre o dever de levar ao conhecimento do congresso nacional, afim de que este adopte as medidas que o seu patriotismo aconselhar. Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1910. — *Hermes R. da Fonseca.*»

Presente essa mensagem ao senado e devidamente estudada pela commissão de constituição e justiça, foi redigido immediatamente o seguinte projecto de lei:

«O congresso nacional decreta:

Art. 1.º Ficam declarados em estado de sitio, até 30 dias, o territorio do districto federal e o estado do Rio de Janeiro, revogadas as disposições em contrario. — *Antonio Azeredo. — Alencar Guimarães. — Tavares de Lyra.*»

Dominada, por fim, a rebellião, partiram pela manhã de 11, forças reputadas sufficientes para occuparem a ilha, as quaes embarcaram no caes do porto, dirigidas, em pessoa, pelo ministro da guerra que, chegando a altura da praça vencida, tomou para o arsenal de marinha, afim de entender-se com o seu collega dessa pasta. Do arsenal seguiu de automovel o ministro da guerra para o palacio do Cattete, onde foi communicar ao presidente da republica a occupação da ilha por infantaria do exercito, sem haver encontrado resistencia ali.

Depois regressou ao arsenal de marinha e dahi seguiu para a *ilha das Cobras,* em cuja posição se demorou por longo tempo

no exame detalhado dos estragos que se viam por toda a parte: alojamentos de praças cujos dormitorios eram dos mais confortaveis; enfermarias onde o asseio dos leitos e dos compartimentos da administração denotavam meticuloso cuidado, estavam em lamentaveis ruinas. Armarios luxuosos, mesas de operações cirurgicas, das mais aperfeiçoadas, mobilias de fina confecção, vindas directamente de Paris ou de Londres, nada escapara aos estragos da artilharia, na sua voracidade destruidora de muitas horas de fogo.

Alguns dos canhões com que os rebeldes bombardeiaram a cidade, nos seus logradouros mais concorridos, pelas proximidades do litoral, estavam desmontados dos reparos, outros completamente inutilisados e, a cada passo, projectis intactos, que os soldados mortos ou feridos, ainda ali, sobre a terra abrasada, não tiveram tempo de levar ao seu destino. A casa do commandante Marques da Rocha, um primor de arte nos seus arranjos e decorações interiores, onde aos domingos aquelle official levava homens da mais elevada categoria social do Brasil para almoços ou jantares

especiaes, estava como as outras construcções da ilha, toda crivada de balas, com as paredes esboroadas, pinturas e quadros inutilisados por completo. Estava ali, tristemente desenhado em cada objecto, em cada recanto de muralha ennegrecida pelo tempo, em cada parede prestes a desabar, em cada particularidade de uma praça de guerra vencida, o quadro sinistro da anarchia, quasi victoriosa, de uma corporação militar que se revoltara contra a ordem regular de seu paiz, em momento delicado.

Por toda a parte, na capital, se commentava ainda a perversidade de homens cujo instincto feroz nada respeitara, para desafogo cruel de sua vaidade em explosão. O povo apontava os responsaveis por tudo isso, mas o povo falava pelo instincto de falar: não tinha os elementos de provas juridicas com que se estigmatisam os traidores, os *Julianos* de todos os povos.

Decretado o estado de sitio para a capital federal e Nictheroy, quasi nenhuma aplicação teve semelhante medida de excepção, porque os principaes responsaveis pairavam em espheras muito altas, onde não chegariam as vistas da policia. Só os instrumen-

tos de tão impatrioticos manejos, foram, á ultima hora, apanhados em flagrante, para darem entrada nas prisões do estado.

O segundo levante foi uma derivação das concessões impostas ao governo pelos factores do primeiro, bem como pelo congresso legislativo, demasiadamente tolerante, em cujo meio havia muitos inimigos rancorosos do marechal Hermes, que o desejavam humilhado, vencido.

Estava, porém, terminado o periodo das revoltas na marinha nacional e o governo, assim desembaraçado, começou a sua obra de reparação social e administrativa, regular.

IX

O governo resolve dar destino, fora da capital, aos marinheiros mais compromettidos na rebellião. — O Satellite conduz marinheiros para o norte. — Normalidade dos trabalhos administrativos. — Morte de mme. Orsina Fonseca. — presidente trata casamento. — Espirito absorvente de Pinheiro Machado. — Receio de rebeldia politica. — Telegramma de Pinheiro Machado. — Resposta de Dantas Barreto. — Pinheiro Machado na fazenda da Boa-Vista. — Regresso de Pinheiro. — Reunião da convenção do p. r. c. — Resposta ao telegramma de Dantas Barreto. — Outro telegramma de Dantas Barreto. — Commentarios da imprensa.

Depois dos successos de novembro e dezembro de 1910, veiu uma phase de calma relativa, apezar dos ataques por vezes irritantes de oposicionistas systematicos e tambem da imprensa que explorava a situação precaria dos marinheiros rebeldes, ainda tratados com desconfiança por quantos tinham a responsabilidade da ordem publica.

Considerada affrontosa a conservação na armada, e mesmo na capital federal, dos marinheiros sublevados que mais se evidenciaram pela ferocidade que desenvolveram a bordo dos navios por elles dominados durante os dias em que mantiveram o Rio de Janeiro sob a pressão do terror, o governo resolveu dar-lhes o destino que convinha no momento. Para este fim, em se tratando de pessoal já retemperado no crime, o governo fretou um navio do *Lloyd Brasileiro*, afim de levar essa gente com segurança para o Amazonas, donde seria internada na região do Acre.

O navio destinado a semelhante expedição arriscada, foi o audaz *Satellite*, cuja historia principal, na grande travessia do Rio de Janeiro ao extremo norte do Brasil, resume-se, dessa vez, nos fuzilamentos que o commandante da força militar mandou fazer a bordo, onde alguns deportados se insurgiram com o fim de suplantarem a escolta e se apoderarem do transporte que premeditaram, em sinistros concertos nos porões infectos do paquete, dominar completamente.

Depois dessas providencias de rigor,

normalisaram-se os trabalhos da alta administração e o povo se deixou ficar na expectativa dos grandes beneficios com que se devia contar de um governo prestigiado pela maioria da nação, cujo desenvolvimento dependia apenas da sua actividade collectiva, sob o regimen da lei, executada com lealdade e patriotismo. E até 1912 os actos do marechal Hermes tiveram o cunho de uma orientação regulada por principios republicanos, sem deslises violentos.

Nenhum plano, entretanto, que estimulasse as forças vivas da nação para um avanço decidido, na vida continental americana, havia desenvolvido o marechal Hermes até então, mas contava-se com o bom senso desse homem a quem se attribuiam qualidades de estadista e animo de soldado.

Um acontecimento, porém, deveras commovente, veiu pôr em evidencia as fragilidades do presidente da republica: a morte inesperada de sua eminente esposa, mme. Orsina Fonseca, matrona de grandes virtudes moraes.

Uma *embolia* cerebral produziu-lhe a morte dentro de poucos dias.

Acreditou-se que o marechal Hermes hou-

vesse passado por um grande abalo moral e lamentava-se a fatalidade de tão emocionante successo, decerto capaz de abater, na violencia da surpresa, as mais austeras energias de um homem forte, tanto mais quanto se conheciam os sentimentos affectivos que dominavam o espirito bem equilibrado do marechal.

Não foi, entretanto, o que se observou em seguida, porque o presidente da republica desde logo se enamorou de uma linda e nobre donzella, cujos dotes de espirito lhe inspiraram tão violenta paixão que o fizeram abandonar os deveres do seu cargo, com todas as suas pesadas responsabilidades. E desde esse momento a sorte da republica foi entregue ao homem audacioso e forte que vinha flanqueando o chefe do poder executivo, para dominal-o politica e administrativamente. E foi assim que esse homem dispoz do paiz, como lhe veiu á fantasia, sem responsabilidades, senhor da situação.

Já em começo de 1913 se mumurava acremente do rumo que ia tomando a nação, lançada de repente numa orgia de gastos excessivos, desordenadamente, sem autori-

sação legal, para gaudio dos que transplantaram para o Brasil do seculo XX os tempos de Nero, de Claudio e Domiciano, com os seus deleites agudos e as suas tyrannias requintadas. Os jornaes denunciavam escandalos em que figuravam damas e cavalheiros de cuja influencia no Cattete resultavam proveitos de sommas avultadas em prejuiso da fazenda nacional. Criavam-se empregos de justiça e de toda a sorte, para se collocar parentes de ministros, senadores e amigos que mais lisonjeavam a vaidade do presidente, o qual, despreocupado dos negocios do estado, não se detinha senão ante os altares do amor que o dominava irresistivelmente.

Convinha aproveitar a situação politica então dominadora no paiz inteiro, com exclusão de S. Paulo; convinha aproveitar o estado da alma do marechal Hermes, para lançar-se a candidatura do futuro presidente da republica, facto que já vinha preoccupando o espirito publico e vigorosamente explanado na imprensa da capital federal.

Mas a convenção partidaria, formada exclusivamente de elementos pinheiristas,

compunha-se, em grande parte, de homens sem responsabilidades politicas no paiz, e sem o relevo austero que devia ter semelhante formação. Das suas deliberações, uma vez chamada a se manifestar sobre o caso, não se podia esperar senão um candidato á feição do senador Pinheiro Machado — o proprio senador Pinheiro — que presumia não ter competidor em tal pretenção, pois eram estes os seus calculos desenvolvidos e assentados na intimidade familiar daquella gente satisfeita, e entre amigos que nunca ousaram contrarial-o nas suas mais absorventes fantasias.

Na impaciencia de um candidato que resumisse as aspirações nacionaes, indicavam-se a cada momento nomes de brasileiros distinctos, os quaes eram, em seguida, devorados pela critica incisiva da imprensa e dos campiões que viam, quasi sempre, nos personagens lembrados, a morte das suas esperanças tantas vezes acariciadas.

O povo estava convencido de que não tinha o homem que imaginara no governo e a escolha do futuro presidente já era um consolo ás suas decepções.

Effectivamente a indifferença do mare-

chal Hermes pelos assumptos mais relevantes da administração, augmentava a curiosidade das classes particularmente interessadas no desenvolvimento do paiz, e todos procuravam saber a quem se iam entregar os seus destinos ameaçados, no proximo quadriennio governamental.

Conhecia-se o espirito absorvente do senador Pinheiro Machado, cuja influencia junto ao marechal estava no dominio do paiz e isso ia alarmando o elemento republicano desinteressado. Os estados percebiam as manobras que se desenvolviam no seio do governo, para que os planos politicos daquelle senador tivessem o exito das suas ambições illimitadas, mas a uns convinha a victoria do seu chefe nas urdiduras que se tramavam e a outros faltava decisão para romperem abertamente contra semelhante situação facciosa, que aviltava os brios da republica.

Pinheiro Machado sentindo que os grandes estados, aliaz incorporados ao partido republicano conservador, sob a chefia de Quintino Bocayuva, procuravam desagregar-se desse agrupamento partidario, depois da morte do eminente evangelisador

brasileiro, dirigiu, a 28 de fevereiro de 1913, o despacho seguinte ao general Dantas Barreto, governador de Pernambuco, afim de verificar até onde podia chegar essa tendencia de rebeldia naquelle estado:

«Em reunião de hontem, sob minha presidencia, e apoz declaração que fiz de estar inteiro acordo resoluções anteriormente tomadas meus collegas mesma commissão, resolveram ainda convocar oportunamente actual convenção que, nos termos numero dois, disposições transitorias bases organicas partido, deverá logo depois 22 maio eleger sua successora, cabendo esta, acordo disposto letra *b,* numero cinco, mesmas bases, determinar epoca propria em que referida convenção terá escolher candidatos eleição presidencial primeiro março anno vindouro. Confiamos que v. ex., consultando influencias politicas que nesse estado nos assegurem sua solidariedade, se manifeste de acordo com essas deliberações, baseadas, aliaz, na lei organica do nosso partido. Affectuosas saudações. — *Pinheiro Machado.*»

Este telegramma era precedido do seguinte trecho que o senador Pinheiro tran-

screveu para que se calculasse como era reputado pelos seus companheiros de commissão:

«Commissão executiva partido republicano conservador reunião 17 corrente, resolveu não assumir responsabilidade qualquer deliberação sobre futura eleição presidencial ausencia seu presidente, já de viagem Rio, nem tão pouco antecipar soluções que acordo bases partido só pela convenção e em tempo proprio, poderão ser adoptadas.»

A convenção, a quem pretendia Pinheiro attribuir o encargo de indicar os candidatos á presidencia e vice-presidencia da republica era, em parte, constituida de homens sem responsabilidades politicas no paiz, obedientes incondicionalmente áquelle chefe conservador e, por conseguinte, desde logo se podia culcular o que seria a escolha presidencial em foco.

Já de algum tempo estranho á politica do partido então dominante no Brasil, pelas normas disvirtuadas do systema republicano, em que se afundava semelhante agrupamento partidario, o general Dantas, por esse tempo governador de Pernambuco, depois de examinar aquelle documento inci-

sivo e pesar o momento politico de seu paiz, ameaçado de maiores desastres, se fosse cair nas mãos do senador Pinheiro Machado, redigiu o seguinte despacho que, em reunião da bancada pernambucana, foi apresentado e aceito: «Senador Pinheiro Machado. — Rio. Em resposta ao telegramma de v. ex. de 28 do mez passado, declaramos com toda sinceridade que o momento não comporta indicação do candidato á presidencia da republica pela actual convenção do partido republicano conservador, em cujo corpo se encontram elementos que de antemão sabemos adversarios da nossa orientação politica. Em vez do processo, aliaz, regulamentar de que fala v. ex. para escolha daquelle candidato, depois de 22 de maio proximo, pensamos que a convenção indicadora do candidato áquelle cargo no proximo quadriennio, deve ser nacional e em que possam comparecer, isentos de compromissos partidarios, elementos de todas as feições politicas, tanto mais quanto o presidente que substituir ao egregio marechal Hermes da Fonseca, precisa de muito prestigio e de muita força para tranquilisar a republica, alarmada por

tantas discordias e ainda receiosa de graves perturbações, principalmente ao norte do Brasil. Achamos tambem que essa convenção deve ser convocada e presidida pelo vice-presidente do senado que, para esse fim, solicitará representação de todos os estados. Cederemos todavia ao convite de v. ex., fazendo-nos representar oportunamente, comtanto que os membros de uma nova convenção, mesmo restricta, como no caso do partido republicano conservador, sejam indicados pelos governadores e presidentes dos estados ou eleitos dentre respectivos pares reunidos, senadores e deputados com semelhante objectivo. Não obedecendo a uma destas formulas, de preferencia a primeira, nos reservamos o direito de aceitar ou não o candidato indicado pelo partido republicano conservador. De qualquer forma estaremos, como até hoje, ao lado do eminente marechal Hermes da Fonseca, sem medirmos sacrificios. Em conclusão, pedimos a v. ex. aceitar as nossas manifestações de muita sympathia e alto respeito. — *Dantas Barreto.* — *Manoel Borba.* — *Balthasar Pereira.* — *J. V. Meira Vasconcellos.* — *Costa Ribeiro.* — *Frede-*

rico Lundgren. — José da Cunha Rabello. — Dr. João Ribeiro de Brito. — Erasmo de Macedo. — Arthur Orlando. — Lourenço de Sá. — Rego Medeiros. — Cunha Vasconcellos. — Aristarcho Lopes. — Augusto Amaral». (1)

Obedecido invariavelmente em seus menores caprichos por toda a gente que se julgava feliz á sua aproximação disputada, a contrariedade do senador Pinheiro Machado, ao receber esse telegramma cuja linguagem desconhecia, devia ter sido cruel; seu espirito intolerante e vingativo, devia tambem ter passado por todas as torturas de uma revolta surda, suffocadora.

Não se sabe se levou ao conhecimento dos seus amigos, immediatamente, o despacho dos representantes de Pernambuco, mas o que é verdade é que o senador Pinheiro partiu para a sua fazenda da *Boa-Vista*, onde ficou alguns dias, meditando sobre a possibilidade de um concerto nas suas relações com aquelles homens do norte, em

---

(1) Este telegramma não tem data, mas devia ser dos primeiros dias de março de 1913.

cujos estados sempre teve os melhores elementos de assignaladas victorias politicas. As auras dos campos criadores de *Boa-Vista,* retemperaram-lhe decerto as energias perdidas nesse transe doloroso, mas não era tudo: e lembrou-se de provocar uma visita do presidente da republica á séde do seu partido.

Este facto daria a nota suprema do seu prestigio official e, assim, entraria de novo retemperado nos arraiaes das forças murmurantes, insubordinadas.

O marechal Hermes, cedendo a tão impertinente solicitação partidaria, apresentou-se, effectivamente, em dia combinado, na casa em que funccionava a commissão executiva do partido republicano conservador.

E, ahi, respondendo a um discurso do senador Pinheiro Machado, fez declarações categoricas de plena obediencia áquelle chefe de quem se confessava soldado fiel e disciplinado. «Um dos actos mais felizes do meu governo, disse o marechal commovido, foi ter-me abrigado á sombra do partido republicano conservador, por isso mesmo que, só assim, pude dar cumprimento ao

programma governamental, contido na minha plataforma».

Pouco depois dessa compromettedora manifestação do marechal Hermes, o senador Pinheiro Machado acreditando que a visita do presidente lhe restituira o prestigio que lhe fugia nos estados independentes, convocou outra reunião do conselho director do seu partido, a qual foi assim noticiada pelo *Correio da Manhã* de 1.º de abril de 1913.

«Muito antes das tres horas da tarde, pelas suas salas passavam representantes da nação, em busca de noticias.

Iam e vinham em movimentos constantes.

....

O automovel do sr. Pinheiro Machado, businando fortemente, encostou. O presidente do partido republicano conservador desceu, em companhia do sr. Urbano Santos.

A sua entrada foi triumphal. Imperturbavel, erecto, de chapeu, fazia desenhar um riso largo, emquanto seccamente *agradecia aos que o cumprimentavam de modo intencional.* Os abraços e os apertos de mão mul-

tiplicavam-se por tal forma que, ao collocar a sua bengala no porta-chapeu, ella caiu com estrondo. O sr. Pinheiro apanhou-a, tendo antes prohibido com um gesto que algum dos presentes tentasse fazel-o.

Com a entrada do sr. Nilo Peçanha, do sr. Sabino Barroso e, por fim, do sr. Azeredo, teve inicio o conclave. Nada transpirava, hontem, do que se passava na salinha em que discutiam os seis proceres do partido republicano conservador. Tudo era socego. Por meia hora, nem uma frase solta, nem o tossir nervoso de um delles foi ouvido. De repente a voz do sr. Azeredo se fez sentir de maneira confusa.

Nada se percebia porque os apartes de um dos assistentes perturbavam a sagacidade dos reporters.

Os deputados que se encontravam na sala, entre a que estavam os paredros e a em que ficava a reportagem, entraram a fazer bulha, afim de que nada fosse percebido. Evidentemente o assumpto era serio. Em dado momento a voz descançada do sr. Pinheiro Machado foi ouvida. Falou pouco, deixando cortar a sala o seguinte:

«A primeira cedula que aparecer com o

meu nome, obriga-me a sair da convenção. Nada mais se ouviu.»

Sabendo que a reunião acabaria muito tarde, continúa o *Correio*, o dr. Nilo Peçanha deixou a salinha. Antes de sair, porém, informou aos *reporters* que tinha sido vencido, porque havia proposto que a convenção fosse constituida de todos os presidentes das camaras municipaes do Brasil, mas não fora aceito o seu parecer, resolvendo o directorio que a representação proporcional fosse a regra na organisação da convenção. Então, interrogado sobre o mais que havia occorrido, respondeu o dr. Nilo Peçanha: «O Azeredo virá dizer-lhes e fornecerá a sumula do telegramma que vae ser enviado ao general Dantas Barreto». Mais de uma hora demoraram-se na salinha os outros paredros, occupados com a redacção do telegramma ao sr. Dantas Barreto. Effectivamente, ás seis horas e meia da tarde, o senador Azeredo entregou á reportagem copia do seguinte telegramma que pela commissão executiva foi dirigido áquelle general, governador de Pernambuco:

«Exmo. sr. general Dantas Barreto. —

Recife. — A commissão executiva do partido republicano conservador agradece a vv. eex. a finesa da resposta que deram ao telegramma de 28 do passado, concernente a deliberação que tomara, ácerca da futura escolha de candidatos á successão presidencial e, ao mesmo tempo exprime seu contentamento sincero pela louvavel franqueza com que vv. eex. lhe trouxeram o seu modo de pensar sobre este importante assumpto. Como, entretanto, do contexto da referida resposta se deprehende que vv. eex. laboram em equivoco, julgando que o processo da indicação adoptado pelo nosso partido não corresponde ás exigencias da opinião republicana, pede permissão para ponderar que elle traduz uma formula não seguida até aqui e a mais adequada á manifestação do sentimento democratico do paiz. Os delegados á convenção do p. r. c. serão nomeados pelas commissões executivas dos estados e do districto federal, sendo estas, por seu turno, organizadas pela forma que cada agremiação local preferir, com a condição, porém, de serem eleitos por delegados de suas menores subdivisões judiciaes no districto federal. Assim, não é

licito desconhecer que na composição dessa assembléa se observa uma norma altamente liberal; e desde que nella são consultados e se fazem ouvir todos os nossos correligionarios das menores circumscripções da republica, não se lhe pode, com justiça, recusar o caracter de uma convenção nacional do nosso partido. A commissão verifica e, exultante, o assignala, que entre a sua e a opinião de vv. eex. a divergencia é simplesmente aparente, pois affirmam vv. eex. prestarem indefectivel apoio, ainda que com sacrificio ao governo do honrado sr. marechal Hermes da Fonseca, com cuja orientação somos inteiramente solidarios, tendo merecido de s. ex. os mais solennes aplausos, tanto o programma como a lei organica do nosso partido. A commissão agradece e retribue, com elevada estima, a vv. eex. as manifestações de sua muita sympathia e respeito.»

Os homens se extremavam cada vez mais na politica do paiz e a nota de insubordinação partidaria estava dada pelo telegramma dos representantes de Pernambuco, já largamente conhecido e commentado

na imprensa do Rio de Janeiro. O marechal Hermes não occultava o seu despeito, em face da rebeldia de Pernambuco, mas na esperança de um acordo sobre a formula que se devia empregar para a escolha do seu successor na presidencia da republica, ainda contemporisava.

Considerava o grande estado do norte integrado no partido republicano conservador e não se podia conformar com essa attitude divergente do general Dantas Barreto na politica nacional. Era preciso deixar no governo da republica successor amigo, capaz de um grande sacrificio.

O senador Pinheiro Machado tinha, no momento, a impressão das situações desconhecidas, a duvida do guerrilheiro que se deixa envolver pelas avançadas inimigas, sem se aperceber disso, mas ainda confiava na sua estrella, tanto mais quanto dispunha, integralmente, do prestigio do governo. Pernambuco voltando á linha abandonada, estaria tudo resolvido, acreditava Pinheiro. Conhecia, entretanto, o caracter do general Dantas Barreto e isso trazia-lhe um vago receio, que o irritava ás vezes.

Sentia que lhe minavam o terreno por onde devia passar victorioso, mas lembrava-se que contava com o exercito, a marinha, a policia, os favores publicos, com todo o ministerio e portanto eram inverosimeis as suas aprehensões sobre um insuccesso politico. O governo do futuro quadriennio seria uma continuação do que findava e essa perspectiva de mando continuado, seguro, tornava-o cada vez mais autoritario e cada vez mais admirado até daquelles a quem elle tratava com indifferença.

E nesse estado de espirito aguardava com impaciencia a resposta do general Dantas Barreto ao telegramma da commissão executiva do seu partido. E não esperou muito, porque no dia 5 de abril do mesmo anno de 1913, foi-lhe dirigido este despacho da cidade do Recife:

«Exmo. senador Pinheiro Machado — Rio. Grato ás expressões de captivante finesa com que foram distinguidos os representantes deste estado, signatarios do telegramma de 12 de março ultimo, que expedimos a v. ex. como presidente da commissão executiva do partido republicano conservador, á qual tambem me dirijo ago-

ra, peço, entretanto, permissão para, em nome daquelles dignos companheiros, ponderar que, discutindo a segunda formula do mesmo telegramma, não foi abordada por vv. eex. a questão essencial para Pernambuco e para a maioria do paiz, ou seja a falta de confiança na isenção de animo de varios delegados da commissão actual do nosso partido, por constarem uns de elementos sem as responsabilidades politicas que o caso exige, outros por terem sua origem nos agrupamentos oligarchicos não ha muito condemnados em nome dos bons principios republicanos. Dahi resulta estarmos ainda em desaccordo com vv. eex. e continuarmos, os representantes de Pernambuco, dentro das normas que nos traçámos no despacho de 12 e não podermos considerar convenção nacional a que vier de delegados de um partido apenas, como o entendem vv. eex. Todavia, com uma nova convenção que poderá ser constituida mesmo de representantes designados pelas commissões executivas locaes e elementos que apoiaram o marechal Hermes no grande pleito que lhe deu assignalada victoria, elementos aliaz excluidos das mencionadas

commissões, pelo facto de só depois de organizado o partido republicano conservador, terem posição politica nos respectivos estados, com uma convenção naquelles moldes, acredito que fiquem resolvidas as difficuldades que tanto alarmam o paiz neste momento, desde que concorram para esse fim todos os estados, inclusive os que se bateram na ultima campanha presidencial contra o digno marechal Hermes.

Quanto ao apoio franco e leal que prestamos a esse insigne brasileiro ao qual alludem vv. eex., não depende de compromissos partidarios; é uma affirmação do respeito que tributamos ao honrado presidente da republica por qualidades que o distinguem na democracia brasileira. Taes são as observações que transmitto a vv. eex. em nome dos signatarios do primeiro telegramma e mais do illustre deputado José Beserra. Attenciosas saudações. — *Dantas Barreto.*»

Por mais que tentasse dissimular, foi cruel a decepção de Pinheiro Machado, ao ler aquelle despacho terrivel. O valoroso chefe conservador não estava habituado a encontrar resistencia á sua vontade sobe-

rana e, por isso, sentia a necessidade de uma vingança na altura daquella audaciosa recusa ás normas convencionaes, que encarecia para indicação do candidato á presidencia da republica, no proximo periodo governamental. E, desde logo, começou a architectar o sinistro plano da vindicta com que se devia desabafar.

E, emquanto o senador Pinheiro Machado se irritava até á ferocidade contra os rumores de insubordinação que lhe vinham quentes do norte, os jornaes da capital federal, a excepção do *Paiz*, aplaudiam calorosamente os rasgos de civismo com que o governador e os representantes de Pernambuco se manifestavam, em face dos processos que deviam ser empregados para a indicação do primeiro magistrado da republica.

O *Correio da Manhã* escreveu:

«Solicitado para collaborar na comedia da escolha do presidente o sr. Dantas afiançou que o não fazia sob o relho do chefe de um partido e pae adoptivo do marechal Hermes. Tenha o sr. Dantas Barreto a certesa de que possue a seu lado o Brasil e só os gatunos que fizeram da imprensa um

meio de chantage e da pena uma gazúa, não lhe rendem, a tal respeito, a attenção merecida». *O Imparcial* disse: «Aplaudo francamente a attitude do sr. Dantas Barreto e concito-o a pôr o seu prestigio pessoal e os elementos politicos de que dispõe ao lado da resistencia a essa caudilhagem sem escrupulos que depois de desorganizar as classes armadas, estragar os costumes, destruir a ordem civil e implantar uma dictadura de facto, ao serviço exclusivo dos seus instinctos subalternos, apresta-se para tirar da situação presente outra que ainda melhor lhe assegure o supremo dominio da republica».

Os outros jornaes agiam, no caso, com a mesma linguagem incisiva, penetrante como a lamina esguia de um punhal afiado! Era a voz do desespero nacional bradando contra a perspectiva de maiores calamidades, de maiores affrontas á sua dignidade já esmagada sob as plantas de um homem ambicioso e audaz. Tinha segura a indicação do seu nome para a presidencia da republica, de cujo alto olharia para os estados insubmissos com o mesmo sentimento de vingança dos tyrannetes de todos

os povos que ainda hoje se deixam vencer pela criminosa alienação da sua honra, dos seus legitimos direitos e pela covardia dos seus actos.

Então, o que se verificou, no Amazonas e no Ceará de forma mais ou menos velada, teria livre curso por toda a parte do Brasil onde a sua vontade despotica não soffresse a menor contrariedade.

X

Pernambuco age. — Pinheiro Machado candidato á presidencia da republica. — O marechal Hermes manifesta-se pela candidatura Pinheiro Machado. — Rivadavia entende-se com Oliveira Botelho ácerca da candidatura em foco. — Botelho repelle as insinuações do ministro da justiça. — Pinheiro desilludido lança a candidatura de Campos Salles. — Cincinato Braga, Rodrigues Alves e Bueno Brandão. — Telegramma deste a Dantas Barreto. — Resposta de Dantas Barreto. — Pernambuco só. — Rodrigues Alves contra a sua candidatura. — Ruy Barbosa candidato. — Resistencia de Minas. — Wenceslau Braz candidato definitivo.

Foi Pernambuco, pelos seus representantes no respectivo governo e no congresso federal, que deu o brado de alerta cujos ecos vibrantes chegaram immediatamente a S. Paulo, Minas Geraes, Bahia, Alagoas e Ceará.

No entanto, apavorados com os estragos que iam causando nas suas fileiras, já desconcertadas, a attitude franca dos pernam-

bucanos, na questão das candidaturas, os vanguardeiros do senador Pinheiro Machado appareceram pela *Tribuna* do Rio de Janeiro, orgão officioso do partido republicano conservador, invectivando o governador do grande estado do norte, pelo seu gesto franco e pelo cuidado com que acautelava os interesses politicos de sua terra. E na mesma occasião chasqueavam do governador da Bahia, pela forma por que esse lutador infatigavel se manifestava e agia para consolidação do seu partido ali, em face de adversarios temiveis.

Os partidarios do senador Pinheiro Machado trabalhavam activamente pela victoria da causa que defendiam e nos seus calculos de dominadores absolutos dos elementos do poder publico nacional, contavam com a submissão dos governadores de Pernambuco e da Bahia «porque a rebeldia tem sempre um grande castigo quando não triumpha», escreviam. E tinham como certa a volta daquelles governadores, humilhados, arrependidos, solicitando perdão das suas investidas, porque não acreditavam que elles resistissem ás iras do seu idolo,

cada vez mais prestigiado pelo presidente da republica.

A candidatura presidencial era o assumpto predominante no momento, em toda a parte.

No dia 19 de abril *O Imparcial* escrevia: «Desde hontem ficou inteiramente esclarecida a situação politica criada pelo problema da successão presidencial. Depois de successivas conferencias os directores do partido republicano conservador assentaram a candidatura do chefe da mesma agremiação partidaria, o senador Pinheiro Machado. O sr. presidente da republica, contrariando ainda uma vez a sua palavra, anteriormente empenhada noutro sentido, decidiu intervir directamente no pleito, designando para seu successor aquelle que o elegeu.

Uma vez decidida essa attitude entre os chefes conservadores, foi organizado um plano de acção, que começou hontem a ser executado. O sr. Rivadavia Corrêa, ministro da justiça, entendeu-se pessoalmente com os diversos representantes dos grupos politicos nos estados, no sentido de provocarem manifestações municipaes em favor

da candidatura do sr. Pinheiro Machado. Eram estas manifestações que deviam dar o cunho de nacional á candidatura do chefe do partido republicano conservador, preenchendo assim a condição a que s. ex. se tem referido, por vezes».

E começaram desde logo os trabalhos combinados, em Alagoas, no Ceará, Rio Grande do Norte, Maranhão, dirigidos por amigos do candidato. *O Imparcial* informava ainda que a «candidatura do sr. Pinheiro Machado, segundo pensamento do governo, devia partir da peripheria para o centro».

Jornaes affeiçoados á politica dominante, negavam as combinações denunciadas pela imprensa independente e o proprio Pinheiro Machado, interrogado pelo *Correio da Manhã* sobre o estranho procedimento do governo nessas urdiduras partidarias, negou-o da mesma forma. No curso, porém, dos acontecimentos tudo foi plenamente confirmado, tudo justificou as apprehensões do povo.

O presidente da republica, effectivamente empenhado tambem nessa malfadada candidatura, repellida por Dantas Barreto, Clodoaldo, Francisco Salles, José Joaquim

Seabra, Nilo Peçanha, com os estados de Pernambuco, Alagoas, Minas Geraes, Bahia, Ceará e Rio de Janeiro, descobria-se inteiramente.

Deixava de ser o supremo magistrado da republica, para se tornar o cabalista vulgar de um candidato repudiado por todos os homens que collocavam acima de todas as conveniencias regionaes os altos interesses da patria commum.

Dahi em diante o marechal Hermes começou a descer da montanha a cujos visos o levaram os caprichos da fortuna, até se precipitar, com a nação inteira, na voragem do descredito e da mais accentuada anarchia.

Esse periodo da vida brasileira não devia constituir uma pagina sequer da historia patria, porque significa a manifestação mais triste da sua fraquesa moral e politica, a alienação de todos os seus direitos, a prova exacta da sua incapacidade de acção, ante os attentados os mais violentos que se desenrolaram para a ruina do paiz, quasi para a sua desnacionalisação, sem protesto ao menos que denotasse um povo

cioso da sua liberdade. Bastou o governo de um homem vencido pela fatalidade do seu temperamento, para que o paiz se reduzisse á miseria em cujas garras ainda hoje se debate, sem esperança de melhores dias, porque tudo continúa se afundando no mesmo charco, onde o lançaram, prostituido e gasto.

A repulsa á candidatura do senador Pinheiro Machado, não se fez demorar e esse facto trouxe, como era de prever, um profundo desgosto ao candidato conservador, que já sentia o ruido alarmante da sua queda irremediavel. Não era homem, porém, que se deixasse vencer sem reagir a seu modo e, ainda uma vez se poz em plena actividade, traçando planos para novos recontros politicos.

Com essa disposição de animo e apoz uma conversa com o marechal, em que este, depois de fracassada a candidatura do senador, dizia que tinha no dr. Oliveira Botelho um excellente candidato á presidencia da republica, Pinheiro retirou-se para o seu palacete e mandou convidar Hermes e outros personagens para jantarem com elle nesse dia. Compareceram todos, mas

antes de servir-se o banquete, sentia-se que um pensamento empolgante dominava o chefe conservador.

A' mesa, em meio do repasto, feriu-se a questão em voga.

Então, disse o senador riograndense, com voz pausada, ironico: «Os amigos insistem pela minha candidatura, eu não posso contrariar semelhante aspiração do meu partido». Ninguem ousou contrarial-o. E desde logo ficou resolvido que o dr. Rivadavia Correia se fosse entender com o dr. Oliveira Botelho, presidente do estado do Rio de Janeiro, sobre a conveniencia de lançar ahi, sem perda de tempo, a candidatura agonisante. Encontrando, porém, «a mais formal resistencia no politico fluminense», terminou o ministro do interior offerecendo ao dr. Botelho a vice-presidencia da republica. *(O Imparcial de 25 de abril.)*

Apezar da surpresa em que fora apanhado, Botelho repelliu tão singular offerta, lembrando a Rivadavia os seus compromissos com o dr. Nilo Peçanha e tambem allegando remotas ligações do estado do Rio com outros estados, cujos compromissos politicos iriam até a solução da candida-

tura presidencial, segundo a formula do general Dantas Barreto.

Depois o dr. Oliveira Botelho referiu ao presidente da republica o que se havia passado entre elle e o dr. Rivadavia Corrêa. O marechal Hermes declarou, categoricamente, que nenhuma incumbencia havia dado a Rivadavia, accrescentando que ignorava essa attribuição de seu ministro da justiça. *(O Imparcial* de 25 de abril.)

O ministro não confirmou que houvesse offerecido a vice-presidencia ao dr. Botelho, mas percebe-se que entrou nisso um accentuado despeito que o ministro do interior não poude reprimir.

Ao dr. Nilo Peçanha foi narrado pelo dr. Oliveira Botelho o que se havia passado na ausencia daquelle politico, em Nictheroy. Nilo aprovou, desvanecido, o procedimento correcto do presidente Botelho, seu amigo dedicado e, assim, ficou definida a situação do estado do Rio na debatida candidatura presidencial.

Informado de que Pinheiro Machado se fizera candidato á presidencia e do que já se havia passado entre o ministro do interior e o dr. Oliveira Botelho, o dr. Cincinato

Braga seguiu immediatamente para S. Paulo, afim de communicar ao dr. Rodrigues Alves o que nesse momento se passava, porque era preciso evitar que semelhante manobra tomasse corpo.

Foi grande a surpresa do presidente de S. Paulo ante as revelações que lhe acabava de fazer o deputado Cincinato Braga, mas era indispensavel um contra-golpe em tal manobra politica e não havia tempo a perder. Rodrigues Alves, embaraçado no primeiro momento com a sensacional denuncia, interrogou Cincinato sobre o modo de impedir tão audacioso movimento, ao que o vigilante deputado respondeu sem hesitar: «Uma vez de acordo comvosco, aproveitarei a occasião em que o Bueno Brandão se acha em *Ouro-Fino* e com elle me haverei para que S. Paulo e Minas repillam energicamente aquelle perigoso trabalho». Rodrigues Alves concordou e Cincinato partiu no desempenho da sua importante missão.

Inteirado dos successos que se desenrolavam na capital federal, o presidente de Minas comprehendeu que a victoria sobre as forças conservadoras dependia da rapidez

com que agissem no terreno em exploração, mas não se querendo manifestar desde logo pela reacção, botou-se, de acordo com Cincinato Braga, para Bello-Horizonte, afim de consultar ahi os amigos a respeito do procedimento que deviam ter em face da campanha iniciada pelo senador Pinheiro Machado. O resultado, como previam os dois politicos em actividade, foi categorico: «a repulsa á candidatura Pinheiro Machado». Era um vehemente protesto á acção kaiseriana desse homem voluntarioso e dominador.

E, aproveitando o momento singularmente oportuno, em *Ouro-Fino*, o deputado Cincinato Braga e o presidente de Minas assentaram ideias sobre o trabalho da successão presidencial, ficando combinado que S. Paulo não faria questão de candidato seu, mas que aceitaria o candidato mineiro porventura adoptado em Minas. Ficou igualmente assentado entre os activos negociadores politicos que Pinheiro, em hypothese alguma, seria candidato com apoio daquelles estados.

Era mais uma decepção para o senador riograndense cujo declinio politico sentia

apavorado, nas revoltas indomaveis do seu orgulho ferido.

Em Minas Geraes o sentimento de liberdade parece resultar da grandiosidade da sua natureza luxuriante e soberba.

As montanhas e cordilheiras que lhe bordam as terras ainda bravias, de accidentes originaes e formações diversas, assemelham-se a velhas fortalezas mascaradas, inaccessiveis, para defesa desse povo, cuja vida á parte, dir-se-á constituir uma escola de civismo onde se pode aprender a linguagem com que a commissão executiva do partido republicano mineiro, por intermedio do presidente Bueno Brandão, se manifestou, recusando apoio á candidatura do chefe autoritario do partido republicano conservador. Esse golpe terrivel, desfechado com a brutalidade de formal recusa, por uma unidade de grande relevo na federação, causou um abalo politico de tal sorte, que determinou, por alguns dias, o aniquilamento do immenso prestigio que envolvia o senador Pinheiro Machado!

Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas estavam, já então, fóra das

eternas combinações optimistas do candidato vencido.

Depois de tamanha queda houve uma reunião no palacio do Cattete, presidida pelo marechal Hermes, em que Pinheiro deu por terminado o trabalho da sua candidatura. Mas, para captar as sympathias de S. Paulo e mais uma tentativa de salvação, o astuto riograndense lançou a candidatura do dr. Campos Salles, homem, aliaz, já sem grande valor politico em sua propria terra, não obstante haver sido presidente da republica, no periodo governamental de 1898 a 1902.

Foi então que o marechal Hermes, reagindo contra o destino que parecia abater a vaidade do seu amigo, entregou-lhe, de facto, os restos do poder cuja direcção lhe havia confiado a nação.

Solidario com o seu partido em Minas Geraes, o dr. Francisco Salles deixou no dia 8 de maio o ministerio da fazenda.

Ficou por isso interinamente no exercicio daquelle cargo o dr. Rivadavia Corrêa, que seria uma reminiscencia de *Fouché* na situação dominante, se o periodo governa-

mental, em vigencia, não estivesse prestes a findar, ou se o marechal, por um sentimento de possivel revolta, tentasse libertar-se dessa gente a quem, pela fragilidade das suas condições biologicas, se entregara prisioneiro. Em qualquer das duas hypotheses o activo secretario usaria de todas as intrigas e urdiduras do ministro de Napoleão, comtanto que entregasse a republica exhausta e vencida ao dominio exclusivo do senador Pinheiro Machado.

Os ministros da guerra e da marinha não seriam menos interessados em semelhante solução que, por fim de contas, vingaria os amigos dedicados do marechal Hermes, então considerados elementos suspeitos á integridade de tão funesto governo. Estava tudo preparado para o que succedesse e dahi a serie de actos affrontosos que estragaram o regimen e lançaram a republica na mais accentuada anarchia moral e social.

Já se haviam gasto as reservas do thesouro, as verbas orçamentarias, os depositos de todas as caixas, aliaz abundantes, e, por fim, gastaram o que não tinham. Então, atordoados pelo rumor de todas as classes,

tambem já desorganizadas, perdidos no chaos em que haviam lançado a republica, os homens do governo appellaram para o credito no exterior, mas os antigos banqueiros do Brasil voltaram-lhes as costas, friamente, sem mais uma palavra de consolação. Sentiram todas as torturas do inferno, porem não desanimaram: e atiraram-se a succesivas emissões de papel inconversivel. Mas eram tão avultadas as contas que lhes chegavam, por dividas contraidas na loucura dos gastos, que tres grandes emissões não as puderam cobrir.

E para cumulo dos desregramentos sem fim, mandaram armar os sertanejos do Ceará contra a ordem legitima desse indítoso estado, levando por ultimo o assassinio e a desolação por toda a parte, ali.

Nunca a mão sinistra da tyrannia pesou tanto sobre os destinos do Brasil !

Ainda hoje causa a mais intensa revolta a lembrança do que se passou, por esse tempo, nos estados do norte, contrarios á politica do senador Pinheiro Machado. O Ceará devia ser, como effectivamente foi,

a primeira victima do cannibalismo concertado e por isso, quando já não havia obstaculos a vencer no interior, mandaram que os sertanejos avançassem sobre a capital do estado para que esta fosse entregue á pilhagem, tambem já vencida pelo terror. E se tão sinistro attentado se não consummou, para gaudio dos que prelibavam as mais agudas sensações, foi porque, horrorisados com o que se começava a desenhar nessa baccanal infrene, consules residentes na cidade, religiosas estrangeiras, directoras de estabelecimentos literarios, clamaram contra a monstruosidade esboçada.

E não obstante, os cangaceiros do padre Cicero, capitaneados por agentes federaes, fizeram a sua entrada mais tarde na capital do estado, com todas as honras de exercito vencedor, depois de haver o chefe da região militar destituido o presidente respectivo das suas funcções legaes.

Pernambuco, Alagoas e Bahia teriam a mesma sorte implacavel, se os seus governos não se preparassem para a luta armada e se os officiaes das guarnições federaes

daquellas unidades, não estivessem dispostos á resistencia de ordens illegaes.

Na ancia de resultados que fossem ao encontro das suas aspirações, o senador Pinheiro Machado trabalhava com o maximo da sua actividade, para a victoria da candidatura Campos Salles, que elle havia lançado por um movimento estrategico bem architectado, como se viu, depois da sua derrota politica.

E nesse momento em que os interesses regionaes de certos estados cediam ás urdiduras da sua trama, o arguto senador sentiu-se quasi dominador da situação que se criara, como um desafogo ao seu despeito.

Minas, S. Paulo, Bahia e Alagoas aceitavam a candidatura Campos Salles. Só Pernambuco declarou categoricamente que não se conformava com esse candidato, que, além de tudo trazia os vicios da sua origem. Pernambuco divorciava-se da colligação e sentia-se bem no seu isolamento, fiel ás suas normas republicanas.

Minas percebeu claramente a orientação desinteressada de Pernambuco em torno desse irritante trabalho politico e desde en-

tão o seu *leader*, deputado Ribeiro Junqueira, estabeleceu uma corrente sympathica das melhores relações com o *leader* da bancada pernambucana, convencido da sinceridade com que o governador do grande estado do norte agia nesse momento difficil.

Não conhecendo, porém, officialmente a attitude de Pernambuco sobre o candidato de Pinheiro, o presidente Bueno Brandão dirigiu-se ao general Dantas Barreto, em longo telegramma, encarecendo a conveniencia de aceitar aquelle general a candidatura Campos Salles, «que tomava uma feição conciliatoria e, no seu entender, resolvia o grave e importante problema da successão presidencial. O passado do dr. Campos Salles, seus serviços ao paiz e á republica, sua integridade moral, são garantias seguras de um governo de paz e conciliação para todos os brasileiros», dizia Bueno Brandão:

«Assim pensando, continuava o presidente de Minas, submettia taes considerações ao general Dantas Barreto, e apellando para o patriotismo deste official aguardava a decisão do governador de Pernambuco

que concorreria sem duvida, para que se normalisasse a vida do paiz, conturbada pelo dessentimento politico aliaz determinado pelo desejo de melhor servil-o.»

Sabe-se que na conferencia de Ouro-Fino S. Paulo e Minas se comprometteram a não aceitar candidato á presidencia da republica que não estivesse de acordo com os seus interesses reciprocos e, nesta perspectiva, se conformando S. Paulo com a candidatura Campos Salles, Minas se desempenhava da sua palavra com firmesa e leadade.

Corria que nessa *entente* ficara estabelecido entre os dois estados visinhos que, de modo algum, aceitariam as candidaturas, igualmente em jogo na imprensa, do dr. Nilo Peçanha e do general Dantas Barreto. A realidade, porém, sobre este assumpto, é que o dr. Nilo Peçanha chegou a entrar em combinações, por intermedio dos *leaders* das bancadas pernambucana, bahiana e fluminense, mas que Dantas Barreto jamais consentiu que se occupassem do seu nome nas intrigas e competições politicas do momento.

Aquelle official nunca foi candidato senão

a postos militares, aliaz garantidos por lei. Um dia, porém, sacudido por Euclydes da Cunha e Coelho Netto, foi candidato á *Academia Brasileira*, onde o receberam carinhosamente os homens mais representativos da literatura nacional, com a sua bagagem de alguns volumes pela frente.

A's posições que attingira no curso da sua vida accidentada, levaram-no as injuncções do meio em que exercera a sua actividade, sem se encontrar mal, porque, quanto mais elevada era a posição que lhe pesava, melhor se achava. Nunca deteve os passos no seu caminho recto, para deixar a multidão passar. Apanhado por esta, nas causas nobres, seguia invariavelmente até onde o levavam os acontecimentos.

Vinha de alguns dias a correspondencia telegraphica de Dantas Barreto com o deputado José Beserra, sobre a candidatura do dr. Campos Salles, cuja recusa formal o governador de Pernambuco autorisara ao *leader* da respectiva bancada, mesmo quando tivesse de ficar só.

Era, entretanto, preciso responder ás ponderações do governador de Minas e o general fel-o nestes termos, em 24 de maio

de 1913: «Tenho a honra de acusar o recebimento, hoje, do telegramma em que v. ex. pondera que a candidatura do dr. Campos Salles resolve o grande problema da successão presidencial.

Desejava concorrer com o que em mim estivesse, para solução desse caso que a todos nós desperta o maior interesse e em que se acha empenhada a causa da republica, mas não me parece que o eminente dr. Campos Salles satisfaça, neste momento, as aspirações da politica nacional, pelas rasões adusidas na carta dirigida ao partido republicano conservador pelos representantes dos estados colligados, tanto mais quanto se trata de um candidato que não resulta do exame consciencioso e amplo de uma convenção regular. Isto seria o triumpho ruidoso da vontade autoritaria de um homem sobre os varios estados da união, acordes no processo eleitoral do supremo depositario da nossa honra e dos nossos interesses os mais legitimos. Lamentando não me ser possivel ceder aos intuitos de v. ex., neste ponto da nossa actividade politica, aguardo, entretanto, novas ordens de v. ex.».

Em S. Paulo a attitude de Pernambuco

deu muito que falar aos amigos do seu representante no senado, porquanto pensavam estes que, uma vez resolvido o caso pelos dois estados mais fortes eleitoralmente considerados, estava tudo concluido.

Não sendo, porém, assim, começaram a encontrar no procedimento de Dantas Barreto a manifestação mais ou menos clara da sua entrada no terreno das interminaveis competições politicas.

No meio dos avanços e recuos dos agitadores incorrigiveis de nomes que apareciam e se devoravam, na ancia da novidade cuja duração medeiava entre as folhas matutinas e as da tarde, voltava-se a falar do dr. Rorigues Alves, aliaz já fóra das combinações que se haviam desenvolvido em volta do seu nome: Pernambuco desejava-o; Minas, S. Paulo, Bahia e Rio de Janeiro tambem, mas Pinheiro Machado não o suportava. Se, entretanto, Rodrigues Alves consentisse na apresentação de sua candidatura, o chefe conservador se ficaria estorcendo em convulsões de rancoroso despeito, mas estaria resolvida a questão do dia. Enfermo, porém, o ex-presidente da republica sentia que lhe faltavam as forças

cuja acção completaria a victoria da causa republicana.

E, assim, Campos Salles continuava a ser o candidato mais cotado.

Em Minas e S. Paulo, comtudo, começavam acaloradas manifestações contra a indicação daquelle politico, principalmente pelas suas aproximações com o senador Pinheiro Machado.

No meio da confusão que reinava pelo receio de que o presidente que viesse, podia, em mãos de Pinheiro Machado, ser peior do que o marechal Hermes e, de tal forma, perigarem as instituições brasileiras, morreu de repente o senador Campos Salles, em uma praia de banhos de Santos e a situação nos arraiaes dos que levantaram a candidatura do velho republicano paulista, ficou ainda mais confusa.

E como o espirito do povo não esmorecia ante a sorte da republica, que parecia agonisar, ferida por tantos golpes de um governo que se comprasia em expol-a aos olhos do mundo como uma coisa despresivel, de que todos fugiam enojados, aclamou-se com enthusiasmo, na camara dos deputados e nos principaes centros po-

liticos do Rio de Janeiro, o nome glorioso de Ruy Barbosa.

Era preciso um homem que preenchesse o vasio de uma candidatura quasi victoriosa, e o grande pensador, durante alguns dias, foi o candidato aceito pela maioria da nação. Ou elle, ou um preposto do senador Pinheiro Machado, se não fosse o proprio Pinheiro.

Na incertesa da situação, os mais fortes elementos da republica resolveram aceitar o chefe civilista. S. Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Alagoas, Pernambuco, Ceará e grande parte dos outros estados da união, concentravam as suas vistas no vulto illustre do senador bahiano.

E comtudo, em Bello-Horizonte, na florescente cidade a cujos muros não chegavam os ecos desconcertados das combinações ephemeras do Rio de Janeiro, o presidente de Minas, por um sentimento de vaidade regional, contrapunha ao nome victorioso de Ruy Barbosa o nome tambem considerado do dr. Wenceslau Braz, vice-presidente da republica.

A Bahia e, por sua parte o dr. Nilo Peçanha, convencidos de que a candidatura

Ruy Barbosa estava positivamente vencedora, avançaram de mais pelas armaduras dos compromissos, ao passo que o presidente Bueno-Brandão entrava destemidamente no campo da acção e conquistava S. Paulo, Pernambuco, o estado do Rio com o respectivo presidente, Ceará e por ultimo Pinheiro Machado acompanhado de todos os elementos do partido republicano conservador.

O presidente Bueno-Brandão, apreciando com calma o desdobramento dos successos politicos nacionaes, tomara o caminho que Dantas Barreto, em telegramma do fim de maio de 1913, lhe indicara nos seguintes termos, depois de outras considerações: «Não tenho a menor duvida sobre os intuitos de v. ex., como elemento de conciliação, no caso da candidatura Campos Salles, mas acontece que esta sae de uma vontade caprichosa ou apenas de um estado directamente interessado, quando não queremos senão que o candidato venha de uma convenção regular, onde o mais votado seja o vencedor. Somos a maioria, constituimos uma grande força eleitoral, Minas pode indicar candidato á convenção e a victoria

será nossa. Ao lado da concordia se devem achar tambem os principios generosos que dignificam os povos».

Comprehendendo que era preciso agir immediatamente, o presidente Bueno-Brandão se dirigiu aos governadores e presidentes dos estados para consolidar o trabalho, já fortemente iniciado, da candidatura Wenceslau Braz. E sobre tal manobra de flanco dirigiu-se ao general Dantas Barreto o presidente Brandão, em 24 de julho, communicando a aceitação, por importantes elementos, da candidatura cuja sagração teria lugar em convenção de senadores e deputados federaes, cabendo a essa assembléa politica escolher, conjuntamente, o candidato á vice-presidencia.

No telegramma em que referia ao governador de Pernambuco a sua campanha auspiciosa, dizia o presidente de Minas: «Julgando feliz e honrosa para todos essa solução, reputo-a vencedora pelos elementos colligados que a prestigiam, além da aceitação dos partidos republicano de São Paulo e republicano conservador. Reaffirmo a v. ex., em nome do estado de Minas, e no meu proprio, os mais sinceros agrade-

cimentos pelo grande concurso do prospero estado de Pernambuco á candidatura do nosso illustre amigo e eminente brasileiro dr. Wenceslau Braz, assim consultados os mais altos interesses da republica e do paiz».

O presidente de Minas parecia aliviado de um grande peso moral e politico.

Pinheiro Machado cedia ás combinações realizadas com exito, mas pretendia convencer aos seus admiradores e partidarios, que fora em tudo isso o unico victorioso e que, de qualquer sorte, continuaria dominador na futura situação governamental.

XI

Tentativa de conciliação. — Telegrammas do marechal Hermes e do general Dantas Barreto. — Politica pessoal. — Outros telegrammas do marechal Hermes e do general Dantas. — Represalia do presidente da republica. — Decepções. — Indifferença á manifestação das urnas. — Estados do norte e represalias do governo. — Dantas se previne. — Telegramma do ministro do interior. — Resposta de Dantas Barreto. — Rivadavia prohibe despachos de munição para as forças de Pernambuco. — Minas e S. Paulo transigem com Pinheiro Machado. — Politica de S. Paulo. — Minas finge ver em Pinheiro um alliado convencido.

Estava, por fim, resolvido o problema da candidatura presidencial, dentro de uma das formulas do general Dantas Barreto, mas isto irritava os conservadores até ás raivas apopleticas, porque estes não podiam suportar uma concessão ao governador de Pernambuco. Era preciso reduzir esse homem ás suas proporções de antiga obscuridade politica, fazendo-o voltar por meios affectivos ás linhas rareadas das le-

giões pinheiristas, ou eliminal-o por qualquer forma da acção ainda travada.

Ao marechal Hermes, para quem Dantas Barreto tinha as maiores dedicações de antiga e fraternal amisade, foi confiado o trabalho de reconduzir ás fileiras, já desmanteladas do partido conservador, o companheiro de gloriosas jornadas.

Para iniciar a sua obra de conciliação, desde maio em plena actividade, o marechal lembrava as formulas do seu partido, prescriptas para o acto da escolha do correligionario julgado capaz de *occupar a suprema* magistratura da republica e ajuntava: «O motivo indicado como causa da perturbação politica produzida pelo movimento de que foi promotora a colligação, era a candidatura Pinheiro. Esta que, aliaz, era natural e legitima, foi logo retirada, sendo substituida por outra que devia satisfazer aos mais exigentes. O indicado, além de ser um velho republicano de nome nacional, com uma vida pura e dedicada aos ideiaes democraticos, pertence ao estado que serviu de norte aos colligados e principalmente a ti que, com o Clodoaldo,

pediste apoio e conselhos a S. Paulo e a Minas. O primeiro foi justamente o que mais nos hostilisou na passada campanha, não tendo ligação alguma com o nosso partido. Estou certo de que o teu procedimento é fructo da intriga e effeito resultante de informações falsas, adrede prestadas para explorações politicas. Se aqui estivesses verias e sentirias o valor e a consideração que os proceres do partido te prestavam e ainda prestam. Leal e francamente te declaro ser de muita contrariedade para mim a situação em que nos encontramos collocados, no momento, em campos opostos, acreditando ambos bem servir á patria e á republica. Diz-me a consciencia e tambem o resultado da observação e consequente experiencia adquirida no exercicio do cargo que occupo, que estou com a razão. A conservação da existencia, do valor e da solidez do partido é, a meu ver, um elemento do progredimento da politica por nós estabelecida e, em virtude da qual ninguem, fosse quem fosse, que de suas fileiras saisse para occupar o alto posto de chefe da nação, poderia sem faltar aos deveres de lealdade e disciplina, modificar ou fraudar o seu pro-

gramma. Eu estou firme no meu posto, ao lado do partido que me apoia.

Lamento ainda uma vez que um amigo correcto como és, me abandone nesta hora, para alimentar ambições incontinentes que procuram anarchisar a republica, com prejuizo da ordem e do progresso da nossa patria.»

O general Dantas Barreto leu entristecido o que lhe dizia nesse telegramma o seu antigo companheiro de lides militares e chegou á conclusão de que o presidente da republica perdera a linha da sua elevada posição para se entregar ás machinações de um agrupamento que já dispunha do Brasil como de um cliente accommodado.

Sabia que o marechal esperava, interessado, a sua resposta e no dia 31 de maio dirigiu-lhe o seguinte recado: «Marechal Hermes. Pela primeira vez nos encontramos em campos opostos e esse facto me contraria deveras, principalmente porque se acham em jogo os altos interesses da patria. Não fui eu quem te chamou á luta. Em todas as minhas cogitações politicas a tua pessoa e o teu governo são sagrados para mim. Empenhado no desenvolvimento

do estado que administro, sentia, comtudo, o ruido que já se fazia em torno de candidaturas presidenciaes e em cuja trama tambem me envolvia certa imprensa dessa capital, com o mais solenne despreso. Por esse tempo recebi o telegramma do senador Pinheiro Machado, o qual deu lugar a outro meu, em que eu expunha lealmente o meu pensamento a respeito do modo por que me parecia mais liberal o processo pelo qual se devia indicar o candidato á presidencia da republica, cujos termos são conhcidos. Nesse telegramma eu lembrava uma convenção nacional ou mesmo nos moldes da do partido conservador, comtanto que se formasse de elementos novos, independentes e de notoria responsabilidade politica.

Isso offendeu á vaidade do senador Pinheiro Machado que, seguro da sua influencia na maioria dos actuaes delegados á convenção do partido republicano conservador, recusou a minha proposta. O meu procedimento foi seguido por outros chefes de estados que, como eu, observavam, desolados, a intervenção daquelle senador nos negocios dos estados do norte, para reviver as oligarchias mortas do Amazonas,

do Pará e do Ceará, levando mesmo o seu desembaraço ao ponto de mandar lançar um projecto para envolver o Ceará em estado de sitio, afim de entregar essa unidade federal á familia Accioly, digna, aliaz, das maiores attenções, cujo chefe se viu regressar inesperadamente á Fortaleza. Não foi, portanto, o sentimento de discordia que me atirou á situação em que me sentiria muito bem se não houvesses contribuido para ella. Mandavas-me, entretanto, dizer que não tinhas candidato á presidencia da republica e que serias neutro quando se agitasse o pleito, mas o que se observou desde logo, foi o teu apparecimento em um dos extremos da linha politica, amparando o Pinheiro, já moribundo ante a colligação que se formou para defesa dos direitos do povo, agora avassalado pela mais perigosa das oligarchias que se têm formado na republica. Foi o teu prestigio que reanimou esse homem vaidoso. E' preciso dizer-te estas coisas com a franqueza que a nossa amisade justifica. Abandonado o Pinheiro cuja candidatura lhe deu a medida do proprio valor politico no paiz, surgiu a de outro homem gasto, sem mais a fé que deve ser o

predicado essencial no chefe de uma nação que se desenvolve auspiciosamente, o qual não trepidou em confessar que para se poder manter no governo da republica, foi preciso despender um milhar de contos de réis para abafar a voz da imprensa. Esta candidatura provinha de uma indicação pessoal, tinha o vicio da origem e eu não a podia aceitar, por coherencia e por principios definidos, aliaz.

A pendencia, comtudo, podia ter ainda solução honrosa para todos, se encaminhasses as coisas para uma convenção formada dos representantes de todos os estados, na camara e no senado, a cuja corporação levassem as parcialidades interessadas nomes de brasileiros dignos da investidura presidencial e onde, se procedendo á eleição, fosse victorioso o mais votado. Creio bem que esta formula seria aceita pelos elementos colligados. O que te garanto é que em tudo isto eu nunca pedi conselhos nem apoio a S. Paulo ou a Minas. E, lamentando mais que ninguem a nossa divergencia politica neste momento, acredito que os laços da nossa antiga amisade cada vez mais se estreitarão pelo meu devotamento á tua

pessoa e pela bondade quasi fraternal com que me distingues».

O marechal havia descambado para a politica pessoal do senador Pinheiro Machado e dessa floresta negra não havia mais quem o retirasse. Fora uma fascinação violenta, que lhe perturbara a rasão e para a qual não havia mais tratamento possivel.

Estava decerto convencido de que agia com elevação de vistas no turbilhão dos successos que se desenrolavam; jurou vencer ou ser derrotado com Pinheiro Machado e não recuou mais. Foi uma ligação para a vida e para a morte e soube cumprir o seu destino.

No telegramma que dirigiu a Dantas Barreto, em resposta ao ultimo deste general, o merechal Hermes defendia o seu intrepido alliado com o calor da mais nobre sinceridade e se lhe percebia a magoa que lhe resaltava do seu antigo camarada, cuja linguagem não expressava o que elle imaginara decerto no seu optimismo doentio. Começava agradecendo as *expressões que julgava sinceras de manter o general na integra a amisade que os prendia havia muitos annos, não perturbada pela discor-*

dancia em que estavam ao encarar o problema politico que agitava a nação. Allegava a carga que Dantas Barreto fazia a Pinheiro de culpas que evidentemente o senador não tinha, como fosse o renascimento das oligarchias do Amazonas, do Pará e do Ceará.

Attribuia serviços de valor ao seu alliado na transformação da vida pernambucana, de modo a facilitar a acção do general Dantas Barreto na campanha do povo pela conquista da sua liberdade; falava da barreira que o chefe conservador opuzera a S. Paulo e Minas quando estes estados tentaram fragmentar a bancada de Pernambuco na camara dos deputados, da actividade que Pinheiro e Quintino Bocayuva desenvolveram para que os representantes daquelle estado penetrassem integralisados no congresso nacional. Rememorava esses factos que eram de hontem, dizia o marechal, para evidenciar a injustiça que attribuia igualmente ao governador de Pernambuco, que não julgava bem o homem cujo traço principal era a lealdade aos seus compromissos. Rebatendo increpações que lhe fazia aquelle governador por haver o ma-

rechal collocado o seu prestigio e a sua autoridade á disposição de um homem que nenhuma funcção official exercia junto a administração do paiz, o presidente da republica ajuntava *que Dantas Barreto se devia surprehender se assim não fosse, tanto mais vendo agrupados contra o seu alliado* elementos *suspeitos* como S. Paulo e outros que sempre foram adversarios do *seu programma* e *cuja colera e cujo odio áquelle seu amigo cresceram a proporção que inutilisava seus planos de agressão ao partido e ao seu governo. A elle é que causava reparo estar o governador de Pernambuco auxiliando o movimento de verdadeira conspiração contra a normalidade governamental. Tinha procedido com calma superando sempre as arduas responsabilidades que lhe cabiam; assim é que não tinha oposto difficuldades a varios acordos alvitrados entre os politicos, para resolver a crise, embora alguns delles não lhe parecessem os melhores. Infelizmente a situação ainda se mantinha confusa e por isso, apezar de entender que a escolha dos candidatos pelo congresso, como propunha Dantas Barreto, importasse no julgamento da*

eleição pelas proprias partes e, portanto, indubitavelmente inferior ao processo estabelecido pela lei organica do seu partido, mais consentanea com os principios republicanos que ambos deviam zelar, não obstante tudo isso, para mais uma vez dar testemunho do espirito de conciliação que presidia os seus actos nessa emergencia penosa, promptificava-se a insistir com os seus correligionarios para admittirem a formula indicada por Dantas Barreto, uma vez que este lhe assegurasse estar por ella, ainda mesmo que outros membros da colligação a repillissem. Esperava resposta urgente e decisiva para seu pleno governo.

O general, depois de agradecer ao marechal a aceitação da sua formula para uma convenção nos termos já conhecidos, para a indicação do candidato á presidencia da republica, *dizia que não podia tomar o compromisso de sustentar a proposta que submettera ao seu criterio, sem a devida aceitação dos seus companheiros colligados, porque, assim, não ficaria bem com a sua consciencia que, no caso, lhe indicava uma convenção na qual se representassem todos os estados da união, maxime quando os*

colligados eram a maioria do eleitorado nacional. Apreciando os factos que se desdobravam no meio brasileiro, o general dizia ainda *que o senador Pinheiro Machado era o principal responsavel por todo o mal estar do paiz, nesse momento de serias aprehensões politicas.* Consultado sobre a forma por que devia ser escolhido o candidato á presidencia da republica, Dantas Barreto respondeu como entendia esse processo, sem outro objectivo que o interesse pela verdade eleitoral da republica. Pinheiro Machado, habituado a resolver casos politicos sem outro juizo que não o seu, autoritario por indole, forte, prestigiado pelo governo, entendia que o general Dantas Barreto lhe fazia insinuações, cuja aceitação o depreciaria entre os seus amigos e se não conformou com as normas sugeridas pelo seu adversario leal e sincero. Não lhe ficava mal, dizia o general, ceder a principios rigorosamente democraticos, porque o chefe conservador nem ao menos queria ver o exemplo de Tafft, que sendo presidente da republica dos Estados Unidos do Norte, em pleno exercicio de suas funcções, fora votado em terceiro lugar, para renova-

ção do mandato no periodo seguinte. A convenção do partido republicano conservador, achava o general, aliaz composta em sua maioria de elementos suspeitos pelas suas ligações com o senador Pinheiro Machado, não podia dar um candidato que não fosse das conveniencias politicas e pessoaes daquelle chefe e dahi a relutancia dos homens independentes em se conformarem com a sua decisão, em assumptos como esse, da maior importancia para a vida da republica.

E concluindo, promettia Dantas Barreto dirigir-se immediatamente aos colligados sobre a formula que lembrava ao marechal.

Os representantes da colligação e mais os deputados independentes, liberaes ou civilistas, constituiam uma fraca maioria que, por fim, deixaria de existir uma vez reunidas as duas casas do congresso, em consequencia da maioria do senado. Não restava duvida, conseguintemente, que, por esse processo, o candidato do partido republicano conservador, ou o proprio senador Pinheiro Machado, seria o vencedor. Em tal caso não convinha arriscar o encontro

das differentes forças politicas, nos limites dessa formula que, antes, podia ter resolvido a questão, de acordo com o pensamento dos colligados. O general Dantas Barreto não cogitara da maioria conservadora do senado, mas em face do seu telegramma ao *leader* da bancada pernambucana, dando conta da sua formula, proposta ao presidente da republica, para solução da campanha presidencial, o *leader* daquella bancada, depois de ouvir os *leaders* colligados, respondeu lembrando a desvantagem que fica registrada e desse objecto nem mesmo ao marechal Hermes o general Dantas Barreto tratou mais.

O que logo apoz se observou, em represalia a attitude do governador de Pernambuco, foi o presidente da republica despresar o apoio decidido, espontaneo, que ao marechal offerecia o seu amigo e destituir, em massa, os funccionarios federaes, partidarios da politica dominante no estado, dos cargos que ahi desempenhavam. Era necessaria mais esta prova de obediencia ao senador Pinheiro e o marechal não vacilou.

Dahi em diante desappareceram todas as

normas regulares de administração; despresaram-se os mais nobres conceitos da justiça; cerraram-se ouvidos ás vozes da consciencia nacional, para só andar o governo á feição de um homem caprichoso que, podendo fazer a felicidade do Brasil, preferiu reduzil-o ás condições humilhantes de um povo que penalisava os outros povos, ainda os mais insignificantes. A republica perecia nas mãos inhabeis de um general conquistado. Quasi se realisa o vaticinio do coronel Moreira Cesar nas agonias da sua morte heroica.

Dissiparam-se as esperanças do exercito, da armada e de todas as classes que ainda obedeciam a qualquer principio de organização; desapareceu o estimulo do estudo, do trabalho, da moralidade, porque tudo estava restricto ao circulo dos campeões de Pinheiro Machado e a grande maioria destes já se não detinha ante as mais absurdas exigencias. Os estados cuja politica dominante estava na corrente do partido pinheirista, procediam de acordo com as normas do supremo chefe e assim, geralmente, concorriam para o desprestigio da patria com-

mum, pela supressão da liberdade, da justiça e pela indifferença á manifestação do povo nas urnas.

Ninguem entrava mais para qualquer das casas do congresso federal que tivesse feição partidaria differente da que dominava ali, embora dez vezes mais votado.

Os estados elegiam os seus representantes para o congresso nacional, mas este só recebia os vencidos que o senador Pinheiro mandava reconhecer, com a sancção do paiz inteiro, cujo abandono por seus direitos e pela moralidade dos seus costumes, fazia recordar a decadencia de Roma.

Não escaparam desse audacioso processo o Amazonas, o Ceará, Pernambuco, Alagoas, o Rio de Janeiro e o Paraná. Raramente se abusa tanto da paciencia de um povo!

Adoptou-se, como se viu, a candidatura do dr. Wenceslau Braz, em nome da conciliação nacional, mas os estados colligados do norte continuaram a soffrer todas as consequencias da sua repulsa aos cangaceiros dessa politica de emboscadas e sob cujos auspicios se governava o Brasil.

Reduzido o Ceará, era preciso submetter Pernambuco, que devia ser entregue aos *Julianos* e seus alliados, sob a chefia do dr. Rosa e Silva, malvisto em sua terra, que dominara durante muitos annos, do Rio de Janeiro ou das grandes capitaes do mundo antigo.

Com aquelle objectivo perverso designaram-se generaes e officiaes superiores, os quaes, a não ser um ou dois dos ultimos, em vez de sanhudos inimigos do governador, conduziram-se na altura da sua missão civica e militar.

E, comtudo, se a ordem no estado se manteve inalterada, não foi por falta de provocação do governo federal, para ceder ás aspirações dos elementos despersivos de Pernambuco, aos quaes promettera decidido apoio contra o general Dantas Barreto.

Mas era preciso tudo prevenir.

Assim é que, lançando suas vistas para o alto sertão, onde este mais se aproximava da região conflagrada do Ceará, o governador de Pernambuco mandou immediatamente fortes destacamentos da sua força estacionar na linha divisoria dos dois es-

tados, afim de evitar uma invasão dos sertanejos em armas, sob a bandeira do padre Cicero Romão, como era pensamento do senador Pinheiro Machado, apoz a reducção do Ceará.

Desse movimento cauteloso concluiu Pinheiro Machado que se tratava de uma intervenção armada de Pernambuco no visinho estado do norte e logo foi expedido, por intermedio do ministro do interior, o seguinte telegramma impertinente: «Sr. governador de Pernambuco. Informações commando região (era commandante o general de brigada *Torres Homem)* noticiam criação de batalhões patrioticos no territorio sujeito á vossa administração, em plena e feliz paz externa e livre o territorio nacional de grave commoção interna, que perturbe a vida nacional. Fora para estranhar que os poderes competentes autorisassem a reunião de grupos armados com ou sem a denominação de batalhões patrioticos. E' mais para estranhar ainda que sem essa autorisação se possam os mesmos preparar. A constituição reservou exclusivamente aos poderes nacionaes a regencia dos assumptos militares, cabendo aos estados a sim-

ples organização de sua policia interna. Quando as circumstancias exigem só ao governo federal cabe mandar organizar forças irregulares. Convicto de que ignoraes o preparo dos annunciados batalhões patrioticos, communico-vos o facto anormal, solicitando de vossa parte o emprego das indispensaveis medidas de policia para impedir a sua organização e dissolvel-os se já estiverem organizados. Certo do vosso concurso para a manutenção da ordem constitucional, saudo-vos cordialmente. — *Herculano de Freitas,* ministro do interior».

O ministro ignorava, talvez, que em assumptos desta natureza não se podia dirigir a um governador senão em nome do presidente da republica, mas, em vez de mandar archivar esse documento sem o tomar em consideração, o general Dantas preferiu responder áquelle secretario nos seguintes termos: «Sr. Ministro do Interior — Não é exacta a informação que vos transmittiram, da existencia de batalhões patrioticos neste estado. E' provavel que populares, por mero divertimento, se tenham occupado disso, sem que eu o soubesse até agora. O estado não precisa de taes batalhões, porquanto o

governo está autorisado, por lei, a elevar suas forças regulares ao que for necessario para segurança da ordem e defesa dos seus direitos, dentro da constituição. O que neste momento precisamos é de paz. Os batalhões patrioticos, aqui, só existem na imaginação de quem os criou.

O estado continúa em plena calma até este momento e é de estranhar que houvesse quem deparasse com semelhante organização no seu territorio. A ninguem mais do que a mim interessa a ordem em Pernambuco, ficae certo».

Continuavam alarmantes as informações que transmittiam os prefeitos e outras autoridades da fronteira cearense e dentro de poucos dias mil homens, aproximadamente, vigiavam aquella região, preparados para repellir qualquer tentativa de penetração em territorio pernambucano.

Este facto exasperou os elementos conservadores do estado que, fracos, incapazes de qualquer tentativa contra o governo regional, apellaram para uma invasão de cangaceiros cearenses, afim de anarchisar e difficultar a acção politica e administra-

tiva do general Dantas Barreto. Este havia cuidado de tudo, por toda a parte, de modo que o menor movimento subversivo em territorio pernambucano, seria logo abafado e os seus encaminhadores rigorosamente castigados. A intriga tornou-se, então, a arma principal dos adversarios politicos do governador. Do Recife foram aprehendidos telegrammas para politicos adversarios, no Rio de Janeiro, que revoltavam o espirito mais calmo, tal a perversidade que revelavam, os intuitos que os animavam. Esses despachos, em geral, referiam preparativos de revolução imminente, em que o governo do estado se achava empenhado contra o presidente da republica, com o fim de provocar uma intervenção federal que, por fim, entregasse aos adversarios o estado cujas condições financeiras eram optimas, apezar de se esgotarem todos os recursos da republica, já sem normas de governo e cançada de tanto a golpearem.

Foi por esse tempo que, sabendo o ministro Rivadavia Corrêa da existencia na alfandega de Pernambuco de 100.000 cartuchos destinados á força publica, vindos da Allemanha por encommenda, mandou

prohibir o despacho de qualquer armamento ou munição mesmo de caça, para ver se dessa forma provocava uma reacção do governador, afim de justificar a intervenção anciosamente esperada. O general Dantas Barreto, apezar de perceber a intenção do governo federal, telegraphou ao presidente da republica solicitando a entrega da munição detida, mas a resposta immediata e categorica do marechal, foi a passagem dessa munição da alfandega para a fortaleza do Brumm. Este facto occorria já depois de assentada a candidatura do dr. Wenceslau Braz, em plena convenção nacional e por elle se verificava que Pinheiro Machado não comprehendia a conciliação que se tinha em vista, sem previa rendição dos elementos insubmissos á sua vontade imperiosa. Com todo o poder da republica a seu lado, assentara vencer os seus adversarios pela corrupção ou pelo terror vermelho. Havia para isso grandes recursos á sua disposição e sobravam-lhe instrumentos aperfeiçoados para o desempenho dos seus planos dominadores, aliaz architectados dia a dia sob a inspiração de novos golpes desfechados contra a muralha do

civismo nacional, que os homens de responsabilidade e coração opunham-lhe destemerosamente.

Minas e S. Paulo tinham-lhe o odio dos revoltados silenciosos, mas confabulavam com elle até sobre assumptos de interesses privados. Ciosos da sua liberdade nativa; conscientes dos seus recursos economicos abundantes, da força que lhes resultava da propria conformação topographica, das suas condições territoriaes na communhão meridional do paiz; não se aventuravam, entretanto, a um movimento mais ou menos arriscado, sem calcularem detidamente o exito do trabalho essencial para objectivação dos seus fins.

S. Paulo, principalmente, tem a comprehensão exacta da politica especulativa que hoje domina o mundo, cujo typo acabado e victorioso foi a grande Allemanha. São Paulo, guardadas as convenientes proporções, realisa, na America do Sul, o ideial da confederação germanica em relação á Europa, á Asia, á America e á Africa. O laborioso estado brasileiro tem conseguido introduzir, com assignaladas vantagens, os melhores productos da sua lavoura e das

suas artes industriaes, não só nos principaes mercados do Brasil, como nos de nações platinas, transandinas e mesmo de algumas européas. E nisto resume, de forma categorica, a sua reconhecida actividade. Deixem-no agir livremente, nesse empenho de riqueza, e terão S. Paulo com facilidade nas mais justas combinações de ordem politica nacional. E', tambem, um povo que avança rapidamente no caminho do respeito e da ordem social. Sente-se que em São Paulo ha, em todas as classes civilisadas, o sentimento da disciplina e da obediencia que constituem o segredo do poder allemão. As suas lutas e divergencias partidarias, regionaes, terminam no dia em que o povo se manifesta nos pleitos eleitoraes.

Vencedor um partido, o seu adversario vae no dia seguinte render-lhe as homenagens da sua victoria e todos voltam ás lides do trabalho, em que o opulento estado se vae destacando de todas as outras unidades autonomas do Brasil. S. Paulo está de accordo com toda a gente, nas suas relações sociaes, emquanto lhe não ferem os seus interesses economicos ou lhe perturbam as normas financeiras que lhe permittem bem

estar e francas sympathias no estrangeiro. Tem o sentimento de patria muito aperfeiçoado, mas a patria do paulista é S. Paulo, em primeiro lugar, depois o Brasil.

Com semelhante visão, que se dilata pelos mais vastos horizontes da vida nacional, os principaes homens de S. Paulo nunca se deixaram de entender com o senador Pinheiro Machado, nos ultimos tempos das nossas cogitações politicas, embora com as cautelas que os processos do politico riograndense exigiam.

E, assim, negociaram a candidatura de Campos Salles para successor do marechal Hermes, ao ponto de conseguirem, no primeiro momento, o apoio do paiz inteiro, com excepção de Pernambuco, em torno desse nome conhecido.

A candidatura do ex-presidente da republica, lançada em desespero de causa pelo senador Pinheiro Machado, convinha aos seus interesses regionaes, e S. Paulo não vacilou. Estava no seu papel: obedecia ás injuncções da sua politica orientada nesse rumo seguro. Campos Salles, entretanto, melindrado pelos desgostos que lhe sobrevieram por não ser possivel uma combina-

ção para o vice-presidente que o devia acompanhar ás urnas, renunciou formalmente á ideia da sua candidatura, aliaz triumphante por alguns dias, mas S. Paulo não se irritou por isso.

Em foco, porém, o nome de Ruy Barbosa, S. Paulo ficou na espectativa sympathica desse novo rumo da questão presidencial, sem se comprometter, sequer de leve e aguardou o desdobramento das combinações, que pareciam interminaveis. O prospero estado do sul parecia já não ter bastante confiança na acção de Ruy Barbosa, diante dos seus interesses, decerto muito contrariados na luta que sustentara, quando o egregio bahiano competira com o marechal Hermes da Fonseca, para presidente da republica, em fins de 1909 e principios de 1910.

Surgiu, por fim, a candidatura do dr. Wenceslau Braz, lançada pelo presidente de Minas Geraes e S. Paulo aceitou-a sem demorado exame. Este candidato se adaptava melhor ás conveniencias da sua situação particular. Ademais era preciso observar, sem vacilação, o compromisso de Ouro-

Fino, como o fizera Minas, quando apparecera a candidatura de Campos Salles, apezar de lançada pelo senador Pinheiro Machado.

Conhecida a aceitação de Wenceslau Braz por todos os elemenos politicos em acção na republica, á excepção do partido dominante no estado da Bahia, sentiu-se o bem estar que resulta dos grandes perigos conjurados.

Dizia-se, entretanto, que o senador Pinheiro trabalhava em segredo para ver se ainda era possivel desviar a corrente de sympathias com que os estados acolheram a candidatura do dr. Wenceslau Braz. Se o exito dessa manobra fosse completo, apresentaria então a candidatura de um partidario da sua confiança, a qual devia ser victoriosa até mesmo pela violencia, quando porventura lhe faltassem os sufragios em pleito livre.

A tempestade, porém, que ameaçava o desmoronamento do edificio politico nacional, ainda mal seguro em seus fundamentos, com esses embates estereis, foi moderando o furor das suas coleras em explosão e serenou o tempo e desaparece-

ram as nuvens que se avolumavam sinistras nas solidões do espaço.

E no dia 9 de agosto desse mesmo anno, em que todos os favores da fortuna começaram a eliminar-se da republica já enferma, para atiral-a no chaos de uma situação governamental sem precedentes, reuniram-se na camara do senado os convencionaes chamados para a formação do corpo politico que devia proceder á eleição dos candidatos á presidencia e vice-presidencia da republica, como se havia combinado.

Iniciado o trabalho, os representantes da Bahia fizeram declaração de voto contrario ao dr. Wenceslau Braz, por terem adoptado a candidatura do senador Ruy Barbosa. E allegavam: «que antes mesmo de haver aparecido a actual chapa conciliatoria e quando até se declarava encerrada a phase dos acordos entre as partes dirigentes do antigo partido republicano conservador, fora já iniciada na Bahia, pelo partido governamental, com o aplauso unanime das municipalidades bahianas, que se declararam solidarias com o governo do estado na aceitação do senador Ruy Barbosa, reservando para o directorio da nossa agremia-

ção a prerogativa que lhe cumpria deliberar sobre a conducta que os nossos correligionarios deviam ter, no tocante a eleição de vice-presidente. As divergencias politicas que tanto nos afastaram em dias que não vão longe, do candidato que ora proclamamos, collocam a nossa attitude em uma atmosphera que se impõe ao acatamento e ao respeito de todos os espiritos».

A carta que continha estes trechos era assignada pelos deputados *Mario Hermes, Muniz Sodré, Raul Alves, Campos França, Souza Brito, Pereira Teixeira, Antonio Muniz, Arlindo Lione, Octavio Mangabeira* e *Ubaldino de Assis*.

O dr. Nilo Peçanha, não tendo, tambem, comparecido á convenção, dirigiu igualmente uma carta a esse congresso em que dizia: «A attitude que tenho mantido no curso da actual crise politica, impede-me de collaborar na solução que vv. eex. e aos meus amigos do estado do Rio de Janeiro se afigurou mais conveniente aos interesses da nação». Procedendo-se depois á chamada dos convencionaes, foram depositados na urna 213 votos para o dr. Wenceslau

Braz e 210 para o dr. Urbano Santos: presidente e vice-presidente respectivamente.

No dia seguinte o *Estado de Minas* publicava as suas impressões sobre o resultado da convenção, já conhecido, e fazia commentarios elogiosos em que destacava o senador Pinheiro de entre todos os que concorreram para a solução do problema presidencial. Sabia-se entretanto que o chefe conservador se havia conformado com semelhante facto victorioso porque já não tinha como recusal-o.

Esse homem arguto comprehendia bem que se Minas, S. Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Alagoas, Pernambuco e Ceará, com as dissidencias dos estados conservadores, adoptassem a candidatura do senador Ruy Barbosa, como em ultimo caso succederia, apenas restar-lhe-iam os elementos do Rio Grande do Sul e dos pequenos estados e que, em tal situação, seria fatalmente derrotado nas urnas ou, para se não desmoralisar, teria que levar o presidente da republica a uma dictadura desenfreada, provocadora que, nem mesmo a força publica suportaria.

Minas comprehendia tudo isso, mas era

preciso lisonjear a vaidade do senador Pinheiro Machado, para tel-o nas malhas das suas urdiduras, por vezes tecidas com habilidade, na politica nacional. Eis, por conseguinte, o enthusiasmo daquella folha provinciana, quando achava justo «que se destacasse como sincera homenagem ao trabalho do chefe conservador na edificação da grande obra conciliatoria, dahi a momentos ultimada, a individualidade empolgante do senador Pinheiro Machado. Resoluto e firme nos seus propositos de manter a integridade de sua vontade; imperturbavel na sua acção intransigente de prestigiar as suas manifestações de caracter politico, exteriorisadas em virtude da sua conducta inflexivel, convenceu-se no entanto o valoroso chefe em que pese o valor partidario da sua resolução, de que a nação lhe impunha o dever do acordo a que s. ex., como bom republicano, de bom grado acquiesceu».

No entanto Pinheiro Machado sentia a revolta secreta da grande contrariedade que lhe constringia esmagadoramente o coração, quasi paralysado ante a capitulação

politica, que lhe abatia o orgulho de dominador unico de um grande paiz. Os seus admiradores, porém, aquelles que viviam á sombra do seu prestigio, exaltavam calorosamente a sua victoria, nessa questão que apaixonara toda a gente, cujo interesse pela sorte da republica se manifestava nas menores acções da sua actividade quotidiana.

O presidente Bueno Brandão conhecia, decerto, a intenção do senador Pinheiro, desde o momento em que se começou a agitar a questão das candidaturas presidenciaes. Percebeu claramente que o senador riograndense seria fatalmente candidato á successão do marechal Hermes da Fonseca, indicado por uma convenção docil, constituida nos seus moldes absorventes, se não fosse Pernambuco ter-se desde logo apresentado resoluto, em terreno oposto, fazendo recuar as avançadas conservadoras das posições já conquistadas pelo abandono da opinião nacional. Viu que, apezar de desanimada, pelo fracasso da convenção que preparara em seu proveito pessoal, num momento de violenta explosão, Pinheiro Machado manobrava sempre; sentiu que, uma vez contrariado até pelo presidente da

republica, que parecia inclinado a outro personagem para substituil-o na suprema magistratura da nação, Pinheiro, magoado, mandou lançar a sua candidatura; viu o presidente Brandão que Pinheiro agiu desta forma principalmente como um aviso ao seu partido para a luta irremediavel; o presidente de Minas observou como as forças de Pinheiro responderam ao rebate do seu chefe, cujos guerrilheiros este não recolheria ao respectivo acampamento se não fosse o golpe que Minas lhe desfechara inopinadamente, recusando-lhe apoio e deixando-o entregue ás suas proprias ambições, já profundamente contrariadas.

Minas viu tudo isto pela observação dos factos accumulados e portanto as manifestações de que se fizera éco a folha official do partido dominante, em Bello-Horizonte, não podiam ser a expressão dos seus sentimentos: Minas fingia não se recordar das ultimas evoluções do seu adversario, cuja alliança, então, lhe garantia integralmente a victoria da sua campanha politica, iniciada com exito seguro, além da espectativa geral da republica.

XII

Manobras em torno do dr. Wenceslau Braz. — As nupcias do presidente da republica. — Sempre Pinheiro Machado. — Hermes e Dantas Barreto. — Reunião do club militar. — Desordem e anarchia. — Estado de sitio. — Prisão de jornalistas e generaes. — Durante a dictadura. — Plano de deposição do presidente do Ceará. — O estado em armas.

As manobras que durante algum tempo se desenrolaram em torno do dr. Wenceslau Braz para reduzil-o á feição do senador Pinheiro Machado, confirmam o constrangimento com que o chefe conservador entrara na convenção.

Os jornaes noticiavam insistentemente as marchas e contramarchas de embaixadores politicos a Itajubá, ás vezes finos, blandiciosos, outras vezes iracundos, ameaçadores, junto ao futuro presidente da republica, afim de se apoderarem deste *pela razão ou pela força*, para manobrarem com a sua autoridade maxima como um venci-

do, um prisioneiro conformado com a situação que lhe destinassem. Tentaram tudo, mas o dr. Wenceslau Braz soube manter, no seu retiro, a linha que a sua posição indicava, ás vezes, mesmo, repellindo desdenhosamente as investidas do partido republicano conservador, a cujo chefe, numa dessas investidas, irritado, mandou dizer que *ainda era tempo de procurar outro.*

Então, empolgado pela vida contemplativa que levava; arrebatado pelos encantos de uma donzella que já era sua noiva, o presidente da republica pouco se detinha ante os negocios do estado, cuja sorte obedecia á orientação do senador Pinheiro Machado.

Tambem nunca os theatros do Rio de Janeiro, os prados de corridas, as exposições de artes e industrias nacionaes, tiveram a frequencia mais assidua de um tão illustre personagem.

Sua alma, fechada ás impertinencias que lhe resultavam do seu penoso cargo, se abria, entretanto, radiante ás manifestações do bello, ás emoções dos *sports* hypicos

e ás curiosidades dos trabalhos que produzem a riqueza do paiz.

O presidente da republica vencia o tempo dessa forma aprasivel, afim de melhor aguardar o dia feliz das suas proximas nupcias, de cuja sumptuosidade tanto se falou na imprensa da grande capital da republica e nas rodas mais elegantes do Brasil inteiro, em dezembro de 1913, quando se realisaram.

No meio, porém, do enlevo em que vivia, o marechal Hermes não deixava de attender solicitamente, ás exigencias do senador Pinheiro Machado, que nunca perdera a esperança de reconquistar os elementos rebellados contra a sua tyrannia politica.

Assim, talvez inspirado pelo seu activo chefe, o marechal não vacilou em dirigir uma carta ao general Dantas Barreto, procurando aproximar este do partido republicano conservador, justamente quando entre Pinheiro Machado e o general se opunha, cada vez mais fundo, o abysmo que os separava por divergencias de processos politicos e por sentimentos opostos. A carta do marechal tinha a singeleza caracteristica desse homem affectivo e bom. Começa-

va significando «que desde a escolha dos candidatos á presidencia e vice-presidencia da republica não tivera occasião de dirigir-se ao general Dantas Barreto.

Um telegramma deste, datado de 4 de novembro, deu-lhe, porém, ensejo de ir ao encontro do seu camarada para que, segundo o seu modo de ver, apreciasse a politica do momento e o que havia, elle, feito para manter integral o programma do partido republicano conservador. Deixando de parte as manobras prejudiciaes que foram postas em pratica pela colligação, contra o partido conservador e as tentativas postas em jogo para a derrocada desse partido, lembrava o marechal ao general Dantas Barreto a situação em que se encontravam, então, alguns dos amigos communs que, apoiando as candidaturas Wenceslau-Urbano, continuavam tambem a apoiar ou seguir a mesma politica e o mesmo programma que se traçara no inicio do seu governo e que vinha executando. Nesse numero continuava a considerar o general Dantas, que, sabia e affirmava, queria, dentro da ordem, da consolidação das instituições republicanas brasileiras, bem

como da mais estreita união entre os estados, o prestigio das forças armadas, que deviam ser mantidas e desenvolvidas, com a organização do exercito e da marinha, para justa garantia da honra nacional. Era bem de ver, proseguia o marechal, que para se conseguir o que fica exposto, tornava-se necessario um partido forte e disciplinado, com um programma como o do partido republicano conservador. Pois bem, era para isto que chamava a attenção do general Dantas Barreto, que ainda, como no começo do seu governo, podia ser braço forte no serviço de uma sã politica, como era a sua, nas futuras lutas para a victoria completa do seu ideial, indo de novo o governador collaborar no partido republicano conservador. Era certo que boateiros e mesmo informações de valor, denunciavam tentativas de movimentos perturbadores da ordem contra o governo, alguns estendendo as accusações até áquelle estado, mas não dava credito a isso e muito menos com referencia ao seu amigo general Dantas Barreto, de cuja amisade nunca duvidara.»

Depois de haver examinado, com magoa,

esse documento politico que reflectia nitidamente a psycologia do marechal Hermes, o general Dantas Barreto declarou ao dr. Cunha Vasconcellos, portador de semelhante carta, que era impossivel entender-se, jamais, com Pinheiro Machado, tal era a barreira que entre ambos ergueram as ambições de mando do senador e o seu desprezo pela verdade das urnas. O general Dantas declarou mais áquelle deputado que ia responder a carta do marechal, de quem muito lhe doia separar-se talvez. Essa resposta era mais a expressão affectiva de sentimentos nunca amortecidos, do que um documento politico. Dizia assim:

«Meu caro Hermes — Recife, 22 de novembro de 1913. Recebi a carta do meu eminente amigo, cuja resposta immediata e sincera devo. Esse documento da maior valia para mim, trouxe-me quasi a certesa da boa amisade que nunca esmoreceu entre nós e que vem de uma aproximação estreita nas lutas da democracia, em que nos encontrámos ainda novos, cheios de animação e de vida, tendo por ideial a grandeza da Patria, sem rei e sem privilegios. Condusia-nos, então, o sentimento da li-

berdade, de tolerancia ás opiniões dos outros e de acatamento ás justas manifestações do povo. As nossas ambições eram communs, as nossas aspirações legitimas e tudo isso vimos, por fim, triumphante a 15 de novembro de 89. Depois de longa separação, decorrente da nossa vida profissional, nos encontrámos de novo, com o mesmo objectivo, com as mesmas tendencias e com a mesma orientação dos negocios do paiz. Ainda agora, separados pela distancia e pelo destino que nos segue, conservo, com o egoismo de que sou capaz, a lembrança das nossas douradas fantasias, e isso é para mim um grande conforto, no meio das contrariedades flagrantes das ultimas dissenções politicas que nos envolveram, quando eu pugnava, com sinceridade, pelos mais legitimos principios da forma republicana.

No entanto, seguindo um curso inesperado e rapido, os acontecimentos partidarios que ainda hoje nos agitam, trouxeram a necessidade de uma colligação politica de varios estados para defesa dos seus interesses respectivos, aliaz compromettidos pela intervenção de elementos estranhos em sua

estructura particular. Dahi resulta seguirmos, pela primeira vez, creio, rumos differentes, sem alteração, todavia, do nosso objectivo politico. Eis porque eu não posso, agora, deixar de manter-me fiel áquella organização cujos intuitos, acredito, são a grandeza e a prosperidade de nossa terra. Os successos, porém, se desdobraram de tal sorte; as paixões explodiram com tanta violencia, nesse choque de sentimentos opostos, que o resultado foi de estranha surpreza para os que não viam em nossa attitude senão uma divergencia naturalissima, um movimento de controversia politica. Vieram, então, as hostilidades do governo federal aos estados que buscavam um horizonte politico mais vasto, mais democratico, para seguil-os na sua missão social perante a federação e perante o mundo. E a unidade que tenho a honra de governar, vem passando por essas provas terriveis, apezar do apoio decidido e franco que offereceu ao meu bom amigo, por intermedio do seu governador. A minha volta, hoje, ao partido republicano conservador só poderia ter lugar se os elementos colligados a fizessem igualmente, depois de uma re-

constituição daquelle partido e de uma direcção em moldes novos, como fosse combinado. Só eu sei quanto me dóe esta manifestação que, decerto, vae contrariar os intuitos do meu antigo companheiro de lutas victoriosas! Mas eu seria indigno do meu nobre amigo se, neste caso, tivesse outra norma de conducta. Hostilisado francamente na politica do estado com demissões em massa de amigos do meu governo, hostilisado até na mais legitima aspiração de um grande districto eleitoral, com a expoliação que se premedita do dr. Gonçalves Maia, legitimamente eleito deputado ao congresso nacional, eu não posso voltar ao partido que assim me fere, tanto mais quanto o meu devotamento e o meu apoio ao governo federal, têm sido completo, espontaneo e leal.

Com o meu amigo eu estarei sempre, mas onde cada um de nós possa manter integral a sua individualidade, a sua feição propria de ordem e de principios, como no partido republicano conservador, mas com orientação mais dilatada e generosa. Assim eu proporia a constituição de um grande partido naquelles moldes : primeiro de

todos os elementos politicos do paiz, sob bases previamente combinadas; segundo com a remodelação do partido republicano conservador, no qual se fundissem todos os elementos colligados, de pleno acordo, sob novo programma e nova administração, de harmonia com as instituições e as necessidades da republica. Em qualquer destas agremiações eu me sentiria grandemente lisonjeado com a suprema direcção do meu amigo e com os seus conselhos patrioticos.

Terminando, agradeço ao presidente da republica e ao amigo a maior prova de consideração que me podia dar — tal é o novo chamado, com que me honra, ás fileiras do partido republicano conservador».

Por que insistia o marechal Hermes pela volta do general Dantas Barreto ás fileiras do seu partido, mesmo depois de indicada a candidatura do dr. Wenceslau Braz á presidencia da republica, é o que se não pode alcançar precisamente. Todavia, a realidade é que, por esse tempo, se chegou a falar com alguma insistencia na retirada da candidatura daquelle homem politico, afim de se lançar outra, exclusivamente inspirada pelo senador Pinheiro, se este

não fosse ainda o candidato para o combate que dahi resultaria.

No dia 8 de dezembro desse mesmo anno terrorista, depois de haver transcorrido mais de treze mezes do passamento de mme. Orsina Fonseca, tiveram lugar as bôdas de segundas nupcias do marechal Hermes com a formosa mlle. Naïr Teffé, filha do barão de Teffé, dominadora nos salões do Rio de Janeiro, pela agudesa de seu espirito e pela correcção das suas maneiras fidalgas.

Desde então a existencia do marechal Hermes obedeceu ás normas que lhe ditara sua gentil consorte e nunca os protocollos e os estylos das casas mais antigas da Hespanha ou da Austria, foram tão fielmente observados, referem amigos do marechal que se haviam habituado á serena e despretenciosa existencia desse homem simples em todas as phases da sua vida passada.

O rigor da nova soberana do Cattete ia até o ponto de não receber nos seus aposentos reservados, sem previo consentimento, ao proprio marechal seu esposo. E

deste severo preceito ninguem da sua familia escapava.

Seria um encanto sem par invadir-se os aposentos presidenciaes de madame N. T. com olhos de artista indiscreto e contar-se o que realisava essa mulher de gosto, desde os seus tentadores vestidos, confeccionados nos principaes armazens de modistas famosas estrangeiras, até os menores dixes da sua camara de dormir. Seria, igualmente, o trabalho emocionante e fino de Frederico Masson, nos apartamentos da imperatriz Josephina, para um escriptor brasileiro que se quizesse evidenciar por audaciosa indiscreção, em se tratando de uma dama que ainda hoje se impõe nos centros principaes da vida sumptuosa de Pariz ou Londres, pelo prestigio da sua intelligencia, da sua linhagem distincta e da sua posição culminante.

O que se dizia dessa recente situação do marechal é que, ainda fortemente dominado pela paixão da sua joven esposa, continuava estranho a tudo que se passava lá fora, sob a responsabilidade do governo.

Lavrava intensamente a anarchia na administração e todas as classes soffriam as

consequencias da desordem em que se debatia a republica. Depois da eleição presidencial, cujo pleito occorreu no dia 1.º de março de 1914, a orgia governamental e politica do Brasil, attingiu a proporções affrontosas. O marechal Hermes, affagando a ideia de uma popularidade que, havia muito, acariciava, exhibia-se em toda a parte, convencido de que seria aclamado pelas multidões de outr'ora, mas o povo já o detestava sem reservas e, em vez de victorial-o como antigamente, nas formaturas de aparato militar, via-o com indifferença, quando se não manifestava contrariado, quasi agressivo.

Vieram, de novo, as represalias com que o presidente julgava irritar os adversarios politicos do senador Pinheiro Machado.

E este, segundo os jornaes do tempo, procurava um pretexto para desgostar o dr. Wenceslau Braz, afim de leval-o a uma renuncia do mandato presidencial, antecipadamente. O meio lhe parecia seguro, o exito se lhe afigurava completo. Mas o dr. Wenceslau Braz fazia que não percebia a manobra do chefe conservador e conti-

nuava recolhido ao silencio que se impuzera, na sua residencia de Itajubá.

Isso irritava a Pinheiro, que não queria perder tempo. E voltou-se para o norte.

Fatalmente condemnado o governo do Ceará, já se não tinham cautelas com as ordens do marechal ao commandante da força federal enviada á Fortaleza, para deposição do presidente, coronel Franco Rabello. E, vivamente contrariado com os officiaes que se não queriam prestar ás machinações de seu representante naquella capital, percebeu o marechal que era preciso um golpe decisivo sobre os camaradas que assim o contrariavam, e não se opoz a uma reunião do club militar do Rio de Janeiro, contando tirar disso excellente resultado. O club se manifestaria contra a intervenção da força federal na politica do Ceará; alguns dos officiaes affeiçoados ao marechal perturbariam os trabalhos daquella corporação, que reagiria, e então o governo justificaria o estado de sitio, previamente combinado para a capital da republica, sob o pretexto de alteração da ordem na cidade. Realisada a sessão, a que não compareceu o presidente do club, ge-

neral Tito Escobar, teve aquella reunião o andamento previsto pelo marechal e as consequencias desejadas. Não havia quem a presidisse legalmente, mas era preciso deliberar...

Por fim, aclamaram o marechal reformado Adolpho Menna Barreto para dirigir os trabalhos, ainda por iniciar, mas, enfurecidos, apopleticos, os agentes do governo no club, ameaçando e insultando os officiaes independentes, desconsideraram tambem ao velho Menna Barreto e ninguem mais se entendeu nas salas do palacete, ainda apinhadas de concorrentes e onde, num momento de sinistras intenções, suprimiram, de repente, a illuminação, absolutamente, sob os desregramentos da mais desenfreada anarchia. E quando uns saiam e outros entravam, no estarrecimento de semelhante situação chaotica, circulavam, profusamente, pelas ruas da cidade, boletins officiaes trazendo o acto que decretava o estado de sitio para o Rio de Janeiro, Nictheroy e Petropolis.

Venciam os perturbadores da ordem publica, sob o manto da autoridade constitucional e em seguida as masmorras do

estado receberam centenas de brasileiros distinctos, considerados pelos representantes do governo como agitadores perigosos, que deviam expiar os eus crimes nas prisões mais torturantes da policia militarisada ou nas fortalezas da barra. Entre os attingidos pela força, nos desregramentos do primeiro instante, se achavam os generaes Mendes de Moraes, Thaumaturgo de Azevedo e Osorio de Paiva, bem como os jornalistas drs. *Edmundo Bittencourt, Macedo Soares* e *Vicente Piragibe,* oposicionistas intransigentes, directores respectivamente, do *Correio da Manhã,* do *Imparcial* e da *Epoca.*

Correu, no momento agudo de tão deprimente espectaculo, que ao proprio marechal Menna Barreto, haviam mandado prender por agentes da policia civil, mas que o presidente da republica temendo uma reacção militar nos quarteis, não consentira em semelhante ignominia, sem precedentes nos annaes das violencias brasileiras.

Todos os jornaes que, desde muito, expunham as miserias da republica aos olhos do mundo, e que feriam com um ridiculo

implacavel ao presidente da republica, ficaram sujeitos á censura da policia e dahi começou a dictadura, perfeitamente accentuada, sob cujo regimen se mantiveram a capital do Brasil e o estado do Ceará, até as proximidades da investidura do dr. Wenceslau Braz, em 15 de novembro de 1914.

O que durante essa dictadura insolente occorreu no paiz, sabe-o a nação envergonhada. Não houve mais contemplação nem meios termos nos casos politicos e administrativos. Foi quando se activou a execução do plano sobre o Ceará, cuja campanha depredadora vinha de mezes, tendo por theatro das primeiras operações a bella e fecunda região do sul, na qual demoram as cidades do Crato, Barbalha, Milagres e Jardim, localidades já muito prosperas, até os seus limites com o estado de Pernambuco.

Tambem ali teve os seus primeiros fundamentos, ha dezenas de annos, o celebre povoado de Joazeiro, residencia do padre *Cicero Romão,* para onde foram mandados os encarregados da movimentação subversiva, drs. *Floro Bartholomeu, José Borba* e outros agitadores menos importantes, afim de armarem e dirigirem os cangaceiros

daquelle sacerdote, para iniciarem a obra architectada pelo senador Pinheiro Machado. Chegado o momento da acção, começaram os rebeldes por deporem o conselho municipal de uma daquellas povoações remotas, cuja administração ficou a cargo dos revoltosos locaes: foi o rastilho inflamatorio que produziu a explosão dos animos prevenidos para a luta.

Um contingente da força regular do estado seguiu presto para a zona conflagrada, afim de repôr os conselheiros depostos, o qual não conseguiu o seu objectivo por haver sido repellido pelos elementos facciosos po padre Cicero, em caminho. Este facto produziu desagradavel impressão na capital, onde os mais atilados desde logo perceberam que a situação do estado era bastante delicada, capaz de successos imprevistos da maior gravidade. O governo ainda não se havia convencido da sua fraquesa no interior, mas, então, percebendo que era preciso agir para normalisar a ordem na região mais que suspeita, movimentou um batalhão para o Crato em cujo lugar essa tropa se devia conservar, até que, explorado e reconhecido o povoado, se le-

vasse um ataque a Joazeiro, afim de castigar-se exemplarmente os bandos amotinados que ali fossem apanhados de armas na mão. E assim, depois de repetidas escaramuças pelas proximidades de Joazeiro sem uma acção mais ou menos violenta, o presidente do estado, receiando que o commandante da força estivesse vacilando diante dos rebeldes, mandou a Joazeiro o chefe de policia, para activar as operações e restabelecer a ordem, já então seriamente comprometida, no interior. O commandante da policia, official do exercito, vendo nesse gesto do presidente Rabello uma falta de confiança, offensiva aos seus brios de soldado, exonerou-se do respectivo cargo e retirou-se para a capital.

Substituido por um major de policia que logo se apresentou á tropa em operações, determinou esse official, immediatamente, o cerco de Joazeiro, aliaz em condições desvantajosas, circumstancia de que se não havia apercebido o novo commandante senão depois de effectuada a operação.

A gente do padre Cicero Romão, collocada em posição dominante e bem disposta, resistia quasi indifferente o cerco.

Mas o official, apezar disso, receioso de possivel revez, não aventurava um ataque a viva força. Isto já ia fatigando os cangaceiros indisciplinados, aos quaes a falta de generos alimenticios começava a inquietar assustadoramente. Por fim, resolutos e confiantes, os jagunços cairam sobre a tropa sitiante, forçaram as linhas de cobertura sob insignificante resistencia e atiraram-se aos contrarios, em perseguição rancorosa, até os muros do Crato, onde, aliaz, desmoralisados pela população que fugia, os troços de legalistas nenhum embaraço opuzeram aos rebeldes, que não tardaram na invasão da cidade, quasi abandonada. Uma vez senhores da posição, saquearam á vontade, como já o tinham feito em Barbalha e outros povoados. E foram, assim, engrossando de muitas centenas os seus bandos aventureiros.

XIII

Presidente do estado e congresso improvisados em Joazeiro. — Victoria das forças rebeldes. — O capitão Penha no Rio Grande do Norte. — O coronel Rabello sente as primeiras manifestações do desanimo. — Penha é morto em Miguel Calmon. — O coronel Setembrino aconselha renuncia a Rabello. — O governo federal facilita recursos aos rebeldes e prohibe despachos de material de guerra á legalidade. — Estado de sitio para o Ceará. — Setembrino é nomeado interventor e assume o governo do estado. — Franco Rabello protesta e deixa a presidencia do Ceará.

E' tempo de referir que o padre Cicero e os agentes do senador Pinheiro Machado, haviam improvisado, em Joazeiro, um presidente e um congresso á feição, para os contrapôr aos poderes executivo e legislativo do estado e disso deram conhecimento ao presidente da republica e ao senado federal, que responderam agradecendo semelhante communicação audaciosa. Este facto escandaloso deixava claro o pensamento do

governo a respeito do momento politico cearense e requintava a sua petulancia no terreno dos desatinos a que se havia lançado. Com a victoria de Joazeiro e a occupação do Crato, a gente do padre Cicero, já bem armada e municiada, se dirigiu arrogante para *Iguatú* cuja cidade, aliaz servida por estrada de ferro, foi tambem occupada pelos rebeldes, sem resistencia, continuando a horda para *Miguel Calmon,* onde se achava o capitão do exercito *José da Penha,* deputado á assembléa do Ceará, militar de reconhcido valor.

O capitão Penha se havia atirado a uma infeliz campanha politica no *Rio Grande do Norte,* com o fim de lançar, nesse pequeno estado, o nome do 2.º tenente do exercito Leonidas da Fonseca, filho do presidente da republica, para governador daquella unidade federal que, segundo referia o capitão, precisava respirar livremente.

Internando-se pelo sertão, resoluto e convencido de prestar um grande serviço á sua terra, que desde o começo da republica se achava entregue ao dominio de uma antiga familia, a qual se fazia succeder no governo respectivo conforme as conveniencias do

chefe regional, o irrequieto militar chegou, no começo do seu audacioso trabalho, a conseguir algumas vantagens para a causa que defendia.

Partindo da capital com dois outros amigos, como elle decididos, errou por villas e cidades remotas do estado e, nas ultimas jornadas, já o seguiam numerosos patricios, dispostos a compartilharem da mesma sorte nas justas em que o valente official se empenhava, para reivindicação dos brios riograndenses, que elle dizia *rebaixados pela influencia nefasta de uma oligarchia em forma.*

O momento era, francamente, para essas aventuras, decerto provocadas pelas oligarchias, que se haviam radicado nos estados do norte.

Iniciou essas diversões arriscadas, na Parahyba do Norte, o valente e resoluto coronel José Joaquim do Rego Barros que, cedendo, entretanto, á logica da sua propria consciencia e depois de longas caminhadas ao sol do estio, atravez de serras e campos desolados pelo calor abrasante, que esterelisa a terra e vence o homem, voltou á vida

regular da brilhante corporação a que pertencia.

Abandonado, entretanto, o capitão Penha, mais tarde, por altos personagens que o animaram a semelhante empreza politica, e tomando, por isso, o governador do estado, dr. Alberto Maranhão, agressiva posição, parallela a desse official, sentiu-se José da Penha enfraquecido, sem mais apoio á sua propaganda malsinada e começou o seu declinio moral. E este, já se fazia sentir ao ponto de ser Penha batido em distante localidade sertaneja, por um official de policia. Portanto, assim desconcertado, sem mais o prestigio dos primeiros momentos da luta, regressou Penha á cidade do Natal, onde ficou durante alguns dias prisioneiro do governador, sujeito aos maiores vexames de adversarios implacaveis.

Posto em liberdade mais tarde, por intervenção do governo federal no caso, foi Penha ter ao Ceará em cujas discordias politicas desde o primeiro instante se encontrou, arrastado pela fatalidade do seu temperamento irrequieto, fortemente envolvido.

Já então era inquietadora a situação do

estado cuja gravidade pouco depois se accentuou com as ultimas derrotas do governo e a investida das forças rebeldes sobre Miguel Calmon. Rareando os elementos de força que foram aprehendidos e aproveitados pelos cangaceiros do padre Cicero, desorientado com os desastres que se accumulavam e ainda pelo abandono systematico do governo federal, sem habitos de resistencia nos momentos difficeis, o presidente do Ceará sentiu as primeiras manifestações do desanimo a que devia ceder e, quasi vencido, apavorado, foi deixando que os acontecimentos tomassem o vulto que a fortuna indicasse.

Então, ante o rumor sinistro da tempestade que se aproximava da capital cearense o capitão Penha poz-se á frente de alguns pelotões de policia e patriotas mal armados e se dirigiu á estação de Miguel Calmon, afim de evitar a occupação da cidade pelos cangaceiros que, na loucura do saque facultado, tudo arrebatavam, na pressa da busca monstruosa, entregando por fim as casas vasias, os moveis que ainda ficavam, á raiva implacavel dos incendios.

O valente official não tinha noção exacta do que fosse uma luta com elementos sem ordem, producto do meio estragado em que se agitam e não cuidou de si.

E, dessa forma, despreoccupado das responsabilidades da direcção pessoal que lhe pesava, não tardaram as consequencias fataes do seu erro. Parece até que a vida já lhe pesava.

A 23 de fevereiro de 1914 o coronel Franco Rabello communicou ao presidente da republica que, no dia anterior, se havia travado um combate em Miguel Calmon, entre forças legaes do estado e os jagunços de Joazeiro. Atacando aquella posição ás 6 horas da manhã, os cangaceiros foram por completo derrotados, deixando no campo da acção muitos mortos, ajuntava o presidente. E, continuando, referia Rabello «que tinha immenso pesar em communicar ainda que havia sido morto pelos bandidos do padre Cicero o bravo capitão José da Penha». Lembrava mais o coronel que já não era o sangue do povo cearense que corria: começavam a ser immolados em tão desgraçada luta soldados dos mais valoro-

sos da republica. *(Jornal do Commercio* de 24 de fevereiro de 1914).

No combate de Miguel Calmon, informa Rabello tambem ao coronel Setembrino de Carvalho, os jagunços em sua maioria combateram com armas Kropstschk:

«Tinham sido apanhadas, no lugar do encontro, quatro dessas armas, usadas sómente na marinha de guerra». Penha havia sido morto por projectil da carabina russa, concluia o presidente Rabello. *(Jornal do Commercio* de 24 de fevereiro de 1914).

A *Folha do Povo,* do Ceará, escrevia: «Desde o começo da luta têm sido passados diversos telegrammas de Joazeiro para o almirante Alexandrino de Alencar. Um desses despachos dizia: Cheguei. Installei dynamite e electricidade em redor de Joazeiro».

O coronel Setembrino, comprehendendo que o momento era propicio para o desfecho da sua triste incumbencia, conferenciou repetidamente com Franco Rabello, empenhado sempre em convencer o seu camarada de que devia renunciar a presi-

dencia do estado, renunciando tambem todos os deputados á assembléa respectiva.

A' semelhante insinuação de uma impertinencia revoltante, declarou o coronel Rabello não lhe ser licito responder pela assembléa, que sempre havia primado pela sua independencia, mas que, de sua parte affirmava, jamais commetteria a ignominia de abandonar o seu posto, deixando os amigos entregues á sanha dos adversarios, nem comprehendia como se procurava tão feio procedimento a um soldado que tinha obrigação de honrar a farda do exercito. Para manter a dignidade do povo, dizia Rabello, estava disposto a morrer na luta, que não tinha provocado. *(Jornal do Commercio* de 26 de fevereiro de 1914).

A attitude de Setembrino junto ao coronel Rabello, combinava com o telegramma que o deputado Agapito dos Santos dirigira á uma pessoa de sua familia, na Fortaleza, no qual dizia que Pinheiro Machado contava arredar Franco Rabello do governo, sem agitação na capital. *(Jornal* ainda de 26).

Evidentemente Setembrino se achava bem apoiado pelo marechal Hermes que, em telegramma dirigido ao coronel Franco Ra-

bello, affirmava estar o seu delegado por elle revestido de todos os poderes para agir no sentido de levar a *bom termo* a missão de que o havia encarregado no Ceará.

Nesse momento a situação do Brasil assemelhava-se á da republica *Oriental do Uruguay*, sob a dictadura de Maximo Santos, mas o caudilho uruguayo agia por uma necessidade do seu temperamento sanguinario, obedecia a fatalidade do seu instincto perverso: era sua a responsabilidade dos actos que reduziam a terra de *Venancio Flores* a um paiz conquistado e depois saqueado. O presidente marechal Hermes, incapaz de utilisar-se do menor objecto que não fosse adquirido legitimamente, cedia no entanto ás machinações tendenciosas de elementos gastos nas intrigas da vida e tudo se afundava nas podridões dos charcos moraes.

O Brasil fazia recordar aos homens de coração a Roma dos imperadores dissolutos, gasta nos requintes do deboche, vencida pelas injustiças da tyrannia, humilhada pela incapacidade da sua propria acção conomica, por exemplo.

Estão ahi os individuos e os factos assignalados e registrados, para o historiador que os pretender lançar em paginas candentes. Basta para isso compulsar os jornaes do tempo, os discursos de Ruy Barbosa proferidos no senado, onde o grande orador philosopho se desabafava e desabafava os que não podiam fazel-o com a sua autoridade e o seu genio.

O Ceará foi o terreno escolhido para theatro das orgias sanguinarias que divertiam o governo da republica, cujo scenario rubro era, ás vezes, dirigido pelo ministro do interior e justiça, com revoltante habilidade.

O presidente daquella infeliz região bem comprehendia que era inutil qualquer reclamação junto ao governo federal, mas insistia sempre por dever do cargo cuja funcção lhe queriam arrebatar, afim de lhe darem substituto que fosse apenas um instrumento da politica central, resumida no senador riograndense.

Que valiam a constituição, os creditos e a honra da republica, ante a necessidade de realçar a vaidade de Pinheiro Machado, que a todos diminuia calculadamente para

crescer cada vez mais? Sacrificassem-se todos os interesses mais legitimos da nação, comtanto que se mantivesse integral o prestigio desse homem, realmente superior a todos que o cercavam!

Assim, o coronel Franco Rabello ainda atordoado pelos desastres dos ultimos dias no remoto sertão de sua terra, dizia ao marechal Hermes que o coronel Setembrino acabava de mandar forças federaes para o interior do estado, afim de proteger a marcha dos revoltosos e desarmar a policia militar. Isto acontecia, informava Rabello, na estação de Sebastião Lacerda, onde, por ordem do inspector regional, foram desarmadas todas as praças que regressavam á Fortaleza, acompanhando o cadaver do bravo capitão José da Penha e conduzindo varios feridos. «Tudo que vinha referindo se está praticando, ajuntava Rabello, com o fim de me obrigarem á renuncia do meu mandato, e concluia reaffirmando, num desabafo magoado: jamais commetterei essa ignominia».

O circulo de perfidias, em que haviam collocado o presidente do Ceará, cada vez mais se constringia, de modo que os seus

movimentos reaccionarios em busca da autoridade que lhe fugia, se neutralisavam de encontro aos maiores obstaculos, dia a dia, accrescidos de novos successos. E para quem appellar então, se tudo havia relatado ao presidente da republica em longos telegrammas de janeiro e fevereiro de 1914, inutilmente? No primeiro desses despachos punha em relevo a formidavel massa de sertanejos chefiados pelo padre Cicero, os quaes já tinham deposto as autoridades regulares de villas e cidades; tratava das depredações já praticadas pelos bandidos que, na vertigem do mal, levavam o assassinio, o incendio e o panico ás mais escusas paragens, sem dispor de meios que pudessem reprimir os crimes praticados por essa horda de barbaros; referia-se á suspensão immediata de pagamentos que deviam ser proximamente realisados no estrangeiro e, por fim, lembrava a triste perspectiva do quadro que se desenhava á sua vista, assombrada pelas scenas de sangue e de miseria no theatro de façanhas sem par, em sua desditosa terra, aliaz já cansada das maiores torturas da natureza inclemente, aos ardores dos estios violentos. No outro

telegramma o coronel Rabello falava de um capitão, seu inimigo rancoroso, que o governo mantinha na Fortaleza como um cerbero activo, para tel-o em constante ameaça, apezar das reclamações tantas vezes dirigidas á autoridade, afim de lhe darem outro destino; do prestigio com que o presidente da republica cercava esse official, cujos *meritos* fazia realçar por demonstrações publicas, contra a disciplina e a moralidade da administração militar, assim tambem dos actos revoltantes já praticados pelo famoso capitão, com quem contavam para tudo os seus adversarios politicos. Nesta situação dolorosa, agravada por novos acontecimentos na capital e no interior do estado, recebeu o coronel Franco Rabello um officio da associação commercial da Fortaleza, em que essa corporação lhe passava, por copia, a resposta que lhe dirigira o inspector da região a outro officio ditado pela necessidade que tinha o commercio de saber se poderia contar com efficazes garantias de vida e de propriedade, no caso de uma invasão dos cangaceiros á capital. *(Officio de 22 de*

março de 1914). A resposta era concebida nos seguintes termos:

«...Que a força federal garantiria o direito de vida e propriedade sempre que ameaçado e quando a autoridade estadual fosse incapaz de assegural-o. Certo era que se se viesse a travar uma acção nas ruas da cidade entre as forças *belligerantes*, mui difficil seria e quasi impossivel, tornar effectivas aquellas garantias, pois a intervenção da força federal nesse momento critico, dar-lhe-ia as proporções de um terceiro combatente, envolvendo-se, portanto, em uma luta á qual devia ser estranho; que mandava a prudencia, o patriotismo e o sentimento de humanidade, que os elementos conservadores da capital fizessem convergir seus melhores esforços no sentido de evitarem que a cidade viesse a ser theatro de uma luta fraticida, de lamentaveis consequencias». E lembrava o coronel Setembrino a renuncia dos cargos de presidente, vice-presidente e membros da assembléa legislativa de ambos os partidos e de resto a entrega da administração ao governo federal, que resolveria como melhor aconselhassem os interesses do estado. *(Officio á*

associação commercial de 27 de fevereiro de 1914.) Era o que já tinha praticado directamente com Franco Rabello.

A insinuação ao commercio era habil, oportuna. O chefe da região traçou a formula pela qual poderia ver-se livre do presidente do estado, sem entrar com os elementos da força sob suas ordens e, durante alguns minutos, sentiu o desafogo de uma pressão que lhe esmagava a consciencia, cujo sentimento cedia ás tentações da *gloria* que outros, até então, não quizeram conquistar.

A associação commercial, entretanto, fez que não comprehendia semelhante manobra politica e apenas passou a Franco Rabello o plano do generoso pacificador militar.

Por outro lado, o presidente da republica querendo abreviar a queda do coronel Rabello e, em resposta á narrativa deste official nos telegrammas cujo sombrio quadro transmittira ao chefe da nação, este por acto de 9 de março, decretou o estado de sitio para o Ceará, suspendendo-se em consequencia desse acto todas as garantias constitucionaes, até o dia 31 daquelle mez.

Transmittindo por copia o texto desse documento ao presidente do estado, o coronel Setembrino declarou que poria em pratica todas as medidas repressivas que julgasse necessarias para garantia da ordem, da liberdade e do trabalho. (Officio de 10 de março de 1914).

Esmagado ante a realidade dos acontecimentos que denunciavam a sua precaria situação, o coronel Franco Rabello ainda quiz disfarçar as torturas de tamanhas violencias e dirigiu mais uma suplica, em forma de queixa, ao chefe da região militar. Era um desencargo da sua consciencia, attribulada por tantas decepções crueis, era o ultimo brado do seu espirito revoltado contra as injustiças dos homens sob cuja guarda estavam os destinos da nação.

Referia que varios grupos armados estavam invadindo as villas mais proximas da cidade, commettendo toda a sorte de desatinos, emquanto a população fugia, abandonando seus lares e seus haveres.

Denunciava que, na propria vigencia do estado de sitio, se encontravam desordenados bandos praticando novos attentados

contra as autoridades legitimas, regionaes, contra a liberdade individual e contra o livre transito no interior do estado. Haviam deposto as camaras municipaes de duas localidades indefesas, apoderando-se dos documentos archivados e que ameaçavam os suburbios da capital, já sob a acção de formidavel cerco, em risco de escasseiarem recursos essenciaes de alimentação e de vida. O coronel Rabello sabia que, no empenho de resalvar os interesses do seu governo, o representante da força federal nenhuma providencia tomaria, mas pretendia fazer acreditar que estranhava o descaso do seu collega em tal sentido, tanto mais quanto tudo se agravava pela *contingencia* em que o collocava o estado de sitio, que o privava de *agir livre e efficazmente para repressão de taes attentados* e concluia allegando o facto de se haver obrigado, como anteriormente o scientificara, a dar ordens para retirarem das *trincheiras, construidas para defesa da capital, os patriotas de serviço ali, fazendo-os desarmar, confiado, como estava, na acção dos poderes federaes, então empenhados,* segundo affirmava, *no restabelecimento da ordem*

publica do estado. E Franco Rabello appellava para as graves responsabilidades do inspector regional, afim de que este o arrancasse das difficuldades que o assoberbavam em tal momento da sua vida politica.

O coronel Setembrino, porém, tinha o seu plano, que lh'o traçaram no Rio de Janeiro, para a deposição do presidente do Ceará e sorria, intimamente, ás angustiosas reclamações, cada vez mais afflictivas da autoridade maxima do estado, desprestigiada, vencida, para satisfação de caprichos perversamente alimentados por chefes de uma politica pessoal, nessa phase em que o autoritarismo e o deboche suplantavam as melhores normas do direito e da justiça. E em vez de levar ao seu collega uma palavra, ao menos de conforto, o chefe da região militar respondeu-lhe em 15 de março — que o presidente da republica acabava de expedir o seguinte decreto que o investia das funcções de interventor no respectivo estado: «Considerando que o estado do Ceará se encontra em uma situação antagonica com a moralidade constitucional da republica, sujeito a dois governos, um exer-

cendo a sua autoridade sobre todo o territorio e apoiado em forças que o tornam effectivo e outro redusido á posse da cidade da Fortaleza, onde o protege o impedimento oposto pelo governo da união ao ataque dessa capital; considerando que desprovido de elementos para exercer a sua autoridade no estado, o dr. Marcos Franco Rabello não pode garantir aos habitantes do Ceará os direitos que a constituição da republica lhes assegura, nem assegurar no estado a pratica da forma republicana do governo, que não se adultera sómente pela adopção de instrucções legaes a elle contrarias, mas tambem pelo desrespeito que tornam illusorias na sua aplicação os ditames legaes, quando aliaz a constituição federal submette expressamente pelo artigo 63 os estados a se regerem, respeitando os principios constitucionaes da união; considerando que nessa situação de facto, decorrente da accusação de illegitimidade com que o ataca o governo que domina todo o estado, o dr. Marcos Franco Rabello está virtualmente despido de qualquer autoridade e na impossibilidade de readquiril-a pela falta averiguada de elementos; considerando que

não fora licito ao governo nacional repol-o *ex-officio* no exercicio da autoridade que lhe é contestada com argumentos juridicos, amparados na vontade da população do estado, revelada exuberantemente no vigor da revolução que apoia a assembléa e o governo installados em janeiro, nem, em taes casos, conceder-lhe meios para esse fim, sem o exame previo da legalidade do seu mandato; considerando tambem que quaesquer que sejam os titulos de legitimidade com que se procura amparar o governo sustentado pela revolução victoriosa naquelle estado, seu reconhecimento seria a consagração, pelo governo federal, da rebeldia como meio de dirimir as contendas acerca da legitimidade de poderes ou de alcançar o predominio e as posições politicas locaes; considerando ainda que esse reconhecimento solicitaria o emprego de medidas de verificação impossiveis no estado de luta em que se acha o Ceará, que reclama para bem de sua vida, como para a pratica normal das instituições e cuidados dos interesses supremos da republica, uma solução rapida e efficaz; considerando que a constituição federal garante aos habitan-

tes dos estados o goso de instituições locaes e republicanas — artigo 63 — e como sancção pratica a essa garantia contém a disposição do artigo 6.º n. 2, que autoriza o governo federal a intervir nos negocios peculiares dos estados para assegural-a; considerando que o estado de acephalia do governo regular em que se encontra o Ceará caracteriza nitidamente a situação que reclama o emprego dessa medida; considerando tudo isso e mais o dever que lhe incumbe, como chefe do governo nacional, de prover de modo que sejam em sua plenitude garantidos aos habitantes do paiz todos os direitos que lhes reconhece a constituição e de assegurar a paz interna na nação, resolve intervir, na forma do artigo 6.º n. 2, da constituição da republica, no estado do Ceará, nomeando para represental-o nesse acto de exercicio da autoridade federal, o coronel Fernando Setembrino de Carvalho, que desempenhará essa funcção cumulativamente com a de inspector da quarta região militar e, assumindo o governo do estado, se regerá pelas instrucções que este acompanham, expedidas em meu nome pelo ministro da justiça e negocios

interiores. Rio de Janeiro, 14 de março de 1914. — *Hermes da Fonseca.* — *Herculano de Freitas*».

Quem não conhecesse as urdiduras do governo nessa comedia que elle proprio architectara para as suas violentas distracções, havia de achar, no documento que ahi fica registrado, a mais vigorosa justificação para os actos que praticava, em nome da lei e da constituição federal.

Sabe-se, porém, como se preparavam, nos remotos sertões do Ceará, os bandoleiros que se deviam encontrar ao serviço da desordem e que tanto mal causaram ao bello estado do norte. Para essas regiões distantes entravam, segundo accusavam as folhas do Rio de Janeiro e da Fortaleza, pelos estados visinhos respectivos, abundantes armas e munições para os rebeldes, ao passo que, na alfandega do estado, se prohibia o despacho de material de guerra para as forças em serviço no interior, o transporte tambem de armas e munições pelas estradas de ferro, com aquelle destino e o transito de pessoal armado para os acampamentos das tropas legaes. Os homens de mais responsabilidade moral e politica do

paiz, conheciam essas miserias de um governo que já estava cançado de desprezar o povo, ainda em nome da lei fundamental do paiz, mas achavam que tudo isso corria á feição das aspirações nacionaes. As classes armadas sentiam que a desorganização mais affrontosa estragava-lhes o estimulo e matava-lhes as mais legitimas aspirações, porque nem as promoções já obedeciam aos ditames da justiça, mas entristecidas, humilhadas, aguardavam resignadamente o termino de tão sinistro momento historico. O paiz se afundava no lodo das paixões as mais desenfreadas; gastavam-se loucamente, arrogantemente, as ferias diarias do thesouro e de todas as repartições arrecadadoras, para que ninguem dissesse que havia penuria no governo, cuja sumptuosidade era preciso manter até o fim. E quando alguma contrariedade surgia no meio desse concerto macabro, vingavam-se lançando as vistas flammejantes para os estados insubmissos do norte, até alcançarem as ruinas e as cinzas ainda quentes de cidades e campos incendiados do Ceará. Respiravam, mas a obra estava incompleta.

Accendia-se-lhes de novo o odio contra

as pretenções de resistencia daquella nobre terra perseguida e uma ordem a mais partia para se abreviarem os momentos que ainda restavam ao coronel Franco Rabello, na direcção do heroico estado. Os ultimos actos deram a nota da investida sobre a praça abandonada e o chefe da região militar executou a manobra sem se expôr a um disparo sequer de carabina, apenas com o seguinte aviso, no mesmo dia 15 de março de 1914: «Tenho a honra de communicar a v. ex. que, em cumprimento do determinado em decreto de hontem, que me investiu nas funcções de inspector do governo federal neste estado, assumi ás 15 horas o governo do Ceará, neste quartel general, em presença do commandante e officialidade da divisão de crusadores e do desta guarnição, presidente do tribunal da relação do estado e mais desembargadores, autoridades civis e pessoas gradas».

O presidente do estado contava decerto com esse desfecho, mas aparentando uma revolta que já não devia sentir, respondeu nos seguintes termos: «Em resposta ao officio de v. ex. datado de hoje, tenho a communicar que em obediencia aos deveres e

attribuições do honroso cargo administrativo que me confiou o estado do Ceará, não devo submetter-me passivamente á intimação constante do dito officio de v. ex. e ainda uma vez, reiterando meu protesto contra os actos lesivos á autonomia deste estado, praticados por v. ex. e pelo governo federal, e contestando os fundamentos do decreto do exmo. sr. marechal presidente da republica, de hontem, em que resolveu intervir neste estado, nos termos do artigo 6º, n. 2, da constituição da republica, declaro publica e peremptoriamente que mantenho em toda a sua plenitude e integridade o exercicio das funcções de presidente deste estado, das quaes poderá v. ex. se apossar quando quizer e como entender, na certesa de que, cedendo eu ao direito da força, ao acto injusto e violento do exmo. sr. marechal presidente da republica, pugnarei em todo o tempo e oportunidade pelo direito que me assiste de presidente do Ceará, legitimamente eleito e legalmente reconhecido pela assembléa legislativa deste estado e pelo concurso unanime de todos os poderes da união».

Desta forma violenta, grosseiramente

premeditada, cessou no dia 15 de março de 1914 a autoridade do coronel Marcos Franco Rabello no estado do Ceará, cujos destinos dirigia desde 1912.

O coronel Franco Rabello mandou entregar as chaves de palacio ao coronel Setembrino de Carvalho e este, seguro de que o presidente deposto não empregaria os seus elementos de força em uma legitima reacção contra a violencia que praticava, em nome da constituição e da *humanidade,* em telegramma que os jornaes da capital federal publicaram nas respectivas edições de 16 ainda de março daquelle anno de 1914, congratulou-se com os ministros da guerra e da justiça, bem assim com o senador Pinheiro Machado, por tão *patriotico resultado, que fizera a população sensata da capital ficar livre da anarchia que perturbava a sua vida.*

XIV

O presidente da republica pensa nos estados insubmissos. — Transferencia de officiaes. — Ameaças ao governo de Pernambuco. — Aproxima-se o fim do governo Hermes. — Pinheiro Machado e o povo. — Apoio ao marechal Hermes. — Officiaes generaes e jornalistas continuam incommunicaveis. — Credores do Governo exigem pagamentos. — Emissão de papel inconversivel. — Orgia administrativa. Pinheiro Machado e o futuro governo. — Pinheiro não é pelo estado de sitio prolongado. —A nação se agita. — O presidente evita o povo. — Este detesta Pinheiro, mas respeita-o. — Um official é morto no meio do povo. — Chega o presidente eleito. — Organização ministerial. — Pinheiro avulta mais ante os seus partidarios. — Partida do marechal Hermes para Petropolis. — Conclusão.

Com a restituição integral do Ceará á politica do terror, ainda dominante no paiz, sentiu-se o presidente da republica aliviado de aborrecimentos que, ás vezes, lhe irritavam os nervos e pensou mais attentamente nos outros estados sobranceiros ás

suas ameaças, detendo-se desde logo em Pernambuco.

Estado grande, prospero, cujo governo se havia declarado radicalmente oposto á politica do senador Pinheiro Machado, a quem francamente hostilisava por seus representantes no congresso federal e suas manifestações conhecidas, em que sempre evidenciara a sua orientação contraria aos processos daquelle chefe politico, o governador de Pernambuco poz-se em attenta guarda, afim de rebater os golpes de força que lhe fossem arremessados de improviso, por agentes do marechal Hermes ou do senador Pinheiro. Este, acreditando que da união do pessoal do dr. Rosa e Silva com dois deputados que se haviam separado da bancada pernambucana, formaria elementos capazes de enfrentarem vantajosamente o general Dantas Barreto, conseguiu o seu primeiro objectivo, mas o resultado foi por completo nullo.

Do Rio de Janeiro partiu para o Recife o antigo deputado Estacio Coimbra afim de tentar um movimento reaccionario contra o general Dantas, mas o exito dessa missão politica foi positivamente negativo. Rece-

bido em seu desembarque, na capital de Pernambuco, por muitos populares e varios amigos pessoaes de usinas do interior, o dr. Estacio falou a essa gente com assomos tendenciosos, mas apenas conseguiu que um dos seus correligionarios lembrasse a conveniencia de ser o governador *enterrado vivo*. O povo, porém, não concordando com semelhante processo barbaro, foi pouco a pouco abandonando o emissario conservador o qual, por fim, chegou á sua residencia quasi só. Resultou de tudo isso a população do Recife começar a movimentar-se para prestigiar cada vez mais ao general Dantas Barreto, que não podia aparecer nas ruas, nos theatros, em qualquer estabelecimento publico ou particular, sem receber freneticas saudações das massas que se formavam rapidamente. Por fim, procuraram os oposicionistas envolver nas suas combinações a força federal, mas só um official superior, então do 49 de caçadores, divorciado dos seus companheiros na escola da honra militar, se foi deixando conduzir por caminhos escabrosos, até provocar fortes reparos á sua conducta leviana.

Não sendo possivel contar com a força federal para um assalto ao governador do estado, foram quasi todos os officiaes retirados da guarnição, de modo que ficasse o caminho desbravado e se removessem os obstaculos que impedissem de chegar ao general, o qual devia ser retirado do governo fosse qual fosse o processo escolhido para esse fim. E como o prefeito da capital era capitão do exercito, mandaram-no tambem recolher-se ao seu regimento, no estado do Paraná, apezar de haver esse official assumido o seu cargo civil com permissão da autoridade federal competente.

Como estava, Pernambuco era uma affronta que Pinheiro não podia suportar! Era preciso *dar saltos no ar* para resistir ás solicitações do *homem,* diziam os intimos do senador, nas suas confabulações quotidianas.

E contava-se a cada momento com a queda do general Dantas Barreto.

Já se indicavam candidatos ao governo do estado, seguros da proxima queda do general, mas este era indifferente a tão irri-

tantes manobras, seguro de que estava cumprindo o seu dever em Pernambuco.

Passavam-se as horas e os dias sem a menor alteração da ordem publica; aproximava-se o fim da situação negra, sem uma demonstração violenta, sequer, contra o governador do estado; a gente de Pinheiro desesperava do momento tantas vezes esperado com a volupia das ambições incontinentes, mas de repente um telegramma expedido do Rio de Janeiro, calculadamente, trazia um novo alento, fazia agitar os nervos aos que nunca desanimaram da empreza. E alentados por esse sopro de vento morno, ainda uma vez os corvos adejavam, em bandos já rareados, sobre a cidade calma, onde nem ao menos encontravam as podridões de outros tempos, para os seus repastos abundantes. Desenganavam-se mas corvejavam sempre. Concentravam ainda as suas esperanças no governo federal, porém, o governo federal, desamparado da opinião publica e acossado pelo ridiculo o mais inclemente que registra a historia do riso, desde Aristophanes até hoje, escondia-se atraz das muralhas do estado

de sitio e assim ia vivendo a vida dos tyrannos que esperam a sua queda proxima.

Então o aspecto da gente que cercava o marechal Hermes, na decadencia deste official democrata, tinha as proporções do terror que produz loucuras violentas. Só um homem, dos que o precipitaram nas crateras de profundo vulcão moral, se mantinha sereno e altivo: esse homem era Pinheiro Machado.

O chefe conservador tinha-se habituado a dominar o povo, de quem, entretanto, nunca procurou aproximação; conhecia-lhe praticamente as paixões, a volubilidade de que é susceptivel; sabia que para dominal-o, bastava, muitas vezes, um gesto audacioso, uma frase candente, e passava pela multidão que o hostilisava surdamente, impavido, magestoso e até provocante. Era tal a confiança que tinha em si proprio, o despreso que lhe mereciam os individuos em cujo meio exercitava a sua actividade moral e politica, que, decretado o estado de sitio, elle reprovou o acto do presidente da republica, dizendo: «que bastavam quatro dias apenas, para acalmar os espiritos irritados». Durante esse tempo, acrescenta-

va o senador, *enchia os quarteis, as cadeias, as fortalezas, os navios de guerra e depois ia soltando tudo, á proporção que lhe fossem pedindo.* Este facto dá exactamente a medida do indifferentismo brasileiro pela sua sorte, nesse momento angustioso do paiz. Um homem só, conduzido pela audacia que nunca o abandonara, sobrepoz-se a uma nação de vinte e cinco milhões de habitantes, em grande parte conformada com o seu destino.

Pinheiro Machado não estava pelo estado de sitio, affrontosamente prorogado com a collaboração do congresso legislativo, mas nunca o marechal Hermes tivera o seu apoio mais franco e decidido!

Percebiam-se em Pinheiro Machado os traços fortemente accentuados da organização aliaz muito complexa de *Wentworth,* quasi com os mesmos impulsos arrojados do conselheiro privado de Carlos I. Tinha o seu apoio compromettido com o presidente da republica, em troca do poder que este lhe transmittira e nunca o abandonaria, mesmo com o sacrificio da sua vida. Se não o deleitava o estado de sitio, como pa-

recia aos seus inimigos, tambem não o inquietava isso.

Era mais uma cartada no jogo das suas audacias. Era tambem do seu temperamento a acção mais activa em defesa dos seus amigos, como a reacção mais violenta contra os adversarios. Officiaes superiores do exercito, generaes e jornalistas distinctos permaneciam incommunicaveis, aprehensivos da sorte que lhes aguardava o dia seguinte, ao passo que o presidente da republica dava banquetes e recepções quasi fantasticas, a que comparecia toda a gente que se habituara ás alegrias do Cattete.

A imprensa diaria, obedecendo á censura cada vez mais exigente da policia, silenciava os actos violentos do governo e apenas Ruy Barbosa, no senado, pintava com os processos da sua technica maravilhosa o quadro sombrio de toda essa sociedade vencida, entregue á sua propria sorte.

O presidente da republica vendo, então, o mundo pelo prysma que mais o satisfazia, acreditava que o povo brasileiro vivia feliz como elle e, em toda a parte onde apparecia, frequentemente nos ultimos tempos, se mostrava radiante, orgulhoso da sua

obra sem par, genialmente architectada durante quatro annos, dia a dia, e a cujo remate lamentava não poder assistir.

No meio, porém, de tudo isso se haviam esgotado as ultimas moedas do thesouro nacional e os credores da fazenda publica, assoberbados pela crise interna e pelo desequilibrio economico que abalava o mundo, sem mais confiança no governo, exigiam o pagamento de suas contas, tantas vezes promettido e outras tantas vezes transferido por falta de recursos.

O clamor do commercio e de todas as classes trabalhadoras do paiz, chegava indiscretamente, impertinentemente aos salões do Cattete e o presidente da republica começava a sentir os atordoamentos de tão alarmante situação. Appellou-se então para uma avultada emissão de papel moeda, na esperança de contentar os elementos mais desgostosos da capital da republica. O congresso concordou com essa medida desesperada, como já havia concordado com outras mais perigosas, e o presidente da republica respirou um momento, convencido de que, ante a espectativa de centenas de

milhares de contos que iriam abarrotar as arcas do thesouro, os despeitados lhe não perturbariam a popularidade, cujos ecos já sentia no seu caminho para a gloria.

Examinaram-se, entretanto, com demorado zelo as responsabilidades do governo e chegou-se á conclusão de que estas haviam chegado tão longe que deviam produzir o assombro do paiz inteiro.

E foi o que succedeu.

As folhas da epoca registraram com a exactidão feroz de algarismos impecaveis, o custo das orgias administrativas que tanto comprometteram a honra da nação, mas ainda não era tudo, porque só depois de 15 de novembro foi que se conheceu a vastidão dessa obra nefasta.

Aproximava-se o fim do periodo governamental. A anciedade brasileira crescia na proporção das esperanças que uma nova situação politica trazia.

Fazia-se o julgamento do governo, desassombradamente, mas ainda se temia o senador Pinheiro Machado. A influencia deste homem no espirito dos seus partidarios, tinha as proporções do fanatismo com que um socialista moderno abate o tyran-

no que lhe cabe por sorte eliminar do mundo. E havia rasão para isso, porque Pinheiro Machado tinha as qualidades mais salientes de *Hampden:* tão ousado como circumspecto.

Seria como o grande revolucionario inglez, uma vez o Brasil nas mesmas condições da Inglaterra, comtanto que abandonasse os processos que o diminuiam.

Já ninguem contava com o presidente da republica, mas todos, segundo a sua divisa politica, pensavam na acção que teria Pinheiro junto ao governo que vinha.

Os que o não suportavam temiam-no pela continuação da sua influencia na administração que se esboçava, ainda sem compromissos.

A imprensa da capital, dizendo-se bem informada sobre o momento politico, trasia diariamente listas de ministerios, em cuja organisação figuravam, principalmente, os amigos de Pinheiro. Não se acreditava que este pudesse cair bruscamente, apoz haver concentrado todos os poderes da nação e isso fazia o desespero dos adversarios do chefe conservador. Viria a revolução, esbravejavam os adeptos do senador,

se o dr. Wenceslau Braz não desse uma feição absolutamente pinheirista ao seu governo. Era preciso que Pinheiro, diziam alguns, continuasse na direcção politica nacional, para garantia dos seus amigos. Não preoccupava essa gente sem responsabilidade a grandeza da patria; isso pouco a inquietava; o que a levaria fatalmente ao desespero, seria um golpe nos seus *sagrados direitos*. Não se conquistava, assim, uma situação politica para entregal-a aos que levavam a maldizel-a. Essa gente insaciavel ainda não havia attingido á culminancia das suas ambições. Portanto, Pinheiro ou a revolução.

Pinheiro tambem se inquietava com a successão presidencial imminente, mas disfarçava com habilidade.

Minas Geraes confiava na acção dominadora que o futuro lhe destinava, comtanto que não mudasse o curso dos acontecimentos. Estava segura do seu valor no paiz desde que o dr. Wenceslau Braz assumisse a presidencia da republica.

E os outros estados da antiga colligação? Estes acreditavam numa organização em que figurassem elementos de Pinheiro Ma-

chado, mas não julgavam o futuro presidente capaz de entregar-se ao chefe conservador, por combinações politicas recentes ou por medo. Portanto, S. Paulo, Bahia, Rio de Janeiro e Alagoas, no meio da atmosphera de duvidas em que se encontrava o povo brasileiro, mantinham uma attitude sympathica, serena.

A nação inteira se agitava para conhecer da sua sorte, depois dos mais vexatorios excessos de autoridade, de corrupção e de affronta á justiça.

Tinha assistido o espectaculo de todas as loucuras a que conduz a politica sem normas, a administração sem escrupulos, a vaidade arrogante, a paixão do luxo, o desregramento dos prazeres insaciaveis: estava exhausta de tantas emoções agudas! Podia confiar no porvir?

Eis a interrogação do momento.

Cessou, por ultimo, o estado de sitio que vinha de 4 de março de 1914, no Rio de Janeiro.

Quinze dias depois teria lugar a passagem do governo ao presidente eleito. A capital começou a movimentar-se, mas tudo parecia deter-se outra vez em vaga descon-

fiança. Falava-se em dictadura, em volta á monarchia, em revolução e em todas as extravagancias de que é susceptivel a imaginação do povo nas situações anarchicas.

O presidente da republica, apezar de sentir o vasio que se lhe fazia em torno, parecia estranho ás aprehensões da população inquieta e já então se concentrava nos recessos do palacio presidencial, para não ouvir claramente as vozes indiscretas da massa que se revoltava por necessidade de agir.

O papel moeda que se havia emittido fartamente, para calar a grita dos credores impenitentes, escoara-se nos primeiros dias da sua entrada no thesouro nacional, sem chegar para attender a metade sequer dos compromissos publicos e, portanto, continuava o clamor pelos pagamentos tambem de outras contas que iam aparecendo, em todos os ministerios, aos milhares de contos.

Os jornaes independentes, apavorados com o que se ia desvendando quotidianamente, atravez de tanta immoralidade administrativa, com caracteres de fogo pintavam o quadro degradante de todas essas palpitantes miserias, mas já não havia re-

medio para o desastre da nação em crise universal.

Pinheiro Machado estava convencido da indignação que a sua influencia junto ao governo provocava, mas desafiava as massas com o seu desprezo. O povo detestava-o até as grandes expansões do odio, porém, respeitava-o sempre. Era um segredo seu e é o segredo de todos os homens fortes nas mesmas conjunturas.

O objectivo principal de Pinheiro Machado, então, era formar uma atmosphera de sympathia em torno do marechal Hermes, para que o seu amigo deixasse airosamente o Cattete. Era tambem o empenho de outras pessoas mais aproximadas do presidente, por sentimentos affectivos ou de solidariedade na desdita.

Era indifferente o emprego dos meios para o fim collimado!

Assim é que se mandaram para a avenida mais frequentada da capital agentes decididos, afim de conseguirem aclamações do povo ao marechal Hermes, embora esse processo custasse muito dinheiro, sem os resultados que se presumiam. E, em tal missão pouco edificante, tombou sem vida

um 1.º tenente do exercito, com os bolsos cheios de notas do thesouro, varado por uma bala de revolver, empunhado com firmesa, do meio do povo irritado.

Aproximava-se o termo do periodo presidencial e o dr. Wenceslau Braz a 12 de novembro chegou ao Rio de Janeiro, em festas. Compacta e vasta multidão aguardava o presidente eleito, nas immediações da estação central. Tudo que havia de mais representativo na politica, na administração, na magistratura, na sciencia, no commercio, na industria, nas letras, no exercito e na armada estava ali, afim de victoriar o illustre brasileiro que chegava, para o desempenho da mais alta funcção em seu paiz. Ao descer do vagão que o conduzira, o dr. Wenceslau Braz teve a primeira impressão da responsabilidade que vinha a seu encontro; sentiu decerto as violentas pulsações do coração do povo que o esperava confiante, apoz uma noite de dous annos na politica e na administração da republica.

As manifestações que o seguiram da estação da estrada de ferro ao *Metropole*

Hotel, nas Laranjeiras, foram das mais ruidosas que se têm presenciado na capital brasileira. O dr. Wenceslau Braz devia comprehender que sem Pinheiro Machado, livre de qualquer influencia partidaria, resoluto, estaria com o povo, que apenas queria um homem no governo do paiz.

O ministerio foi, desde logo, o assumpto natural de todas as conversações. Falou-se de um ministerio que o presidente trouxera de Itajubá, cuja composição fora reprovada pelos conservadores e aceita com enthusiasmo pelos antigos colligados. Disse-se, então, que o senador Pinheiro, informado de semelhante composição, contraria aos interesses politicos do seu partido, significara a sua impressão de desagrado ao dr. Wenceslau Braz e que, num gesto dominador, cerrando as sobrancelhas negras e baixando a vista sobre o tapete do salão, manifestara-se deste modo ironico: «Sim, senhor — está muito bom — mas quem o defenderá no governo?»

Correu ainda com insistencia que, avisado por tal forma sobre esse projectado ministerio, o dr. Wenceslau Braz resolveu modificar a composição que trouxera de

Itajubá. O que é verdade é que no dia 14, pela noite avançada, sabendo-se da organização definitiva de tão falado governo, o desapontamento do povo não podia ser mais completo nem mais desolador.

Pinheiro Machado tinha crescido ainda mais ante os seus amigos e admiradores, porém no outro dia o dr. Wenceslau Braz se convenceu de que havia subido ao governo da republica por um caminho errado.

O povo continuava a procurar um homem!

O marechal Hermes, abandonado nos salões do Cattete, depois da posse do presidente eleito, parecia ter a impressão das grandes quedas moraes!

A praça e as immediações de palacio estavam repletas do povo que se queria despedir do ex-presidente da republica, com as manifestações da sua revolta em explosão.

Não era um sentimento generoso de quem se podia ter vingado com as armas de cavalheiro, no exercicio de pleno direito, mas o povo tem os seus processos de que se utilisa como entende. Nesse momento angustioso talvez o marechal Hermes, recapitulando a historia da sua vida mais

recente, tivesse uma infinita saudade dos que lhe foram sempre fieis, dos seus amigos desinteressados, cujas alegrias francas o acompanharam até aos sumptuosos salões do palacio presidencial. E então, ainda concentrado em profunda meditação, talvez philosophasse sobre os homens que haviam jurado acompanhal-o na fortuna como na desventura e que depois o abandonaram na primeira curva do seu doloroso caminho.

Por fim, partiu o marechal para a bella cidade de Petropolis, acompanhado do presidente da republica, dos ministros de estado e de alguns camaradas fieis do exercito, até a estação da *Praia Formosa.*

No entanto, melhor seria que houvesse partido para as solidões de perpetuo exilio, por ter sido um forte ao seu proprio serviço. E, assim, daria, ao menos, uma ideia remota de *Napoleão I* ao deixar os jardins de *Malmaison* para o seu tumulo de Santa Helena.

FIM

N. 861 — Composto em linotypo e impresso na machina n. 6, nas Officinas Graphicas da Livraria Francisco Alves, em Outubro de 1917.